



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

VIII Legislatura

Número: 45

II Sessão Legislativa

Horta, Quarta-Feira, 28 de Junho de 2006

**Presidente:** *Deputado Fernando Menezes (Substituído no decorrer da sessão pelo Vice-Presidente, Deputado Costa Pereira)*

**Secretários:** *Deputados António Loura e Cláudio Lopes (substituído no decorrer da sessão pelo Deputado Luís Henrique)*

### Sumário

*Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 15 minutos.*

Após a chamada dos Srs. Deputados, foram apresentados pelos Grupos Parlamentares do PS e do PSD, dois **Votos de Saudação** “pelos 25 anos de elevação a cidade da Ribeira Grande”.

A apresentação dos votos coube aos Srs. Deputados José Rego (*PS*) e António Pedro Costa (*PSD*), seguindo-se a votação que registou a aprovação unânime por parte da câmara.

Em seguida iniciou-se a **Agenda da Reunião** com a apresentação da **Proposta de Decreto Legislativo Regional – “APIA – Agência para a Promoção do Investimento dos Açores, EPE”**, pelo Sr. Vice-Presidente do Governo (*Sérgio Ávila*).

Aberto o debate, usaram da palavra os Srs. Deputados António Marinho (*PSD*), Artur Lima (*CDS/PP*), José Rego (*PS*), Ana Isabel Moniz (*PS*), Jorge Macedo (*PSD*), Pedro Gomes (*PSD*), Clélio Meneses (*PSD*), Lizuarte Machado (*PS*), Rogério Veiros (*PS*), Francisco Coelho (*PS*) e os Srs. Secretários Regionais da Presidência (*Vasco Cordeiro*) e da Economia (*Duarte Ponte*).

Submetida à votação, a proposta foi aprovada por maioria.

O segundo ponto da Agenda da Reunião **Proposta de Decreto Legislativo Regional – “Contratos-Programa de Investimento com interesse para o Desenvolvimento do Turismo dos Açores”**, foi aprovado por maioria.

Proferiram intervenções o Sr. Secretário Regional da Economia (*Duarte Ponte*) e os Srs. Deputados António Marinho (*PSD*) e Ana Isabel Moniz (*PS*).

Sobre a **Proposta de Decreto Legislativo Regional – “PROENERGIA – Sistema de incentivos à produção de energia a partir de fontes renováveis”**, usaram da palavra os Srs. Deputados Jorge Macedo (*PSD*), Lizuarte Machado (*PS*), Artur Lima (*CDS/PP*), bem como o Sr. Secretário Regional da Economia (*Duarte Ponte*).

O diploma em apreço foi aprovado por unanimidade.

Ao abrigo do disposto no artigo 183º do Regimento, foi apresentada, pelo Grupo Parlamentar do PSD, uma **interpelação ao Governo Regional sobre “Política de transportes inter-ilhas”** .

No debate usaram da palavra os Srs. Deputados Jorge Macedo (*PSD*), Artur Lima (*CDS/PP*), José Manuel Nunes (*PSD*), António Gonçalves (*PSD*), António Marinho (*PSD*), José Rego (*PS*), Lizuarte Machado (*PS*), Francisco Coelho (*PS*), Mark Marques (*PSD*) e o Sr. Secretário Regional da Economia (*Duarte Ponte*)

Para encerrar o debate, usaram a palavra o Sr. Deputado Clélio Meneses (*PSD*) e o Sr. Presidente do Governo Regional dos Açores (*Carlos César*).

Seguiu-se a **Análise e parecer ao relatório no âmbito da Resolução da ALRAA nº 5/2006/A, de 14 de Abril, que "Resolve encarregar a Comissão Especializada Permanente de Economia de, nas suas funções de acompanhamento da actividade governativa, se ocupar especificamente da verificação das condições em que foi realizado o concurso e procedimento de negociação da adjudicação do serviço público de transporte marítimo de passageiros e viaturas nos Açores e de apreciar as condições estabelecidas para a concretização do referido serviço"**.

Apresentado o relatório pelo Sr. Deputado Henrique Ventura, relator da Comissão de Economia, usaram da palavra os Srs. Deputados António Marinho (*PSD*) e Artur Lima (*CDS/PP*).

Sobre a **Proposta de Decreto Legislativo Regional - "Medidas preventivas aplicáveis na zona de expansão da Escola Básica dos 1º e 2º Ciclos/Jardim-de-Infância da Ponta da Ilha"**, interviram os Srs. Deputados Lizuarte Machado (*PSD*), Cláudio Lopes (*PSD*) e o Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência (*Álamo Meneses*).

Feito o debate passou-se à votação tendo-se verificado a aprovação por unanimidade da respectiva proposta.

*(Os trabalhos terminaram às 20 horas)*

**Presidente:** Srs. Deputados, bom dia.

Conforme ficou acordado, vamos apenas fazer a apresentação de 2 votos e depois entramos na Agenda da Reunião.

Antes disso tem a palavra o Sr. Secretário para fazer a chamada.

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados*

**Partido Socialista (PS)**

**Alberto da Silva Costa**

**Ana** Isabel Damião de Serpa Arruda **Moniz**  
**António** Gonçalves Toste **Parreira**  
**António** José Tavares de **Loura**  
**Catarina** Paula Moniz **Furtado**  
**Cláudia** Alexandra Coelho Cardoso Meneses da **Costa**  
**Fernanda** Correia Garcia **Trindade**  
**Fernando** Manuel Machado **Menezes**  
**Guilherme** de Fraga Vicente **Nunes**  
**Hélder** Guerreiro Marques **Silva**  
**Henrique** Correia **Ventura**  
**Hernâni** Hélio **Jorge**  
**José** Carlos Gomes **San-Bento** de Sousa  
**José** de Sousa **Rego**  
**José** Gabriel Freitas **Eduardo**  
**José** Gaspar Rosa de **Lima**  
**José** Manuel Gregório de **Ávila**  
**Lizuarte** Manuel **Machado**  
**Manuel** Avelar Cunha Santos  
**Manuel** **Herberto** Santos da **Rosa**  
**Manuel** Soares da **Silveira**  
Maria **Fernanda** da Silva **Mendes**  
Maria **Piedade** Lima **Lalanda** Gonçalves Mano  
**Mariana** Rego Costa de **Matos**  
**Nélia** Maria Pacheco **Amaral**  
**Nuno** Alexandre da Costa Cabral **Amaral**  
**Nuno** André da Costa Soares **Tomé**  
**Rogério** Paulo Lopes Soares **Veios**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**Alberto** Abílio Lopes **Pereira**

**António** Augusto Batista Soares **Marinho**  
**António** Lima Cardoso **Ventura**  
**António** Maria da Silva **Gonçalves**  
**António** Pedro Rebelo **Costa**  
**Cláudio** José Gomes **Lopes**  
**Clélio** Ribeiro Parreira Toste **Meneses**  
**Jorge** Manuel de Almada **Macedo**  
**José Fernando** Dinis **Gomes**  
**José Manuel** Avelar **Nunes**  
**José Manuel** Cabral Dias **Bolieiro**  
**Luís** Henrique da **Silva**  
**Maria José** Botelho de Viveiros da Silva Lemos **Duarte**  
**Mark** Silveira **Marques**  
**Pedro** António de Bettencourt **Gomes**  
**Sérgio** Emanuel Bettencourt **Ferreira**

***Partido Popular (CDS/PP)***

**Artur** Manuel Leal de **Lima**

**Presidente:** Estão presentes 44 Srs. Deputados.

Temos quórum. Pode entrar o público.

Chamava o Sr. Deputado José Rego, natural da Ribeira Grande, para apresentar o voto relativo aos 25 anos de elevação da Ribeira Grande a cidade.

**Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

**“Voto de Saudação**

A Ribeira Grande comemora amanhã, 29 de Junho, os 25 anos do reconhecimento da categoria de cidade.

O processo de elevação a cidade não foi fácil. Esteve na Assembleia da República pelas mãos de Jaime Gama em Janeiro de 1979. A 15 de Dezembro de 1980 foi entregue nesta casa um projecto de Decreto Regional, subscrito, entre outros deputados do Partido Socialista, pelo actual Presidente do Governo Regional, Carlos César, diploma este que por alegadas razões jurídicas e processuais foi rejeitado, para passado algum tempo em votação favorável ser, enfim, aprovado por unanimidade o Decreto Regional nº 9/81/A, de 29 Junho, que elevou a Ribeira Grande a cidade.

No seu preâmbulo, o decreto vaticinava que a cidade da Ribeira Grande iria ver alargados os seus limites e, seria dignificada, como segundo pólo de desenvolvimento da Ilha de S. Miguel, tendo por base o seu passado, o seu património e a sua vitalidade económica.

A cidade, com os ribeiragrandenses, as suas forças vivas, o poder autárquico, os governos regionais, modificou-se e cumpriu alguns dos objectivos daqueles que, há muito, tinham tido a visão de transformar o estatuto e as condições de vida da anterior vila nortenha.

Nestes 25 anos, a Ribeira Grande mudou para melhor. Não temos dúvidas que se operou uma mudança social, económica e cultural.

A cidade, hoje tem os seus equipamentos culturais, desportivos, educacionais, sociais e de saúde modernizados. As suas empresas estão mais modernas e o sector industrial está mais consolidado.

Os indicadores sociais e económicos também o dizem: aumentou o rendimento das famílias; a taxa de actividade, em especial pelo aumento do trabalho feminino; a taxa de escolarização e o número de empresas sedeadas no concelho.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A elevação ao estatuto de cidade foi sempre vista por todos os ribeiragrandenses, com orgulho, mas sempre entendida como uma forma de elevar a capacidade de reivindicar as condições para o

desenvolvimento, condizentes com a sua população, com os seus recursos e com as suas potencialidades.

Todos os ribeiragrândenses sabem que o caminho percorrido, comparado com outros espaços, poderia também ser outro, para melhor. Assim, se justifica que continuem os esforços na busca de mais investimentos para a sua cidade, na melhoria da qualificação dos seus cidadãos, no reforço da formação profissional, tendo em vista o aumento da empregabilidade, da melhoria da qualidade de vida e competitividade das suas empresas.

Todos os ribeiragrândenses estão conscientes que só com a aposta em mais educação, se poderá ter mais e melhores cidadãos empenhados em políticas económicas, ambientais e culturais, defensoras do seu património e potenciadoras de um desenvolvimento sustentado que valorizem o seu concelho e a sua cidade.

A cidade da Ribeira Grande e o seu concelho contam com todos nós para o seu progresso e desenvolvimento.

Assim, e ao abrigo das disposições regimentais, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista propõe que a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, reunida em sessão plenária no dia 28 de Junho aprove e emite um Voto de Saudação pela data em que a Ribeira Grande comemora os 25 anos de elevação a cidade.

Horta, sala das Sessões, 28 de Junho de 2006

**Os Deputados do Partido Socialista:** *José de Sousa Rego, Cláudia Cardoso e Catarina Maria Furtado.*”

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Pedro Costa para apresentar o voto do PSD.

**Deputado António Pedro Costa (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

### **“Voto de Saudação**

## **Assunto:** 25 anos de cidade da Ribeira Grande

Reconhecendo o querer e a determinação dos Ribeiragrândenses e, bem assim, o progresso social e económico da Ribeira Grande, a Assembleia Regional dos Açores decidiu aprovar, há 25 anos, a elevação da então cognominada vila-cidade e capital do norte, à categoria de cidade.

Foi pelo Decreto Regional nº 9/81/A, que a Região Autónoma dos Açores concretizou uma legítima e justa aspiração dos Ribeiragrândenses, em reconhecimento da sua nobreza, da vontade das suas gentes e do desenvolvimento cultural e económico do seu Concelho, alcançados desde a decisão visionária de D. Manuel I, ao outorgar por sua vontade, a 4 de Agosto de 1507, o respectivo foral de vila.

Gaspar Frutuoso, descreve a vila que serviu, como “nobre com seus moradores, rica em suas terras, bem assombrada com seus campos e fértil com seus frutos, está situada de aquém e de além de uma grande ribeira, de que ela tomou o nome, quase no meio da ilha, em uma grande baía da banda do norte, ao pé de um serra muito fresca (que, por estar perto da sua planície, está uma coisa realçando a outra, fazendo-a juntamente mais graciosa que outras muitas vilas. Veio depois em tanto crescimento, que é agora a maior vila, mais rica e de mais gente que há em todo este Bispado de Angra” - de acordo com o registo de Saudades da Terra.

A sua riqueza patrimonial, ao nível da arquitectura, civil e religiosa, com exemplares que se vislumbram em cada esquina dos seus arruamentos nobres e senhoriais, faz da outrora vila seiscentista, uma cidade com um conjunto urbano construído de características únicas, que aliado à sua vitalidade económica, a convertem, no contexto açoriano, num dos seus pólos de desenvolvimento mais importantes.

O Concelho da Ribeira Grande sempre marcou, ao longo dos séculos, o progresso económico da Ilha de S. Miguel, não só pelo número de habitantes, mas pela sua capacidade de criar riqueza, graças à força, à coragem, à determinação e à vontade de vencer das suas gentes, num



protagonismo que engrandece e valoriza os Açores. Terra de figuras ilustres, como é o caso de Madre Teresa da Anunciada, Oliveira San-Bento, Rui Galvão de Carvalho e D. Paulo José Tavares, ou nos dias de hoje de Onésimo Teotónio de Almeida, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Carlos Teixeira e Maria de Fátima Borges, cujo prestígio pessoal contribui para enobrecer a sua terra de origem. O poder local sempre teve, ao longo dos anos, um papel determinante no desenvolvimento cultural, social e económico do Concelho - da sua cidade, da sua vila e das suas freguesias, pelo que importa relevar o seu importante contributo para o progresso e desenvolvimento sustentado e equilibrado de todas as suas parcelas. Este Parlamento não pode ficar indiferente à data de 29 de Junho, feriado municipal e dia das Cavalhadas de S. Pedro, e deve associar-se às comemorações das bodas de prata da mais jovem cidade dos Açores, saudando os seus cidadãos e os seus legítimos representantes, por este evento festivo. Por isso, os Deputados Subscritores do Grupo Parlamentar do PSD, ao abrigo das disposições estatutárias e regimentais apresentam um voto de saudação pelos 25 anos de elevação a cidade da Ribeira Grande.

Horta, 28 de Junho de 2006

**Os Deputados:** *Clélio Meneses, António Pedro Costa, José Manuel Bolieiro e Pedro Gomes.*”

**Presidente:** Está aberto o debate.

*(Pausa)*

Não havendo intervenções vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam com o voto apresentado pelo Partido Socialista, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O voto de Saudação foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Os Srs. Deputados que concordam com o voto apresentado pelo Partido Social Democrata, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O voto de Saudação foi aprovado por unanimidade.

*(Aplausos da Câmara)*

**Presidente:** Passamos agora ao primeiro ponto da nossa ordem de trabalhos de hoje – **Proposta de Decreto Legislativo Regional – “APIA – Agência para a Promoção do Investimento dos Açores, EPE”**.

Tem a palavra o Sr. Vice-Presidente do Governo.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A Proposta de Decreto Legislativo Regional que aqui hoje é apresentada e discutida, visa a criação de uma pessoa colectiva de direito público com natureza de entidade pública empresarial e consequentemente tem como objectivos estratégicos 8 itens essenciais.

- promover a captação de investimento de origem externa à Região;
- divulgar as potencialidades de investimento dos Açores e as suas vantagens comparativas,
- identificar e canalizar para as entidades próprias a gestão dos sistemas de incentivos;
- acompanhar os processos de candidaturas de investimento;
- propor e promover políticas e práticas de redução de custos de contexto na Região tendo em vista a simplificação e a fiscalização dos processos de investimento;
- participar directa ou indirectamente na gestão de parques industriais;
- acompanhar os projectos de investimento já realizados;

- manter relações com instituições análogas nacionais ou estrangeiras e celebrar para o efeito parcerias com entidades públicas e privadas nacionais e estrangeiras.

A criação desta entidade insere-se no objectivo do Governo Regional potenciar os factores determinantes da produtividade e da competitividade da economia açoriana, através da promoção do tecido empresarial regional e da atracção de capitais externos à Região que tem na sua essência o objectivo de diversificar a economia açoriana alargando-a a novos mercados e a novos produtos.

Nesse sentido, pretende-se reforçar a produtividade e a competitividade das unidades produtivas regionais, valorização que se desenvolve com actividades essencialmente vocacionadas para sectores de bens transaccionáveis, através da modernização das actividades produtivas tradicionais da economia açoriana e o apoio ao desenvolvimento de novos sectores emergentes virados para a exportação.

As oportunidades que consideramos que existem neste momento na Região assentam em 4 sectores essenciais:

- no sector primário e nos investimentos que irão permitir gerar mais valor acrescentado à sua actividade ou, em alternativa ou em complementaridade reduzir os custos de forma a assegurar uma maior rentabilidade deste sector.

- no sector turístico como complemento estruturante da actividade produtiva regional e potenciador de todo o sector terciário, de forma a aumentar o valor acrescentado bruto e conseqüentemente o contributo para o PIB das actividades complementares e aumentar também o efeito do Produto Interno Bruto da Região da actividade e do ingresso de turistas na Região;

- uma aposta em novos sectores de actividades emergentes que visam, por um lado, aproveitar as vantagens comparativas decorrentes da localização geográfica dos Açores, bem como das infra-estruturas aéreas, portuárias e

outras criadas, que geram conseqüentemente uma competitividade externa da Região conjugada com a sua localização geográfica;

- ao mesmo tempo, na área das novas tecnologias da sociedade do conhecimento e de um conjunto de sectores emergentes, cuja actividade económica terá particular preponderância nos próximos anos.

Refiro-me aos investimentos na área ambiental, do turismo sénior, do turismo ligado à segunda residência, na área da saúde, social, novas áreas do sector primário, particularmente ligado ou de exploração de recursos e do nosso mar e novos sectores ligados à actividade agrícola.

Gostaria, para terminar esta apresentação, de desenvolver sete ideias relacionadas com questões que foram colocadas no âmbito da discussão em Comissão.

A Agência hoje proposta não atribui incentivos. Canaliza para os sistemas de incentivos existentes e acompanha os respectivos processos, mas não tem competência na atribuição de incentivos e de apoio.

Todos os apoios que serão aplicados às empresas que tiverem as características ou os investimentos para se enquadrar neste tipo de entidade, serão obviamente aplicados a todas as outras empresas que tenham capitais regionais. Portanto, não há nenhuma discriminação positiva em função do capital. Para nós, o investimento tem todo o mesmo valor, independentemente da sua origem.

Não se prevê, no âmbito desta entidade, em termos práticos e funcionais, qualquer recurso a crédito para o seu financiamento e para o seu funcionamento, e a sua actividade será gerada por receitas próprias da entidade e por um conjunto de serviços que irão prestar, quer entidades públicas, quer privadas.

A sua colocação no âmbito da tutela da Vice-Presidência, assenta precisamente numa lógica inter-departamental que está subjacente ao investimento. O investimento não se condiciona apenas a sectores na área do comércio, da indústria, do turismo e de serviços, mas esta entidade

visa obter e captar investimentos em novas áreas ligadas ao ambiente, à saúde, às áreas sociais, à agricultura e às pescas.

Portanto, tem uma actividade que abrange várias áreas departamentais do Governo Regional.

O seu Conselho de Administração terá apenas um membro executivo e remunerado e os restantes membros não terão remuneração e exercerão as funções com carácter não executivo.

A sua estrutura de apoio em termos de recursos humanos assentará numa estrutura extremamente leve e reduzida (cerca de 4 a 5 técnicos especializados) e irá recorrer, isso sim, à contratualização de serviços específicos externos de forma a poder corresponder às suas necessidades.

Por último, a criação de uma Agência própria na Região é entendida como o desenvolvimento de um projecto que assenta na capacidade autónoma da Região de definir as suas políticas e as suas especificidades do ponto de vista de captação de investimento e, aproveitando as mais valias decorrentes da Agência Portuguesa para o Investimento, nomeadamente a rede consular, a rede ligada aos postos comerciais e de promoção externa que tem e também a estrutura, o apoio, o *Know how* existente, essa actividade será feita em parceria devidamente protocolada e conseqüentemente com possibilidades mútuas de partilha de recursos, de partilha de estruturas e partilha de conhecimentos.

São estas as razões, os objectivos e as informações, que não só presidiram à criação desta Agência como visam que a mesma contribua a curto, médio e longo prazo, para o reforço da estrutura produtiva regional e conseqüentemente para o desenvolvimento dos indicadores macro-económicos da Região com particular incidência no rendimento, na produtividade e no emprego.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

(\*) **Deputado António Marinho (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu começo por dizer que, com este diploma, julgo que terminava um período de concórdia que assinalou a sessão de ontem.

Numa palavra geral, em relação a este diploma, nós não acreditamos nem nas palavras precedentes, nem acreditamos na agência, nem acreditamos naquilo que o Sr. Vice-Presidente disse em Comissão...

**Secretário Regional da Presidência** (*Vasco Cordeiro*): Homens de pouca fé!

**O Orador:** Exactamente!

Se calhar temos razões para isso, Sr. Secretário.

**Secretário Regional da Presidência** (*Vasco Cordeiro*): “Felizes os que acreditam sem verem!”

**Deputado Clélio Meneses** (*PSD*): E o Sr. Secretário Regional da Economia ri-se!

**O Orador:** O Sr. Secretário da Economia ri-se, no fundo, para esconder a tristeza que lhe vai na alma. Mas lá chegaremos!

*(Risos dos Deputados da bancada do PSD)*

Há uma questão de princípio, uma questão genérica que temos que dizer: Não podemos encontrar similitudes entre o significado da APIA em relação à Região, como da Agência Portuguesa de Investimento em relação a termos nacionais, pela dimensão, pelos meios que dispõe (o Sr. Vice-Presidente acabou de falar nalguns deles, dos quais a APIA vai fazer o aproveitamento dos meios que dispõe a API) e pelo que pode significar efectivamente esta agência em termos da captação de investimento externo, em termos de investimento exterior à Região. Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

Por isso colocamos, como uma questão geral, uma dúvida que é para nós uma certeza: será que se justifica uma estrutura leve (talvez leve, nas palavras do Sr. Vice-Presidente será leve, não sei se será, tudo dependerá dos tempos, os senhores têm a tendência de ir fazendo crescer as coisas e,

portanto, aquilo que é leve nos propósitos, acaba por ser pesado quando passa à prática), quase totalmente inócua, do ponto de vista da captação de investimentos? Os senhores consideram mesmo que vai ser aquela que vai captar investimento externo à Região? Ou será, como eu já ouvi dizer alguém, aliás, de uma forma muito interessante, que aquilo apenas vai ser uma agência de viagens? Que – ainda para mais – não vai canalizar turistas para a Região, facto com o qual o Sr. Secretário Regional da Economia ficaria muito contente para não mostrar os seus números, mas vai canalizar viagens de residentes para fora da Região.

Aquilo que se avizinha é termos uma nova agência de viagens e não vão dar a possibilidade ao Sr. Secretário Regional da Economia, ainda para mais, de fazer crescer um bocadinho mais os seus números, que começaram o ano um bocadinho para o fraquito.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Já estão a melhorar!

**O Orador:** Mas ainda não estão bons.

A opção, ainda para mais, foi por uma entidade pública empresarial. Voltamos sempre ao mesmo. Lá está mais uma. Mais um instrumentozito à disposição do Governo.

Será que este papel (se calhar aqui o Sr. Secretário da Economia teria uma palavra a dizer e se calhar disse, só que eventualmente não foram correspondidos os seus anseios) não poderia ser desempenhado com vantagens óbvias, mais que óbvias, por departamentos que já assumem esta competência dentro do Governo Regional, ainda para mais, que têm responsabilidades directas na gestão de apoios, na gestão de incentivos?

Não haveria vantagens óbvias numa situação destas, independentemente agora da configuração desta agência?

Não será que quem tem a capacidade de gerir os apoios e os subsídios, não deveria concentrar, a nível destes departamentos, a responsabilidade pela captação de investimento externo, como já era feito até aqui?

Isso leva-nos a uma segunda questão e que é uma questão que nos leva a discordar completamente desta agência: para quê duplicar

responsabilidades? Para quê sobrepor responsabilidades? Para quê sobrepor competências? Qual é o objectivo de tudo isto? Para arranjar ainda mais desentendimentos entre membros do Governo do que aqueles que já existem? Será para isso? Será este o objectivo?

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Ou será que alguém (provavelmente o Sr. Presidente do Governo, terá optado por esta solução) quis pôr no seu lugar, digamos assim, num lugar bom ou num lugar mau, num lugar devido, ou num lugar indevido, algum membro do Governo que se tem andado a portar mal nos últimos tempos e que precisasse de um “puxãozito de orelhas”? Terá sido este o objectivo? Se foi isso, talvez o tenha conseguido!

Por mais que se queira esconder, por mais que se negue, por mais palavras que utilizem em sentido contrário, há quem perca e há quem ganhe competências com a criação desta agência.

O Sr. Secretário da Economia perde!

O Sr. Vice-Presidente ganha!

Disto ninguém tenha dúvidas.

O senhor pode rir-se mas deve ter ficado, há três ou quatro semanas atrás (já nem me lembro quando é que isso foi), bem aborrecido com a vida.

Por mais que se queira esconder e por mais que se negue há competências que se sobrepõem. Ninguém tem dúvidas disso.

**Deputado Henrique Ventura (PS):** O que é que isso tem a ver?

**O Orador:** Tem tudo a ver, Sr. Deputado.

Há competências que se sobrepõem, há duplas tutelas, por mais que se queira negar isso, e há uma opção que, ao contrário de contribuir para atrair investidores, vai afastar e vai afastar por um motivo muito simples, pela confusão que se vai instalar, pela repartição de competências que se vai verificar, quando a tendência devia ser justamente ao contrário, devia ser no sentido da concentração.

Não! Aqui, neste caso, aumentam o número de portas e qualquer empresário que pretenda investir nos Açores tem que bater.



Isto é manifestamente mau, isto é uma das questões que por parte dos investidores é mais atendida no momento em que pretendem ver, em termos burocráticos, as questões simplificadas e os senhores, ao contrário de simplificarem, estão a complicá-las cada vez mais.

Terceira questão:

Esta APIA, quer queiramos quer não, vai funcionar, na prática como uma delegação da Agência Portuguesa de Investimento. Pode ter outro nome, um presidente diferente, mas vai ser e vai funcionar como uma delegação da Agência Portuguesa de Investimento, mercê de um protocolo, ainda falado, tal como disse o Sr. Vice-Presidente em Comissão. Vai dar origem a mais do que palavras? É o que iremos ver!

Com que resultados práticos é que isto se vai verificar?

Esta APIA, quer queiramos, quer não, tende a ser apenas (e utilizando uma palavra não muito agressiva) mais um brinquedo nas mãos de alguém.

Mas, atenção!

Brinquedos, até podem ser interessantes, mas estamos perante uma opção por uma entidade pública empresarial em que – cito palavras que não são minhas – “as possibilidades teóricas são diversas, são aos quilos”.

Mas o que é que são possibilidades teóricas?

As possibilidades teóricas são: “artigo 5º - a APIA poderá recorrer ao crédito e emitir obrigações ou quaisquer outros títulos negociáveis nos termos da lei e nas condições estabelecidas por Despacho do Membro do Governo Regional responsável pelas finanças”. Isto é uma possibilidade teórica.

Segunda possibilidade:

“Artigo 9º - a APIA pode ser titular de unidades de participação de fundos de capital de risco e similares e de ter participações em unidades gestoras desses fundos em sociedades de capital de risco ou similares, em sociedades gestoras de participações sociais ....”, etc., etc... Esta também é uma possibilidade teórica.

“Artigo 10º - a APIA poderá participar em entidades especializadas na gestão de parques empresariais ou em sociedades gestoras de áreas de localização empresarial...”

Perguntei ao Sr. Vice-Presidente, em Comissão: esta participação é o quê? É dinheiro? “É sim senhor!”

Mas é o quê? Uma possibilidade teórica? “É sim senhor!”.

Possibilidade teórica?

Mas o que é que é isso? O que é que é uma possibilidade teórica?

E se é uma possibilidade teórica – e é verdade, as palavras são estas e quem o disse foi o Sr. Vice-Presidente, assim mesmo, apenas isso: possibilidade teórica – para quê incluir estes três artigos?

Se são possibilidades teóricas, se não pretendem vir a utilizar nenhum destes três artigos, e se são meramente teóricos, por que é que os incluíram? Tirassem-nos. Por que é que os incluíram se são teóricos?

Julgam que acreditamos que isto são possibilidades teóricas? Ou será que os senhores ingenuamente julgavam que nós também íamos acreditar? Se calhar fizeram acreditar algumas pessoas. Nós, sinceramente, não somos ingénuos, Há muito que perdemos a ingenuidade, por isso não acreditamos.

Também não somos distraídos, o que nos leva a apanhar com outra afirmação do Sr. Vice-Presidente em Comissão em que refere, e aliás voltou a repetir há pouco na sua intervenção inicial, que as receitas da APIA serão mais que suficientes para impedir que haja uma dependência dos dinheiros públicos por parte da APIA.

Não acreditamos nisso, como é óbvio. Aliás, devo referir aqui que no relatório (foi um pontozinho que só reparei nele há muito pouco tempo) quando se diz “o Deputado António Marinho, tendo em conta o montante do capital social insuficiente...” (eu não disse se era suficiente ou insuficiente, eu não sei, não me pronuncio sobre o montante) “... quis saber se o Governo pensa fazer transferências do orçamento da Região, designadamente numa fase inicial”.

O Sr. Vice-Presidente disse que não, que a APIA vai ter receitas logo no início que lhe permitem fazer isso. Mas que receitas? Fazendo o quê? Trabalhando o quê? Produzindo o quê?

Tem receitas. As receitas são as que lhe fazem chegar através do Governo Regional.

Nós não acreditamos e perguntamos muito sinceramente se o Sr. Vice-Presidente acredita e se o Sr. Secretário da Economia também acredita? O senhor também tem a ver com isto, vão-lhe ir perguntar lá de vez em quanto qualquer coisa. Ou todos estão a fingir aqui que acreditam?

Deste lado, nós não fingimos. Nós não acreditamos, pura e simplesmente. Na verdade, estamos aqui perante mais um instrumento que, como outros que já existem e que os senhores têm feito surgir aos “quilos e às toneladas”, vai consumir recursos financeiros públicos, ainda para mais, à custa de possibilidades teóricas – um termo novo encontrado por alguém – que vão permitir fugir a determinadas regras que se encontram impostas. É mais um!

Não é novidade. Temos mais um. Temos que acrescentar à lista que já temos, e que já é grande, mais uma linha. Esperemos que caiba na mesma folha.

Estamos perante mais um engano, uma intenção inócua, enganosa e ainda para mais consumidora de recursos financeiros da Região que, em nosso entender, são escassos (para outros são muitos, para nós são escassos). Há quem diga que não, que há vontade de assumi-los.

Quanto nós, não queremos participar efectivamente nessa farsa.

Pensávamos deixar uma sugestão, apenas uma sugestão, que era, atendendo a que vão levar em frente a iniciativa (já que esta iniciativa vai ser aprovada, uma vez que o Sr. Vice-Presidente tem maioria), pelo menos tratassem de definir convenientemente, sem ser sobre os joelhos, as competências que estavam previstas para o Conselho de Administração e para a entidade que vai tutelar a Agência. Aliás, foi uma questão que tivemos oportunidade de chamar a atenção em comissão.

Ao que parece, nas propostas de alteração entretanto surgidas por parte do Partido Socialista, já o fizeram. Ainda bem! Ainda bem que repararam aquilo que tinha sido feito sobre os joelhos, assim como repararam uma outra questão que tinham feito sobre os joelhos relativamente à Assembleia-Geral.

Portanto, sobre esta Agência que não interessa, ainda para mais foi tudo feito sobre os joelhos, à balda, é a única coisa que podemos dizer.

Obviamente que vamos votar contra. Vamos votar contra de uma forma muito assumida e, ao contrário do que dissemos ontem a propósito de um outro diploma, esta é uma má iniciativa, uma péssima iniciativa.

Como questão final, só pergunto:

O que é que seria de esperar de algo que, ainda sem ser nada, começou pelo anúncio de quem o ia liderar? Só poderia dar neste Governo.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Realmente estamos perante uma série de diplomas que eu diria que vão subsidiar, desde o mais pequenino ao maior. Trata-se aqui de uma política de subsídios de toda a escala e que aprovada, retirada ao Sr. Secretário da Economia algum poder, mas não deixa de ter o mesmo incentivo. V. Exa. financiará os pequeninos e o Sr. Vice-Presidente financiará os grandes.

O Sr. Vice-Presidente disse aqui coisas interessantes. Falou aqui em atrair o investimento para a área da saúde.

Sr. Vice-Presidente, todos nós já estamos a ver para que é que isto foi criado. Os investimentos na área da saúde já foram anunciados e já se sabe que há para aí uns grupos interessados. É preciso estimulá-los. Já sabemos para que é que isto é feito nesta casa.

Os senhores ou queriam fazer disto uma coisa grande, uma coisa que valesse pena, que captasse investimento regional e estrangeiro para a

Região, ou não queriam. Pelos vistos os senhores não querem. Os senhores querem brincar com isto. É o que se pode deduzir daqui.

O senhor diz no artigo 5º que a APIA poderá recorrer ao crédito. É uma possibilidade teórica.

O problema aqui, Sr. Vice-Presidente, é que o senhor tem que assumir que isto está aqui. Ou recorre ao crédito e é para ser uma coisa em grande e para funcionar (e o senhor, perante esta casa, porque não está a fazer uma reunião numa Casa do Povo, tem que assumir isto) ou retira daqui este artigo porque a experiência e a história mostram que as outras todas se endividaram e muito. Todas as outras que o Governo criou com essa sua mágica estão endividadas. Todos nós estamos endividados.

Esta é mais uma. Assumam! Não há mal nisso. Agora, o senhor tem que assumir aqui ou então retira o artigo 5º.

Depois, o senhor disse outra coisa que é absolutamente espantoso: o senhor disse em Comissão e voltou a dizer que o Presidente do Conselho de Administração da APIA terá funções executivas e todos os outros membros não serão executivos e não remunerados.

Sr. Vice-Presidente, é claro que entra em absoluta contradição com o artigo 17º que eu vou aqui ler: “a remuneração é fixada pela tutela a qual distinguirá a remuneração do Presidente do Conselho de Administração e a remuneração dos Administradores Delegados ou executivos e dos administradores não executivos”.

Em que é que ficamos?

**Deputado António Marinho (PSD):** É uma possibilidade teórica!

**O Orador:** Em possibilidades teóricas.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** É zero!

**O Orador:** Não é zero. Está ali dito que podem ser remunerados.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Podem!

**O Orador:** Sr. Vice-Presidente, vou ler outra vez para ver se nos entendemos:

“Artigo 17º

Os membros do Conselho de Administração estão sujeitos ao estatuto do Gestor Público Regional em tudo o que não resultar dos presentes Estatutos, sendo a sua remuneração fixada pela tutela.” Estamos entendidos.

São remunerados...

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): Não!

**O Orador:** Está aqui dito. Não são remunerados?

Então retira-se este artigo. O senhor ponha aqui não são remunerados.

Isto também é uma prova de que os senhores não querem levar isto a sério.

O senhor diz no artigo seguinte que “os administradores delegados e executivos não podem exercer qualquer outra função pública ou actividade profissional”.

Sr. Vice-Presidente, o senhor vai buscar frades (porque fizeram voto de pobreza) para virem para o Conselho de Administração desta empresa? São frades?

Ou o senhor vai buscar gente com qualidade e paga-lhes bem para realmente levar isto à frente, ou então o senhor anda a brincar com isto e a brincar connosco. Esse é que é o problema.

Vem aqui com umas coisinhas disfarçar.

Essa sua maioria esmagadora permite-lhe aprovar o diploma. Já ontem foi a mesma coisa.

Já ontem fiz uma pergunta ao Sr. Secretário da Economia que não me respondeu, por que é que na Europa era 10 mil euros, no Continente era 5 mil euros e por que é que para os Açores são 15 mil euros? Somos mais ricos que a Europa e mais ricos do que o Continente.

O Sr. Secretário não me respondeu.

Os senhores pelo menos aqui hão-de responder às perguntas que nós fazemos, pelo menos aqui, já que na rua os senhores fazem o que querem e bem lhes apetece, porque dominam tudo. Isto é mais um instrumento

para os senhores dominarem 2008. Isto foi uma série, foi uma cognorreia estes dias e está tudo a ver onde é que vai desaguar.

Sr. Vice-Presidente, esclareça este assunto.

O que é que o senhor quer fazer disto?

Ou quer fazer disto uma coisa séria, o que não parece, porque é contraditório o que está aqui no diploma com as suas declarações, ou não quer.

Quem são os frades que o senhor vai buscar para o Conselho de Administração?

Lá fora fizeram a API. Aqui fizemos a APIA. Eu acho que “PIA” vem dar aqui... enfim, também não foi feliz o nome.

Não era suficiente a Região ter uma representante no Conselho de Administração da API? Aliás, está previsto que este aqui também tenha assento na API. É a mesma coisa.

Então vai-se criar uma agência para pôr lá um representante?

E a API nacional? As excelentes relações que o senhor tem com o Sr. Engenheiro Sócrates?

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** As relações não eram más?!

**O Orador:** Os vossos camaradas socialistas da República já canalizaram algum investimento para a Região? Já se preocuparam com isto?

Não. É a API nacional e a “APIAzinha” regional, é o que se está aqui a tratar, Sr. Vice-Presidente e o senhor é que está a dar o seu contributo para isso - lamento aqui dizer – ao não assumir o que vai estar legalmente consagrado neste diploma, porque as coisas estão ditas e o senhor vem aqui dizer exactamente o contrário.

Lamento profundamente isso.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.

(\*) **Deputado José Rego (PS)**: Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Sr. Vice-Presidente veio a esta casa apresentar um diploma que será um instrumento futuro importante para a economia dos Açores.

É com muita pena nossa que vemos da parte do PSD dizer que se acabaram as tréguas de ontem e que hoje há uma batalha para enfrentar sobre um diploma que é importante para os Açores e para a economia dos Açores.

**Deputado António Marinho (PSD)**: Concórdia. Não são as tréguas!

**O Orador**: O investimento externo para a Região Autónoma dos Açores é tão importante num mundo de globalização como é para qualquer Região do Continente ou qualquer país da Europa ou do mundo. Aí, é importante fazer uma reflexão à economia dos Açores nos últimos anos e ver qual foi o contributo que foi feito pelos empresários dos Açores para o seu desenvolvimento com o seu património, qual o investimento que foi feito pelos estrangeiros e qual a possibilidade que é aberta por essa Agência.

Essa Agência de Investimento denominada de Entidade Pública Empresarial, cria algum receio nas oposições. Para o Partido Socialista não é problema nenhum criar mais uma Entidade Pública Empresarial.

**Deputado António Marinho (PSD)**: Pois não!

**O Orador**: Para o Partido Socialista, porque é Governo, porque sabe o que é que se deve fazer na Região Autónoma dos Açores, tem que escolher os instrumentos necessários para pôr em prática as políticas importantes para o desenvolvimento dos Açores.

As bancadas do PSD e do CDS/PP quando estavam no poder criam os mesmos instrumentos.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP)**: Criámos e assumimos!

**O Orador**: Quando estão na oposição criticam este Governo.

Eu acabei de aprovar na Assembleia Municipal da minha terra uma entidade para as Câmaras Municipais de São Miguel. É a API nacional e



com o mesmo estatuto. Tudo feito pelo PSD quando estava no Governo. Agora na oposição critica as entidades criadas por este Governo.

Não há que ter sombras em Entidades Públicas Empresariais, em artigos 5ºs de empréstimos ou não empréstimos. Não há que haver sombras, porque o desenvolvimento do país, da Região ou de qualquer privado passa, como o Sr. Presidente do Governo já o disse nesta casa, muitas vezes por pedir emprestado.

**Deputado António Marinho (PSD):** Mas é pior!

**O Orador:** Importa ter crédito e a nossa Região tem este crédito firmado na banca internacional. É isso que põe em dúvidas o PSD e o PP.

**Deputado António Marinho (PSD):** Então sempre há dinheiro!

**O Orador:** Não tenha problemas com isso, com endividamentos. Não tem ensombramentos.

**Deputado António Marinho (PSD):** Evitar não é uma possibilidade teórica, é uma possibilidade efectiva!

**O Orador:** Relativamente a viagens, não se preocupe Sr. Deputado António Marinho.

Lembre-se da EPI – Parques Industriais de São Miguel ou das Zonas Francas de Santa Maria, que depois foram transformadas para os Açores.

O que é que aconteceu?

Que chineses vieram aos Açores?

Que japoneses vieram aos Açores?

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

Que pagamentos se fizeram a muitos administradores desta Região para estes dois processos que não tiveram futuro?

Hoje, o Parque Industrial de São Miguel, que era uma grande aposta do PSD para o desenvolvimento dos Açores, foi entregue a uma Câmara Municipal por este Governo para ver se conseguia desenvolver uma

aposta do PSD que nunca chegou aos seus termos pela sua localização, que era importante para o Concelho da Ribeira Grande.

Foi uma aposta do PSD que não foi levada ao fim, como as Zonas Francas com japoneses, chineses, que por cá passaram, mas não deixaram nenhum investimento para os Açores.

É preciso não esquecer que o PS tem história, mas o PSD também tem a sua história sobre estas matérias.

Quanto ao Estatuto de ser uma delegação dos Açores da API ou sermos a nossa Agência para o Investimento, a aposta do Partido Socialista, através do Governo, é ter uma unidade orgânica açoriana dentro do seu espírito autonómico, que terá as competências da Região e as ligações com todos os Estatutos que houver a nível nacional.

O que aconteceu ao PSD nos últimos meses e nos últimos anos, e isto é directamente para o PSD (e lembrem-se quando estava no Governo o PSD e o CDS a nível nacional) é que só sonhava com delegações dos institutos nacionais na Região. Esqueçam essa matéria

O PSD já não é governo a nível nacional. A Região tem a sua autonomia e deve criar, sempre que entender, os instrumentos necessários para o seu desenvolvimento.

**Deputado António Marinho (PSD):** Desde que não sirvam para nada, não é?!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Vice-Presidente do Governo Regional.

**(\*) Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu não vou lançar e desenvolver muito esta matéria porque penso que é perfeitamente compreensível a posição que o PSD apresenta neste debate sobre não acreditar na APIA. Os senhores não acreditam. E porquê?

Porque tiveram uma péssima experiência. Os senhores criaram, geriram e fecharam uma coisa que se chama IPA. O vosso exemplo sobre captação e promoção de investimento deu no que deu. Portanto, é muito natural que os senhores não acreditem. Os senhores estão incrédulos na vossa experiência, na vossa realidade e no exemplo que deram aos Açores sobre esta matéria.

Portanto, compreendo perfeitamente a vossa incredibilidade e a vossa não esperança sobre isto. Aliás, não esperança, nuvens negras, falta de convicção é algo que têm sobre muitas matérias, mas como no passado e no presente, o futuro irá demonstrar sobre estas e muitas matérias quem é que teve e quem é que tem razão.

Agora, sobre isto, esqueçam-se do mau exemplo que tiveram do IPA. Não se lembrem disso e encarem isto como uma nova realidade.

Segundo aspecto:

Criticaram o modelo do carácter inter-departamental que estará subjacente a esta captação de investimento, que havia para uns investimentos maiores e para outros menores, mas eu lembro-me que o princípio fundador desta entidade foi aplicado a nível nacional para a Agência Portuguesa para o Investimento, e foi criada por um Governo PSD/PP. Foi criado por um Governo onde o vosso líder fazia parte. Ou seja, um exacto modelo é criado num Governo PSD/PP, mas quando é criado na Região por um Governo do Partido Socialista, o mesmo modelo já não é justificável.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** São coisas diferentes!

**O Orador:** Terceira questão:

Vamos a questões mais pormenorizadas e objectivas para tirar algumas dúvidas.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Extinguiram a API, Sr. Vice-Presidente?

**O Orador:** Não extinguimos porque é uma coisa boa, com a qual concordamos. Agora, os senhores concordaram e criaram no Continente, mas não querem criar nos Açores.

**Secretário Regional da Presidência** (*Vasco Cordeiro*): *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**O Orador:** Quem está incoerente nesta matéria são os senhores, não somos nós.

Somos tão coerentes que fomos buscar para a Presidência desta Instituição, a nível nacional, uma pessoa que era (não sei se ainda é!) militante do CDS. Não sei se é militante do PP, mas isso é um problema interno para discutirem. É um problema vosso e não nosso.

O Sr. Deputado Artur Lima diz que se está escrito pode ter remuneração. Tem com certeza remuneração.

Eu lembro-lhe que, da mesma forma, existe conselhos de administração neste momento a funcionar com membros não executivos que não têm remuneração. É isso que queremos instituir. Não são frades.

Olhe a LOTAÇOR. Os membros do Conselho de Administração da LOTAÇOR não executivos não recebem absolutamente nada. Portanto, não são frades, são pessoas que estão na vida pública com disponibilidade, que dão o seu tempo também a estas instituições e que conseqüentemente estão também disponíveis para cooperar neste novo projecto sem qualquer tipo de remuneração.

Posso dizer-lhe, e foi aqui identificada como era a gestão de incentivos, que os incentivos estão mais que clarificados, continuam a ser geridos pelas entidades que neste momento estão e por aquelas que irão ser criadas no âmbito da nova perspectiva do próximo Quadro Comunitário de Apoio: na área da agricultura, uma unidade gestão própria da agricultura; na área das pescas, uma unidade de gestão das pescas; na área do Fundo Social Europeu por uma entidade própria nessa área; na área

dos sistemas de incentivos, na área económica devidamente identificados, por outra entidade. Portanto, não há, sobre esta matéria qualquer dúvida.

Também há sobre esta matéria uma questão muito clara, como foi referido na Comissão, o facto do próprio Conselho de Administração vir a integrar, por exemplo, o Director Regional de Apoio à Coesão Económica, como membro do Conselho de Administração não remunerado. Aí está o espírito de cooperação, o espírito de inter-ligação.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Desculpe, é remunerado!

**O Orador:** Os senhores acharam que a nível nacional se devia criar uma entidade que agregasse diversas áreas de investimento para poder ter apoios específicos, estudar os custos de contexto e as suas especificidades. Concordaram.

A nível regional, para mesma realidade, discordam.

Têm dois pesos e duas medidas, mas aí o problema é vosso.

Para terminar, há mais uma coisa que não percebo.

Vejo aqui pessoas que, por vezes, estão sempre com a Autonomia na ponta da língua e supostamente falam de Autonomia, mas preferem, curiosamente, a participação como vogal no Conselho de Administração de uma entidade nacional do que criar uma entidade regional com competências próprias e específicas na matéria. Sobre a Autonomia estamos também falados.

Por último, gostaria de dizer, para clarificar de uma vez por todas e não fazermos filmes sobre aquilo que não tem realidade, que a APIA não irá efectivamente recorrer a créditos, não irá recorrer a endividamento, porque a APIA tem como função uma estrutura de apoio ao funcionamento, e não terá por si só e directamente uma componente de investimento.

Se tiver, de investimento, indirectamente, o mesmo será feito com recursos próprios da Região e o capital social não visa financiar o investimento, visa ganhar e criar uma estrutura accionista devidamente identificada e abrangida.

Portanto, não vale a pena sobre essa matéria andar a fazer filmes e enquadramentos, porque esta agência, esta entidade, tem como objectivo a captação, a promoção da Região. Não tem como objectivo directo, efectivo e final a concretização de investimentos e se tivesse, objectivamente, teria que obter os devidos financiamentos exteriores para o efeito.

Sobre esta entidade penso que estamos esclarecidos.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Não, não estamos!

**O Orador:** Está tudo perfeitamente esclarecido.

Os senhores mudam de opinião consoante o local onde as coisas são criadas, mas eu compreendo perfeitamente a vossa posição. Sei que ainda estão traumatizados com a experiência do IPA e por isso percebo e desculpo a vossa incredibilidade.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Ana Isabel Moniz

**(\*) Deputada Ana Isabel Moniz (PS):** Obrigada.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo Regional:

O Sr. Deputado António Marinho começou por fazer aqui uma introdução muito vasta para expor as suas dúvidas. A maneira como abordou foi a questão da bondade da solução adoptada.

Eu gostaria de dizer que esta figura jurídica das entidades públicas empresariais permite a criação de uma entidade que vai integrar o sector empresarial do Estado e que actua de acordo com as regras normais do direito que lhe é dado.

Portanto, trata-se, penso eu, de uma solução que vem permitir a aplicação do direito privado a esta entidade e, portanto, para nós, esclarece logo o princípio de que a figura jurídica foi a mais aconselhada.

Passando à questão do interesse da criação de uma Agência deste tipo, penso que é fundamental recordar que esta agência terá por objectivo a captação de investimento externo à Região junto a entidades que terão uma determinada capacidade para investir aqui nos Açores.

Tratam-se de investimentos de montante elevado que, como nós sabemos, são sempre precedidos de missões empresariais, de deslocações de peritos, de equipas altamente personalizadas que têm que ser acompanhadas no terreno igualmente por uma equipa flexível de técnicos profissionais que estão dedicados a esses assuntos, porque são temas muito delicados e que implicam um conhecimento vasto de legislação aplicável não só na Região como também no território nacional.

Num contexto de economia globalizada em que nós sabemos que é difícilimo captar investimento externo é fundamental profissionalizar estas tarefas.

Portanto, não compreendo como é que devemos ficar fechados sobre nós próprios, a olhar para o nosso umbigo, e pensar que as coisas vão acontecer sem nos esforçarmos para isso.

Portanto, é fundamental reconhecer que este modelo talvez seja demasiado ambicioso – para si causa algum espanto como é que esta coisa vai funcionar – porque, com uma estrutura pequena e flexível, se vai conseguir propor atingir estes objectivos que aqui estão enunciados.

Quanto a outras possibilidades teóricas, suponho que admitindo teoricamente a possibilidade, como gosta de dizer ...

**Deputado António Marinho (PSD):** Agora já são possibilidades efectivas!

**A Oradora:** Então, passando ao efectivo, penso que seria de grande interesse para nós se houvesse a possibilidade de reestruturar os nossos parques empresariais ou de captar novas iniciativas para estas áreas que implicaram investimentos avultados no passado, como nós sabemos.

Nós não queremos, penso eu, deixar ficar estas áreas com pouca ocupação e se for possível atrair e dinamizar, de alguma forma requalificar esse espaço e trazer mais empresários para estas zonas, penso que será sempre desejável.

Quanto ao capital de risco, como sabemos, já tem havido algumas intervenções de capital de risco na Região, nomeadamente na área da

hotelaria. Suponho que o Sr. Deputado não estará contra essa possibilidade, mesmo que seja teórica, de se criar aqui uma empresa, ou de se participar numa empresa, que permita essas intervenções a nível de capital de risco.

É um instrumento financeiro onde está aberta a porta para a sua criação, caso se entenda que seja necessário e se possa vir a avançar nesta área. Portanto, estamos aqui a criar outros investimentos que vêm dar apoio à estratégia de captação de investimento para a Região.

Muito obrigada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Macedo.

(\*) **Deputado Jorge Macedo (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Regala-me ver a vossa convicção perante este diploma que cria uma Entidade Pública Empresarial.

Eu fico estupefacto com a vossa confiança...

**Deputado José Rego (PS):** É a confiança dos Açores!

**O Orador:** ... mas esse é o vosso papel e o nosso papel é questionar essa vossa confiança, fiscalizá-la e fiscalizar os vossos actos e a vossa actuação. É para isso que estamos aqui, é para isso que fomos eleitos. Os senhores foram eleitos para governar e nós fomos eleitos para fiscalizar a vossa actuação. É verdade ou não, Sr. Deputado?

**Deputado José Rego (PS):** É verdade!

**O Orador:** É verdade!

Então a mim cabe-me fazer as seguintes questões, que já as fiz, aliás, em sede de Comissão de Economia, e que o Sr. Vice-Presidente do Governo teve a amabilidade de “chutar” – o termo é esse – para o lado.

Se a vossa confiança é tão grande, se acreditam tanto naquilo que estamos neste momento a discutir e que é a APIA, eu pergunto (volto a perguntar!) ao Sr. Vice-Presidente, tal como perguntei em sede de Comissão de Economia (e repito: o Sr. Vice-Presidente chutou para o



lado) quantos investimentos o Governo, que confia tanto nesta APIA, espera conseguir ou captar com esta Agência de Investimentos?

Se não formos ao número de investimentos, qual é que é a fasquia mínima que o Governo espera de milhões de euros investidos do exterior na Região?

Quais são as áreas que os senhores privilegiam?

O Sr. Vice-Presidente ri-se e também se riu na Comissão de Economia, mas a seguir fiz-lhe a seguinte questão:

E se passados 6 meses a Agência de Investimentos tiver conseguido para a Região zero euros de investimento, o que é que o Governo fazia?

Sabe qual foi a resposta, Sr. Vice-Presidente?

“Eu demito a presidência da APIA!”

**Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Isso é falso!

**O Orador:** É preciso que aqui o senhor volte a repetir aquilo que disse.

Eu perguntei-lhe “se for zero...” e o senhor disse, meio a rir, meio a brincar, “eu demito a presidência da APIA!”. Há testemunhas e na nossa bancada também existem testemunhas. Mas esqueçamos essa parte, porque é a parte menos importante.

A parte que é importante Sr. Secretário, é que o senhor se comprometa aqui e diga quantos investimentos o Governo tem expectativa de conseguir com esta APIA, quantos milhões de euros pretende que no primeiro ou no segundo ano esta APIA consiga trazer para a Região e quais são as áreas prioritárias de investimento que o Governo pretende conseguir, e captar, com esta Agência?

Obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Diga-me lá, o seu partido, quantos votos vai ter nas próximas eleições com essa liderança?

*(Neste momento o Sr. Presidente foi substituído na Mesa pelo Sr. Vice-Presidente, Deputado Costa Pereira)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

(\*) **Deputado António Marinho (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu começo por esta última questão. Pelo menos o meu colega Deputado Jorge Macedo tem aqui uma testemunha e os senhores se forem sérios também são testemunhas desta questão. Meio a brincar ou meio sério, aquilo que o Sr. Vice-Presidente respondeu foi que demitia o Conselho de Administração.

**Deputado José Lima (PS):** É mentira!

**O Orador:** Meio a brincar ou meio a sério, disse-o. Portanto, sejamos sérios ou então passamos a gravar as reuniões, porque é grave.

**Deputado António Toste (PS):** É melhor!

**O Orador:** É melhor. Também penso que sim, porque não há mais dúvidas.

À parte desse episódio, quando há bocado estávamos a falar, o Sr. Vice-Presidente referia que entre a API e a APIA valia a pena, até invocando as questões autonómicas, e seria mais importante e correcto termos uma agência directamente dependente do Governo Regional.

Eu acho que sim. Se o modelo que estivesse desenhado fosse para conduzir a alguns resultados, eu acho que sim, mas nós não acreditamos que seja. E não acreditamos que seja, porquê?

Porque a API tem uma estrutura. O senhor há bocado falou inclusivamente que ia aproveitar parte dessa estrutura, designadamente a estrutura consolar que existe, etc., etc.

A APIA tem um Presidente acrescido de possibilidades teóricas, algumas delas (não sei se confirmam ou não, já nem sei, havemos de confirmar porque neste caso estamos a ser gravados) ao que parece, passaram a efectivas. Uma, há bocado, o Deputado José Rego passou-a a efectiva, a outra a Deputada Ana Isabel também a passou a efectiva.

Portanto, é um Presidente acrescido de possibilidades teóricas e o modelo não é mais nada do que isto.

Se é para isto, então para quê ter uma agência destas?

Eu não tenho medo de falar das coisas e não tenho medo de falar no IPA.

Não vou dizer se o IPA foi bom ou se foi mau. Agora há uma coisa interessante que o Sr. Vice-Presidente disse.

*(Apartes inaudíveis dos Deputados da bancada do PS)*

**O Orador:** Deixem-se de histórias. Vamos voltar, vamos para onde eu quero. Eu não vou por aí.

A comparação com o IPA foi desastrosa, para si. E foi desastrosa porquê? Se realmente o senhor pretende fazer uma coisa igual ao IPA e se acha que o IPA foi um erro, então os senhores estão numa desorientação gravíssima.

**Deputados Jorge Macedo e Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Os senhores consideram uma coisa má e vão fazer outra igual, quando sabem que é má?

Os senhores estão desorientadíssimos. É grave!

Se as possibilidades são teóricas – voltando às possibilidades teóricas, porque acho que é a componente mais substancial deste diploma – se, como disse o Sr. Vice-Presidente na sua segunda intervenção, não vão mesmo utilizar, então faço um desafio: façam cair os artigos 5º, 9º e o 10º. Façam-os cair!

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** E o 17º!

**O Orador:** Limpem-os todos. Se são teóricos, limpem-os!

Não interessam para nada! Estão lá a mais!

Obviamente que a questão é irónica, mas eu gostava de perguntar, uma vez que não está esclarecido no diploma, se deve dizer-se ÁPIA ou APIA?

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** A PIA!!!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Gomes.

(\*) **Deputado Pedro Gomes (PSD):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Ao fim de uma hora de debate, sensivelmente, esta câmara continua sem conhecer as razões pelas quais o Governo Regional dos Açores apresenta esta Proposta de Decreto Legislativo Regional para criar esta agência.

Nem nesta câmara o Governo Regional foi capaz de explicar as razões pelas quais esta agência é necessária, como fora desta câmara o Governo Regional também não foi capaz de as explicar. Isto é, sob a forma cândida de uma agência, o Governo apresenta ao Parlamento Regional a criação de mais uma empresa supostamente para cativar, atrair investimento exterior à Região.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Temos dezenas de estatutos!

**O Orador:** Estamos a discutir questões institucionais, Sr. Deputado José Rego, e nós temos o direito nesta câmara, tanto esta bancada como a bancada do Partido Socialista, de saber do Governo aquilo que queremos saber.

Bem sei, Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, que as perguntas podem ser incómodas e tanto são incómodas que estão a ser feitas pelas bancadas do PSD e do CDS/PP e a verdade é que o Governo, persistentemente, não responde às questões que são colocadas.

E ainda não explicou, claramente nesta câmara ou fora dela, mas sobretudo nesta câmara porque o debate é aqui neste Parlamento, por que é que há necessidade de criar esta Agência para a Promoção do Investimento?

Sobre isto, devo dizer que tenho imensa curiosidade, e a bancada do PSD também tem, em ouvir o Sr. Secretário da Economia, porque certamente deve ter alguma coisa a dizer sobre esta matéria.

Bem sabemos que o Sr. Secretário da Economia foi derrotado politicamente no “braço de ferro” que teve com o Sr. Vice-Presidente do Governo a propósito da tutela desta nova Agência. Mas, ainda assim,

continua a ser membro do Governo, Secretário Regional da Economia e sobretudo responsável por uma parte substancial daquilo que diz respeito ao investimento externo...

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Isso é o que vocês queriam do IPA!

**O Orador:** ... que é a parte dos sistemas de incentivos ao investimento. Gostaríamos de ouvir (o PSD tem curiosidade em ouvir) o Sr. Secretário da Economia sobre a criação desta Agência, o que é que ele pensa: o que é que ele pensa desta gestão, o que é que ele pensa deste modelo, o que é que ele pensa desta tutela e o que é que pensa, sobretudo, do facto de ter ficado de fora da tutela desta entidade empresarial.

**Deputado Clélio Meneses** (*PSD*): *Muito bem!*

**Deputado Francisco Coelho** (*PS*): Estamos esclarecidos acerca da escola política do Dr. Pedro Gomes. Não há dúvida que se formou no PSD!

**O Orador:** Eu formei-me na Faculdade de Direito de Lisboa.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para além de não ter explicado as razões que levam à criação desta Agência, o Governo também não foi capaz de dizer ainda nesta câmara ou fora dela, como é que esta Agência se vai relacionar com a Agência nacional.

Modestamente diz que terá uma representação da Agência Nacional. A pergunta é: isso chega? Isso é suficiente? Isso acautela os interesses de investimento dos Açores? Da captação do investimento externo dos Açores? Ou seria preferível um outro modelo que garantisse que nas iniciativas, nas missões tão caras à Sra. Deputada Ana Isabel Moniz, as missões de investimento e de pesquisa de investimento estrangeiro, houvesse, de facto, promoção e captação de investimento estrangeiro no plano nacional feito também para os Açores?

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Sérgio Ávila*): Está lá!

**O Orador:** Não está lá. Estamos a tratar de um Decreto Legislativo Regional e não creio que este Decreto Legislativo Regional se possa impor, Sr. Vice-Presidente, ao Decreto-Lei que criou a APIA.

A pergunta que V. Exa. tem que responder aqui é esta: como é que se vai processar este modelo de relacionamento institucional?

Como é que vai ser feita a captação do investimento externo à Região (considerando aqui que o externo à Região é todo ele, o do Continente, o da Madeira e o do estrangeiro, concedo de barato)?

E há uma outra pergunta à qual o Governo Regional não respondeu e que teima também em não responder. É que este Governo Regional não começou em funções há 6 meses, nem há 1 ano, nem há 2. Este Governo Regional está em funções há 10 anos, porque este é um Governo Regional de continuidade, foi assim que ele foi assumido neste Parlamento. Tem o mesmo Presidente e muitos dos seus membros do Governo são os mesmos, a começar pelo Sr. Secretário da Economia.

O Governo levou 10 anos para perceber que para captar investimento exterior à Região é preciso criar uma agência?

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Levou 10 anos para chegar aqui?

O que é que andou a fazer durante estes 10 anos em termos de captação de investimento exterior à Região?

**Deputado José Rego (PS):** Andou a incentivar os açorianos a investir!

**O Orador:** Onde é que andaram os propósitos de promover, captar e canalizar investimentos de capitais externos à Região, nacionais e estrangeiros, que estão inscritos no artigo 7º?

Onde é que andaram durante estes 10 anos, a gestão, a negociação caso a caso de apoios de capital de risco?

Onde é que andaram a participação directa ou indirecta na Gestão de Parques Industriais e Áreas de Localização Empresarial?

O Governo esquece os seus 10 anos de passado de governação em matéria de captação de investimento?

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Isso não faz sentido nenhum, Sr. Deputado!

**O Orador:** Faz!

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Já se fez muito, Sr. Deputado!

**O Orador:** É que a criação e a proposta de criação desta Agência é o reconhecimento do fracasso e do falhanço do Governo e da política do Governo em 10 anos de captação de investimento externo à Região.

**Deputado José Rego (PS):** Não é nada!

**O Orador:** É a confissão acabada de que foram incapazes, durante 10 anos, de promover e de captar investimento externo à Região. Essa é que é a verdade e esta verdade dói!

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Não dói nada!

**O Orador:** É por isso que o Sr. Secretário da Economia está tão incomodado.

Para além disso, permitam-me que diga, Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, que para uma agência (eu não deixo de sorrir com o nome!) com tão generosos propósitos, tem capitais sociais bem modestos.

*(Aparte inaudível do Deputado Lizuarte Machado)*

**O Orador:** Sei, Sr. Deputado Lizuarte Machado, mas não sei como é que, com o capital de 50 mil euros, que é o que esta sociedade tem, vai participar directa ou indirectamente na Gestão de Parques Industriais e Áreas de Localização Empresarial.

**Deputado José Rego (PS):** É uma possibilidade teórica!

**O Orador:** É uma possibilidade teórica? Ah! Pois! No mundo das possibilidades teóricas tudo é possível, só que a vida é feita de factos e de realidades concretas.

Para os factos e para as realidades concretas, esta Proposta de Decreto Legislativo Regional e as explicações do Sr. Vice-Presidente do Governo, não dão resposta cabal. Essa é que é a questão!

Para terminar, Sr. Presidente, Srs. Deputados, permitam-me que vos diga que se calhar o Governo Regional ao escolher este nome de APIA, inspirou-se na mitologia egípcia, em que se adorava o boi ÁPIS, que era um sinal de força, de poder. Se calhar isto é que explica que este nome tão pouco ortodoxo e tão pouco sugestivo tenha sido escolhido para baptizar uma agência que afinal é uma empresa e uma empresa que tem administradores que não vai endividar-se, que não vai recorrer ao crédito, mas que os estatutos permitem isso. Isto é, uma Agência que não é aquilo que parece.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.

(\*) **Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo...:

**Deputado António Marinho (PSD):** E os Srs. Deputados? Não existem?

**O Orador:** Calma, Sr. Deputado António Marinho...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Os Deputados estão primeiro!

**O Orador:** ... não esteja nervoso, como dizia o Primeiro-Ministro Sócrates outro dia ao vosso líder.

Eu queria começar por responder um pouco às questões ou algumas das questões porque não tomei nota de todas, do Sr. Deputado Vice-Presidente da bancada do PSD que fez, como digníssimo jurista da nossa praça, dezenas de Estatutos...

**Deputado António Marinho (PSD):** O que é que isso tem a ver com isto?

**O Orador:** ... de empresas públicas para esta Região ao nível das autarquias. Isto para desenvolver a questão das possibilidades teóricas que um diploma possa ter ou os estatutos de uma empresa.



Quando o Sr. Deputado, digníssimo jurista, põe em muito estatutos várias possibilidades teóricas que têm que ser postas quando se cria o estatuto de uma empresa, não tenho dúvidas nenhuma que deve prever-se o máximo de possibilidades dessa empresa (estamos a falar como juristas, não estamos a falar da profissão própria do Sr. Deputado), mas quando se cria o Estatuto de qualquer empresa, deve-se ter em conta todas as possibilidades possíveis e teóricas que essa empresa possa vir a desenvolver.

Quanto à questão do artigo 5º que há bocado falaram sobre os empréstimos, de que há contradição, não há contradição nenhuma. O que eu quis dizer foi que os Srs. Deputados da oposição quando vêm “empréstimo”, parece que aquilo lhes faz mal.

Quando o Sr. Deputado diz: “retirem ou não o artigo 5º”, o artigo 5º até podia não estar lá, e há juristas nessa bancada que poderão dizer que uma entidade pública empresarial poderia contrair empréstimos não estando lá o artigo 5º.

Não é o artigo 5º que cria esse problema. O que cria é a palavra empréstimos que o PSD fica transtornado e não deveria ficar.

Uma Entidade Pública Empresarial, sem o artigo 5º, pode contrair empréstimos.

Portanto, não vamos agora entrar por possibilidades teóricas ou não.

Mais. Nós estamos aqui a discutir um instrumento para a Região, para a promoção do investimento externo na Região Autónoma dos Açores.

Se há pessoas nesta Região que vão para o Continente apontar possibilidades de investimento nos Açores, a dizer que o IRS e o IRC são mais baixos, que não têm responsabilidades directas na Região, muito mais deverá ir o Governo Regional, através da sua agência, promover as possibilidades de investimento na Região Autónoma dos Açores.

Quanto à questão trazida aqui e em Comissão pelo Sr. Deputado Jorge Macedo, sobre qual o número de investimentos, quantos investimentos...

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Expectáveis! Não quero nem à unidade, nem ao euro!

**O Orador:** Sr. Deputado Jorge Macedo, quando se diz que se quer aumentar, está-se a definir o objectivo, não se está a quantificar.

Os senhores têm aí nos Estatutos que haverá superintendência da API, que haverá a definição dos objectivos pela própria empresa e nessa altura verá claro os seus objectivos.

Agora, o Sr. Deputado não venha exigir ao senhor Vice-Presidente que não faça avaliação a um conselho de administração. Isso é que era mau para este Governo se não avaliasse os conselhos de administração das empresas públicas da Região. Compete ao Governo nomeá-los e avaliá-los. Agora, não é em limites de 6 meses. Ninguém avalia qualquer conselho de Administração, em 6 meses, de uma entidade que se vai instalar. O Sr. Deputado tenha consciência das afirmações que faz e das questões que põe aqui nesta câmara.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Obrigado pelo testemunho.

Ouviu, Sr. Deputado Gaspar Lima?

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Clélio Meneses.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Sr. Presidente, é para fazer um protesto.

**Presidente:** Tem a palavra.

(\*) **Deputado Clélio Meneses (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Conforme o PSD tem denunciado, a falta de argumentos do Partido Socialista é evidenciada na forma absoluta como tenta impedir ...

**Deputado José Rego (PS):** Está a protestar porquê?

**O Orador:** O senhor não tenha receio que eu não vou fazer referência à sua actividade profissional ou à sua vida privada.

**Deputado António Toste (PS):** Nem tem nada que fazer!

**O Orador:** Não faço de ninguém!

**Deputado José Lima (PS):** Também ninguém faz de vocês!

**O Orador:** Conforme o PSD tem denunciado, o PS não aceita a crítica, reage mal às denúncias, reage mal (sei que isso vos incomoda, mas vou repetir) à existência da oposição.

E, há falta de argumentos válidos para um sério debate político, o PS faz aquilo que deve ser inadmissível, inaceitável, em qualquer sociedade democrática, em qualquer órgão público, político e democrático, que é a referência pessoal à vida ou à actividade de alguns Srs. Deputados.

Aquilo que o Sr. Deputado José Rego aqui fez foi mais um exemplo da prática da baixa política com que tentam intimidar e limitar a acção livre e democrática dos deputados livremente eleitos por esta Assembleia...

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** ... esquecendo o Sr. Deputado que muitos daqueles que estão aqui, todos têm actividade pública, privada e profissional e ninguém faz referência a isso.

Por isso, que fique registado este protesto para que seja uma nota, um sinal, para que não voltemos a fazer referência aqui a outro tipo de situações que entendemos que não deve ser trazido a esta casa.

O Sr. Deputado utilize os argumentos políticos que bem entenda para defender aquilo em que acredita ou que supostamente acredita. Se não o faz lamentamos e que fique registado aqui este protesto e este lamento.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Muito obrigado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado para uma primeira intervenção.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputado, Srs. Membros do Governo:

Eu fico estupefacto com a desconfiança da oposição relativamente à possibilidade de virmos a poder captar investimento externo para a nossa Região. Fico estupefacto, porque isso é entrar em contradição com aquilo que tem sido o nosso desenvolvimento nos últimos anos. Isso é também

inequivocamente desconfiança nos Açores e nos açorianos, nas suas possibilidades e nas suas capacidades, e isso é absolutamente inaceitável.

Quais são os factores fundamentais para captar investimento para uma Região, seja esta ou uma outra qualquer?

Os factores fundamentais são aqueles para os quais o PS e o Governo tem vindo a trabalhar nos últimos anos e tem conseguido através dos diferentes objectivos que tem atingido. E quais são eles? São a estabilidade das finanças públicas, a estabilidade social, é a Região ser credível nos mercados internacionais, ter construído um conjunto de infra-estruturas fundamentais e necessárias à mobilidade de pessoas e bens. Essas condições é que são essenciais à captação de investimento público...

**Deputado António Marinho (PSD):** Investimento público? Externo!

**O Orador:** ... e a criação dessas condições é inequivocamente – e este é o grande problema da oposição – um mérito e uma vitória dos açorianos que o conseguiram através do Partido Socialista e dos Governos do Partido Socialista.

Criámos estas condições e ficámos com condições para atrair investimento externo. Por isso mesmo, faz todo o sentido, neste momento, criar esta agência que tem por objectivo, como diz o preâmbulo, “manter relações com instituições análogas, nacionais ou estrangeiras, celebrar parcerias com entidades público-privadas, nacionais ou estrangeiras, em particular com agências congéneres”. Enfim, estabelecer formas de cooperação que são fundamentais para levarmos, até onde pudermos e até onde nos for possível, através da rede consular e dos meios da Agência Nacional, estes dados, estes conhecimentos e estes factos que são reais e que são irrefutáveis, aos mercados internacionais e tentarmos, por essa via, captar investimento externo para a nossa região.

Esses objectivos estão claramente definidos. O objectivo é conseguir captar investimento externo. Perguntar quanto investimento e o que é

expectável, é, desculpem-me a franqueza, uma questão absolutamente ridícula e fora de propósito.

Muito obrigado.

**Voices dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Vice-Presidente do Governo Regional.

Dispõe de 3 minutos.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional (Sérgio Ávila):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Vou ser muito rápido.

Em primeiro lugar, é para desmentir totalmente que alguma vez tenha afirmado na Comissão que demitiria o Presidente da APIA, ao fim de 6 meses e em determinadas circunstâncias. Isso é completamente falso! É uma mentira vergonhosa!

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** É preciso ter lata! A rir ou a brincar isso foi dito!

**O Orador:** Segunda questão:

É muito difícil compreender qual é a posição do PSD sobre esta matéria, porque num determinado momento diz uma coisa, no momento seguinte diz exactamente o contrário.

Por um lado, critica esta entidade porque tem uma estrutura leve, reduzida, sem grandes encargos e por isso não vai atingir os seus objectivos. Por outro lado, critica logo a seguir por se ter criado mais uma estrutura.

Nós não nos entendemos sobre qual o alvo das vossas observações.

Respondendo a uma pergunta concreta em relação ao comportamento com a API, vamos ser também muito concretos:

Criar uma estrutura paralela para ser a promoção externa dos Açores?

O que nós tentámos criar foi uma estrutura com o mínimo de custos que tivesse o máximo de produtividade.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** *Muito bem!*

**O Orador:** Como é que se concilia estas duas coisas?

É criando uma estrutura reduzida, regional, onde nós exercemos a nossa autonomia, definimos as nossas políticas, definimos os nossos objectivos, mas ao mesmo tempo sem encargos, porque (a API a disponibilizou) temos acesso à rede consular, à rede promocional nacional, que é financiada (paga) pela API, mas como disse e muito bem o Presidente da API, os Açores fazem parte de Portugal e conseqüentemente esta estrutura é para apoiar a captação de investimentos em todo o país, logo está disponível para servir também os objectivos da Região.

Fazia sentido estar a duplicar estruturas? Estar a duplicar encargos? Estar a duplicar conseqüentemente recursos para fazer o que já faz e muito bem a API?

Não!

O que criámos foi, com a nossa Autonomia, a nossa definição de políticas, a nossa estratégia e vamo-nos suportar e apoiar na Rede Nacional, no seu *Know how*, para e em conjunto, possamos ir aos factores externos, ao país, captar potencialidades de investimento. Esta é sem dúvida a melhor forma de gestão desta matéria que concilia a redução de encargos com reforço claro de objectivos de captação de investimento.

Nesse contexto há que dizer que vamos protocolar com a API esse mesmo relacionamento, um protocolo que passa pela troca de presenças em conselhos de administração quer da APIA com a API, e passa pela utilização de campanhas específicas naquilo onde os Açores têm vantagens comparativas. A própria API identificou áreas e sectores onde os Açores têm claramente vantagens comparativas que podem, por ser os Açores, captar investimento externo para a Região, e não há a mesma capacidade no resto do território nacional, e essas vantagens comparativas estão identificadas, estão estudadas e estão conseqüentemente operacionalizadas através desta colaboração.

Para terminar, a questão essencial:

Perguntaram-me quantos investimentos (não sei se ao cêntimo?!) pretendia-se com esta agência.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Fale a sério e deixe-se de brincar. Para brincar bastou na Comissão!

**O Orador:** Esta Agência pretende exactamente criar as condições para que se possa potenciar ao máximo a capacidade de atracção de investimento na Região.

A resposta será dada anualmente na evolução positiva do Produto Interno Bruto da Região, na evolução positiva da criação de postos de trabalho, na criação de riqueza e criação de rendimento.

Em última análise serão os açorianos a avaliar e a analisar a capacidade, o bom sentido e a eficácia da criação desta instituição.

Muito obrigado.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** *Muito bem!*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Vice-Presidente.

Tem a palavra o Sr. Deputado Rogério Veiros para uma primeira intervenção.

(\*) **Deputado Rogério Veiros (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputado, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado Jorge Macedo falou na diferença que existe entre esta bancada e essa bancada, no facto de nós sermos optimistas, de acreditarmos, de termos uma postura positiva em relação a estas matérias, coisa que o PSD não consegue ter.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Eu disse isso? As minhas intervenções estão gravadas.

Está a pôr na minha boca coisas que eu não disse!

**O Orador:** O senhor é que disse que nós tínhamos um optimismo excessivo sobre esta matéria e que o senhor estava aqui para fazer o papel da oposição. O papel da oposição é também, tal qual como nós acreditamos no futuro desta Região, acreditar que é possível investir na Região e qualquer investidor, de qualquer parte do mundo, que ouça este PSD falar, que veja a campanha do PSD, já mais será capaz de investir na Região Autónoma dos Açores.

Por isso, ainda bem que nós acreditamos, ainda bem que nós somos optimistas!

O senhor perguntou ao fim de 6 meses quantos investimentos previa o Governo Regional ter após a criação da API?

Sr. Deputado, essa pergunta já alguns colegas desta bancada lhe disseram que é uma pergunta que não tem qualquer lógica, porque o senhor sabe que qualquer investimento externo, para ser implementado, para ser negociado, leva o seu tempo e as coisas não acontecem de um momento para o outro.

Ainda há bem pouco tempo ouvíamos o Sr. Ministro da Economia, humildemente dizer, que alguns dos investimentos que estão a ser anunciados pelo Governo do Partido Socialista, foram ainda tratados, e iniciada a sua negociação, no tempo do Dr. Miguel Cadilho quando estava à frente da Agência Portuguesa de Investimentos.

Isso é uma forma humilde e correcta de analisar as coisas, coisa que o senhor não está a ter. Como é que o senhor quer que ao fim de 6 meses, e neste preciso momento, o Governo lhe diga que vai conseguir 3 ou 4 investimentos? Isso era o mesmo que dizer que o Governo criou uma agência, porque tem dois ou três investidores que querem investir nos Açores e então criou-a para esses investidores. Isso não tinha lógica absolutamente nenhuma.

É necessário criar a Agência para depois dinamizarmos o investimento e criarmos as condições de negociação através das possibilidades que nós temos para implementar investimento nos Açores.

Depois, o facto de virem falar se a Agência está dependência do Secretário A, B ou C.

Srs. Deputados do PSD:

Esta bancada e aquele Governo não são a bancada do PSD, que discute se fica na fila da frente ou na fila de trás. Aqui não há fogueira de vaidades. Aqui há trabalho para fazer e há desenvolvimento para implementar.



Por isso, se a Agência está na dependência do Sr. Vice-Presidente do Governo está muito bem, porque na última campanha eleitoral (talvez os senhores não leram ou não prestaram atenção) a questão do investimento externo fazia parte do Programa do Governo.

**Deputado António Marinho (PSD):** O senhor é que só leu o último, mas os anteriores já referiam isso!

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Já desde 96!

**O Orador:** E como fazia parte do Programa do Governo é natural que sendo uma das partes estratégicas do desenvolvimento da Região esteja na dependência do Sr. Vice-Presidente do Governo, porque é transversal.

A nível nacional, ainda há bem pouco tempo assistimos ao Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros a assumir a sua quota parte como Ministro dos Negócios Estrangeiros na Promoção do Investimento Externo em Portugal.

É natural que esta Agência seja transversal nos domínios da agricultura, da saúde e da economia.

Caberá aos diferentes secretários, de acordo com os diferentes investimentos da API, também colaborar na negociação desses investimentos.

Por isso, meus amigos, a mim não me repugna nada estar na dependência do Secretário A, B, C ou D.

Os senhores é que chegam aqui e dizem “bem, neste plenário, vamos virar-nos todos ao Secretário A”, “neste plenário vamos virar-nos todos ao Secretário B”. Neste plenário não escolheram o da saúde, escolheram o da economia e agora está tudo direccionado para o Secretário da Economia.

Parece que os senhores vêm fixados no Secretário da Economia.

Depois a questão da APIA ser uma agência.

Incomodou-vos ter sido chamada aqui a questão do IPA.

**Deputado António Marinho (PSD):** Não incomodou nada!

**O Orador:** Meus senhores, o que temos aqui é um Decreto Legislativo Regional e este Decreto Legislativo Regional não vai produzir por si só investimento na Região.

O que vai produzir investimento na Região são as pessoas que conduzem essas políticas, são as pessoas que vão integrar esta agência e são as pessoas que vão conseguir dinamizar o investimento na Região.

Por isso, meus amigos, as políticas são feitas e executadas por pessoas e essas pessoas é que vão conseguir trazer o investimento para a Região.

Um outro Sr. Deputado perguntou sobre as razões desta agência. Elas são sobejamente conhecidas. Faz parte do nosso Programa do Governo o investimento estrangeiro na Região.

Dizem que nós já estamos no poder há 10 anos.

É verdade! Nós estamos no poder há 10 anos, mas quando nós chegámos ao poder era impossível os investidores externos investirem na Região, porque nem o Governo Regional cumpria com os seus pagamentos, nem a Região tinha a estabilidade económica e social que tem hoje e por isso só hoje é que estamos em condições de começar a promover o investimento externo na Região, porque fomos nós, socialistas, que conseguimos trazer à Região paz social, tranquilidade económica e desenvolvimento para que os investidores externos queiram investir na Região e não aconteçam novas situações como aconteceram no vosso tempo.

Muito obrigado.

*(O Sr. Presidente da ALRAA voltou a ocupar o seu lugar na Mesa)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Presidência

**(\*) Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Sr. Presidente,

Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Apenas para participar neste debate e de certa forma contribuir para aquilo que parece ser o grande desejo da oposição.

O problema, segundo a perspectiva que na minha opinião parece transparecer neste debate, não é a criação da APIA.

O problema não é o decreto!

O problema não são os artigos!

O problema é que há aqui uma divergência de fundo e de concepção entre aquilo que deve ser o desenvolvimento dos Açores, para o Governo Regional e para o Partido Socialista, e aquilo que deve ser o desenvolvimento dos Açores para o PSD e para o Sr. Deputado PP.

**Deputado António Marinho (PSD):** Obviamente que também tem a ver com isso!

**O Orador:** É isso!

**Deputado António Marinho (PSD):** Então é isso, mas não é tudo!

**O Orador:** O que está aqui em causa é uma aposta clara e decidida em termos instrumentais para captar investimento externo.

O Sr. Deputado António Marinho, ilustre Vice-Presidente do PSD, e Deputado desta casa, ri-se, mas não é a primeira vez que há esta divergência de posições entre o Governo, o PS e o Grupo Parlamentar do PSD e a oposição.

O programa do Governo elencava como atracção de investimento externo, um dos grandes pilares para esta legislatura.

**Deputado António Marinho (PSD):** Desde 96!

**O Orador:** O que estamos aqui a falar é efectivamente de um instrumento para conseguir isso.

É perfeitamente natural, para além de toda a questão de artigos, que quem tomou a posição que tomou em relação ao Programa do Governo, agora tome efectivamente a posição que os senhores estão a tomar: pura e simplesmente contra!

Os senhores não apresentam outras alternativas!

Os senhores não sugerem outras possibilidades!

Os senhores apenas, de uma forma jocosa,...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Não! Jocosos não é deste lado!

**O Orador:** Jocosos, e o senhor foi um dos ilustres exemplos desta forma jocosa...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Não, não! O senhor está enganado!

**O Orador:** ... brinca com a questão da APIA, o que lhe fica muito mal, se me permite uma posição.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Não, não fica!

**O Orador:** Como estava a dizer, os senhores de uma forma jocosa resolvem manifestar-se, como? Contra! E assumem aqui alguns subterfúgios. Quais são os subterfúgios?

É a questão dos artigos.

O senhor citou alguns artigos, mas, por exemplo, não citou outros, como o artigo 7º (não é?) que dá conta de quais são as ambições que temos para esta agência, mas não convém citar este!

Em relação a outra questão que foi colocada, a questão do brinquedo, o Sr. Deputado António Marinho disse que essa agência era um brinquedo nas mãos do Governo. Penso que foi essa a expressão que utilizou.

O senhor acha que o Prof. Monteiro da Silva é conhecido nos meios empresariais por brincar ao investimento?

**Deputado António Marinho (PSD):** Não! Mas pode ficar com 1 brinquedo!

**O Orador:** Não! Pois então acha que esta agência nas mãos do Prof. Monteiro da Silva será um brinquedo?

Não há resposta!

Passamos adiante. Em relação ao Sr. Deputado Jorge Macedo, mais uma vez a questão dos quantos milhões, quantos projectos.

Sr. Deputado, esta é já uma estratégia conhecida e fica-lhe mal com a sua capacidade utilizar algo que se descobre tão facilmente, mas a resposta já foi dada pelo Sr. Vice-Presidente.

Já agora gostava de dizer o seguinte:

O PSD acusa o Governo de não explicar.

Parece-me que depois deste debate o problema não é o Governo não explicar. O problema é o PSD não querer perceber, porque está explicado qual o modelo, qual o relacionamento, a forma como esta entidade se vai relacionar com a API, mas o PSD continuar a insistir na mesma tecla.

Isso só se explica por uma divergência do contra, com qualquer argumento, mas sobretudo o que há que fazer passar é a posição contra esta questão do investimento externo.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** É um caso de insucesso escolar!

**O Orador:** Sr. Deputado Jorge Macedo:

O senhor é, segundo julgo saber, engenheiro de formação. Não sei se exerce profissão liberal, se não exerce e também espero que com esta conversa não incorra na ira do Sr. Presidente do Grupo Parlamentar do PSD. Mas se no início da sua carreira lhe perguntassem quanto dinheiro é que quer ganhar e quantos clientes é que quer ter, o que é que o senhor respondia?

Quero fazer o melhor possível e ninguém duvidaria que o senhor faria o melhor que pudesse e soubesse para conseguir o maior sucesso na sua actividade.

Pois muito bem, o que está aqui em causa é isto.

Conforme já foi referido pelo Sr. Vice-Presidente a ambição é fazer o máximo possível.

Claro, tem a armadilhazinha dos 6 meses, mas penso que toda a gente já percebeu que os 6 meses era uma pura e simples armadilha e que não passava disso. Do ponto de vista de definir aquilo que é a ambição do Governo, está perfeitamente claro qual é esta ambição.

Por último, o Sr. Deputado Pedro Gomes introduz uma nota de perfeita contradição com toda a outra argumentação que foi expandida pelo Grupo Parlamentar do PSD.

O Grupo Parlamentar do PSD pergunta por que é que se está a criar uma APIA? Então não há a API?

Mas o Sr. Deputado Pedro Gomes introduz aqui uma nota interessante.

Será que é suficiente um membro a representar a Região na API?

Pois, realmente a questão coloca-se a esse nível.

O Governo entende que não é suficiente e por isso têm que existir outros mecanismos. Cá está a APIA proposta para apreciação.

Por último, apenas uma nota muito breve.

Eu percebo a tentação – é algo que os senhores têm insistido – de dizer que decorreram 10 anos e só agora é que se lembraram.

Sr. Deputado Pedro Gomes, não me parece que o argumento seja sequer sério do ponto de vista argumentativo, porque a questão é essa e o senhor sabe perfeitamente o que é que os Governos Regionais do Partido Socialista tiveram que enfrentar durante estes 10 anos.

O senhor sabe perfeitamente a situação em que a Região estava em 96 do ponto de vista de credibilidade financeira, de saúde das suas finanças públicas, de capacidade de dinamizar a iniciativa privada. O senhor sabe perfeitamente isso.

O senhor sabe perfeitamente todos os recursos que foram afectos em virtude de numerosas catástrofes.

Portanto, este argumento não é sério, desculpe que lhe diga.

Daqui resulta que os argumentos estão claros, as posições estão explicadas.

Do ponto de vista do PSD e do Sr. Deputado do PP, apenas não querem perceber aquilo que nos parece óbvio.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Tudo o que foi dito tem a nossa plena concordância. Não há qualquer divergência. Apenas há uma divergência entre o que nós pensamos e o que o PSD pensa. O PSD pensa ainda no modelo do IPA e vou-lhe explicar porquê.

Quem decide os sistemas de incentivos não deve fazer aquilo que faz a Agência da Promoção.

O Ministro da Economia Carlos Tavares decidiu e bem criar uma agência separada do Programa Operacional da Economia. Fê-lo bem, porque promover o investimento é diferente do que aceitar candidaturas e julgar as candidaturas. Aí temos que ter uma isenção total em relação aos diversos concorrentes.

Quando estamos na Agência de Promoção ao Investimento temos que ter um trabalho personalizado, individualizado de contacto com...

**Deputado António Marinho (PSD):** E a API depende de quem? Do Ministro da Economia!

Os investimentos dependem de quem? Do Ministro da Economia!

**O Orador:** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É indiferente de quem depende. Que seja separado as duas coisas e isso é que é extremamente importante.

Como disse o Sr. Vice-Presidente, na API está um representante da Direcção Regional de Apoio à Coesão Económica, mas é completamente diferente e as funções são totalmente separadas.

Este modelo é o único que funciona. Não pode pôr-se tudo no mesmo saco. Se colocar tudo no mesmo saco não vai funcionar. Vai acontecer exactamente o que aconteceu com o IPA: influências, dúvidas, suspeições. É isso que nós não queremos.

Quem atribui os incentivos tem que ter uma isenção total em relação aos diversos concorrentes.

Quem faz a promoção do investimento, quem vai ao exterior procurar esse investimento tem uma maior proximidade com os diversos investidores. Portanto, não deve ter o trabalho de decidir os diversos incentivos. É essa a nossa diferença. Basicamente é isso.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Macedo.

(\*) **Deputado Jorge Macedo (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Eu peço a palavra unicamente por duas questões. A primeira é que eu não admito que o Sr. Vice-Presidente venha, nesta casa, dizer com ar sério e indignado que não afirmou aquilo que eu disse que o senhor disse que eu tinha afirmado na Comissão de Economia.

O senhor tem gente séria na sua bancada que também estava presente na Comissão de Economia.

Admito que a sua resposta tenha sido uma resposta quente, com algum tom de brincadeira, mas que o disse, disse. E não está mal aquilo que disse, porque é certo que aos senhores e ao Governo cabe avaliar o trabalho que é executado pela administração da APIA, mas, Sr. Vice-Presidente, aquilo que eu disse que o senhor disse, disse e reconfirmo que o disse.

O Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência, Dr. Vasco Cordeiro, referiu há pouco que eu e o PSD queremos saber os milhões que vão ser captados de investimento externo com essa agência, quais são os projectos e referiu uma questão que eu julgo que nos dá razão que é quando diz que no início das nossas carreiras nós queremos fazer sempre o melhor.

Acontece, Sr. Secretário Regional, que os senhores já não estão no início das vossas carreiras. Os senhores já têm 10 anos!

Acontece que em Maio de 97 o Governo prometia, pela boca do seu Presidente – e vou citar – “prioridade à qualificação dos recursos humanos, aos investimentos estratégicos e reprodutivos, fomentando a cooperação inter-empresarial e investimento externo nos Açores”.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** E temos feito!

**O Orador:** Em Setembro de 97, em Setembro de 98, em Novembro de 98 e Dezembro de 98 voltava a insistir “no investimento dos recursos humanos, no conhecimento na sociedade de informação e na modernização tecnológica”.



Até recentemente, em Dezembro de 2003, afirmou serem também objectivos “garantir a empregabilidade e assegurar condições para atracção de investimento externo, designadamente em núcleos tecnológicos e sectores industriais avançados”.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

O problema é esse mesmo. O problema é que os senhores não estão no início de carreira, por isso mesmo devem dizer nesta casa o que é que esperam perante o vosso entusiasmo que essa Agência de Investimentos possa trazer de investimento exterior à Região.

Eu sei que é complicado comprometerem-se. Já ontem tivemos aqui um debate em que por se terem comprometido, nomeadamente na área das toxicodependências, foram aqui confrontados com 10 ou 12 falhanços. Eu sei que é incómodo, mas é para isso que nós estamos aqui, para perguntarmos e se a respostas não vêm o incómodo fica com V. Exas.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

Dispõe de 3 minutos.

**(\*) Deputado António Marinho (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Em relação à intervenção do Sr. Secretário da Economia vou só tecer uma pequena consideração (já a teci em aparte, mas julgo que ela deve ficar registada desta forma).

Relativamente às intervenções, eu acho que os argumentos que existem e que o Partido Socialista está a tentar apresentar para esta Agência realmente já se esgotaram.

Os senhores já entraram em manobras de diversão, já estão a falar em outras coisas que já não têm a ver com a Agência.

De qualquer forma, da parte do Sr. Deputado Rogério Veiros, falava a determinada altura do optimismo, que os senhores eram optimistas e que nós éramos uns pessimistas.

**Deputado José Rego (PS):** E é verdade!

**O Orador:** E porque não?

Aqui a questão não é optimismo. A questão aqui é um instrumento.

Nós não acreditamos neste instrumento. Nós acreditamos nos Açores, nos açorianos. Num instrumento não, porque este instrumento (e esta é para o Sr. Secretário Regional da Presidência), efectivamente para nós, vai ser um brinquedo.

Não está em causa o Prof. Monteiro da Silva, pessoa por quem, aliás, pessoalmente, tenho bastante consideração. Obviamente que o Prof. Monteiro da Silva tentará, provavelmente, que este mau instrumento funcione mais ou menos.

Agora o que se prepara, em função do articulado que lá está, em função das possibilidades teóricas, é que tudo isto vai ser um mero engano e um instrumento que não vai captar adicionalmente nenhum investimento externo. Só vai confundir a partir do momento em que o investimento externo passa a ter uma dupla tutela (Secretário Regional da Economia/Vice-Presidente do Governo Regional).

Relativamente à questão que o Sr. Secretário Regional da Economia falava, aquando da criação da API (a questão acho que é nº 2 do artigo 1º ou nº 1 do artigo 2º), Agência Portuguesa para o Investimento, é tutelada pelo Ministério da Economia, assim como são tutelados pelo Ministério da Economia os sistemas de incentivos. Por isso há uma única entidade que o faz evitando dessa forma o bater de várias portas que vão ser criadas com a criação desta API.

**Presidente do Governo Regional dos Açores (Carlos César):** E as Pescas? E a agricultura?

**O Orador:** Quanto ao instrumento e às alternativas, o Sr. Secretário Regional da Presidência diz que nós não apresentámos alternativas?

Eu vou reler aquilo que disse no início da primeira intervenção que fiz:

O papel não poderia ser desempenhado com vantagens óbvias por departamentos que já assumem essas competências no Governo Regional, na captação do investimento exterior à Região, ainda por cima com responsabilidades directas na gestão de mecanismos de apoio ao investimento e que poderiam muito bem estabelecer um protocolo com a Agência Portuguesa para o Investimento e beneficiar das redes consulares...? *Ok?*

**Presidente do Governo Regional dos Açores (Carlos César):** É promíscuo!

**O Orador:** É promíscuo? Essa é para rir de certeza!

Quanto a termos citado outros artigos, obviamente que citei aqui alguns artigos dos que me mereciam. Todos os outros são boas vontades, belas intenções, mas são mera retórica, não passam de mera retórica.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Mas esses que o senhor citou não são, não é?

**O Orador:** Não, estes não são retóricos, são objectivos.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Dá jeito!

**O Orador:** O artigo 5º, o 9º e o 10º?

Dá jeito, até porque alguém me disse que aquilo era uma possibilidade teórica.

Eu, em vez de me rir – já na comissão sorri –, aqui resolvi utilizar, porque quanto a mim, pôr ali possibilidades teóricas num diploma deste género, acho que começamos a entrar numa situação que chega às raias do inimaginável!

**Presidente:** Terminou o seu tempo, Sr. Deputado.

**O Orador:** Só um segundo, Sr. Presidente.

Quanto ao PSD não querer perceber e os senhores quererem explicar, ficou bem evidente, quando o Sr. Vice-Presidente deu resposta ao meu

companheiro Jorge Macedo relativamente à questão que ele colocou: disse tudo e não disse nada.

Portanto, respostas dessas... obrigado, não as queremos.

Uma última questão:

O senhor lembrou a Região, em 96, em termos financeiros.

O senhor conhecia a situação da Região, em termos financeiros, em 96?

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Pelos mesmos instrumentos que existem hoje!

**O Orador:** Penso que conhecia. Para estar a fazer essa afirmação é porque conhecia.

Pois eu não conheço a da Região em 2004, porque só conheço aquilo que me vem através da Conta da Região e não conheço tudo aquilo que está escondido debaixo de uma série de instrumentos e este aqui vai ser acrescido ao respectivo rol.

Portanto, neste momento não sei se está boa ou se está má.

Muito obrigado.

**Deputado Clélio Meneses e Maria José Duarte (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

**(\*) Deputado Francisco Coelho (PS):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Estava eu posto em sossego, quer por parte do Governo e do Sr. Vice-Presidente, quer por parte desta bancada, com a defesa deste diploma perfeitamente feita, e bem feita, mas veio a existir, por parte de alguns Srs. Deputados do PSD algumas confusões que era bom esclarecer, até porque se colocam repetidamente.

Não percebo, por exemplo, qual é a mínima lógica de se dizer o que é absolutamente verdade e que faz todo o sentido, que o Sr. Presidente do Governo já em 96, e provavelmente quando era deputado da oposição, falava na importância do investimento externo. Falava com certeza.

Também quando falámos em Ilhas de Coesão, também já pensávamos em Ilhas de Coesão e no grande problema que é a coesão regional muito antes deste Governo.

Agora, parece haver aqui uma confusão entre a tomada de decisão política, num determinado tempo, do uso de determinados instrumentos (o Sr. Deputado Marinho há pouco acabou por confessar que não gosta do instrumento, mas é do instrumento que estamos a falar), com aquilo que foi sendo feito.

Este Governo não se preocupou agora com o investimento externo. Fala do investimento externo há muito tempo e conseguiu o aumento na captação do investimento externo para a Região de há anos a esta parte.

Este Governo não se preocupou com a solidariedade intra-regional, com os investimentos e com a discriminação positiva desde as últimas eleições regionais. Preocupou-se antes e fez muito de forma objectiva, perfeitamente factual sobre estas matérias.

Portanto, isto tem que ficar absolutamente claro.

O Governo Regional entendeu e bem que esta era a altura de usar um novo instrumento para consolidar e reforçar a aposta num pilar da economia açoriana, que deve ter cada vez mais importância, que é o investimento externo.

O Sr. Deputado Marinho não gosta do instrumento, paciência!

O Governo gosta. O Governo acredita!

**Deputado António Marinho (PSD):** E vai aprovar, mas aprova como um brinquedo!

**O Orador:** E vai aprová-lo.

É fundamental deixar claro aqui, porque isso tem a ver com pedagogia democrática e com comportamentos democráticos (e isso é importante) que a tentativa, aliás repetida, vagamente inquisitorial do Sr. Deputado Pedro Gomes, de apontar o dedinho para o Sr. Secretário Regional da Economia, de chamá-lo à liça, de tentar descobrir aqui que há um

membro ou outro, quem é que tem ou não competência, vamos deixar uma coisa perfeitamente clara:

A competência de organização do Governo, como devem saber, é matéria reservado do Governo Regional.

**Presidente do Governo Regional dos Açores (Carlos César):** *Muito bem!*

**O Orador:** Eu reconheço à oposição todo o direito de se preocupar com os resultados e com as políticas. A respeito da composição do Governo não se preocupem. Há responsáveis por isso. É o Sr. Presidente do Governo que é responsável pela orgânica e responsável pelas políticas.

Sob esse ponto de vista não há dúvida absolutamente nenhuma.

Portanto, só posso entender a manobra de diversão do Sr. Deputado Pedro Gomes como uma manobra de fraca política à falta de melhor argumento.

Muito obrigado.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções sobre esta matéria, estamos em condições de proceder às necessárias votações.

O diploma propriamente dito tem apenas 2 artigos. Nós vamos votar.

Depois vamos votar as propostas de alteração que têm a ver com o próprio Estatuto da Agência.

Os Srs. Deputados que concordam na generalidade com o diploma, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** Na generalidade, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada com 27 votos a favor do PS, 17 votos contra do PSD e 1 voto contra do CDS/PP.

**Presidente:** Vamos agora considerar as propostas de alteração para o Estatuto e depois fazemos uma votação final.

Assim sendo, existe uma proposta de alteração para o artigo 4º, que vem da Comissão de Economia.

Esta proposta não é assumida pelo Partido Socialista.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.

(\*) **Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, para o artigo 4º foi proposto pelo Partido Socialista uma alteração em Comissão que vinha no relatório.

Neste momento, o Partido Socialista não assume a proposta de alteração que tinha aprovado em Comissão.

**Presidente:** Portanto, ela cai.

Muito bem.

Assim sendo, temos uma proposta do Partido Socialista para o artigo 6º.

Está aberto o debate sobre a proposta de alteração para o artigo 6º.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.

(\*) **Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

A proposta apresentada para o artigo 6º tem a ver com um esclarecimento onde poderia ficar menos claro o sentido de que capitais a Agência iria captar em termos nacionais, se incluía ou não os capitais da Região.

É claro que o parecer da Câmara de Comércio espelhava uma contradição entre esse artigo 6º e o artigo 7º e para que ficasse claro o que é se entende por capitais externos à Região apresentou-se essa proposta. É uma proposta de esclarecimento e pouco mais.

**Presidente:** Vamos votar esta proposta de alteração do Partido Socialista. Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 17 votos contra do PSD e 1 voto contra do CDS/PP.

**Presidente:** Vamos votar, para não haver dúvidas, a parte restante do artigo 6º.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A parte restante do artigo 6º foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 17 votos contra do PSD e 1 voto contra do CDS/PP.

**Presidente:** Em seguida temos uma proposta de alteração que vem da Comissão para o artigo 11º.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.

(\*) **Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

Como epígrafe que é, julgo que não é necessário votar.

**Presidente:** Exactamente, fica para redacção final. Não vamos fazer a votação.

Passamos ao artigo 13º, para o qual há uma proposta de alteração do PS.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.

(\*) **Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

Quando há pouco se disse que o Partido Socialista não assumia a sua proposta na Comissão, tem a ver com a forma como o diploma foi previsto em que o capital estatutário da Agência será detido pela Região e por outras entidades.

Na Comissão, o PS entendeu que devia retirar “outras entidades” dado que o diploma sofria de uma deficiência que era não estar prevista a Assembleia Geral da Agência.

Claro que, estudando melhor o diploma e a situação futura, voltamos à posição inicial que era o capital ser detido pela Região e podendo ser aberto a outras entidades públicas, e aqui a proposta do artigo 13º é incluir como um dos órgãos sociais a Assembleia Geral. Era uma falha do diploma, falha essa que não significa, como se vê nas propostas de alteração que estão aqui e que não são tantas, que seja um diploma feito em cima do joelho, como a oposição fez crer aquando da discussão na generalidade.

**Deputado António Marinho (PSD):** Foi feito em cima da perna!



**O Orador:** Não foi em cima da perna. Foi uma proposta feita com “cabeça, tronco e membros”.

No diploma estava definido uma coisa, mas é claro que havendo capital da Região e de outras entidades, esse órgão é necessário na Assembleia Geral e há que colocá-lo aqui.

Não acho que seja uma grande alteração de um diploma feito em cima do joelho, como disse a oposição.

**Presidente:** Vamos votar esta proposta de alteração apresentada pelo Partido Socialista.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 17 votos contra do PSD e 1 voto contra do CDS/PP.

**Presidente:** Esta proposta substitui na íntegra a anterior.

Em seguida temos um aditamento, o artigo 14-A.

Vem na sequência das explicações que o Sr. Deputado deu. Portanto, penso que não é necessário mais debate.

Vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta de aditamento foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 17 votos contra do PSD e 1 voto contra do CDS/PP.

**Presidente:** Temos de seguida mais uma proposta de alteração para o artigo 16º, nº 2, alínea a).

Tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.

(\*) **Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

A proposta de alteração para o artigo 16º - e falaria já do 24º - resultou de uma discussão em Comissão sobre quem definiria as estratégias e os objectivos da empresa.

É nosso entender que os objectivos estratégicos e políticas de gestão da empresa terão que passar pelo seu Conselho de Administração (há objectivos de determinado nível que são competência do Conselho de Administração). Todavia no artigo 24º é, ao fim e ao cabo, esclarecido o que é que se entende por superintendência, na definição dos objectivos e das estratégias para a APIA.

Aqui, não é mais do que clarificar as duas situações, a do 16º e do 24º, que resultou da discussão da Comissão. É uma sugestão da alteração ao conteúdo e ao texto que vinha proposto no diploma.

**Presidente:** Vamos votar esta proposta de alteração apresentada pelo Partido Socialista.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 17 votos contra do PSD e 1 voto contra do CDS/PP.

**Presidente:** Passamos ao artigo 24º, que contém mais uma proposta de alteração que já está explicada.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 17 votos contra do PSD e 1 voto contra do CDS/PP.

**Presidente:** Passamos à votação final global que envolve o texto do Decreto Legislativo e naturalmente o respectivo estatuto da empresa.

Os Srs. Deputados que concordam com esta Proposta de Decreto Legislativo Regional, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** Em votação final global, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 17 votos contra do PSD e 1 voto contra do CDS/PP.

**Presidente:** Passamos ao ponto seguinte da nossa ordem de trabalhos, que é também uma **Proposta de Decreto Legislativo Regional – “Contratos-Programa de Investimento com interesse para o Desenvolvimento do Turismo dos Açores”**.

Para apresentar, tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Com a criação a nível nacional das Agências para o Investimento, a Região Autónoma dos Açores optou por um modelo semelhante às diversas regiões de turismo do Continente.

Aqui, esta Agência tomou o nome de uma associação sem fins lucrativos que tem como sócios base a SATA, a Câmara de Comércio e Indústria dos Açores, a Direcção Regional do Turismo e tem neste momento praticamente todos os associados ligados ao turismo nos Açores.

Para além disso foram criadas outras associações sem fins lucrativos, como é o caso da ART – Associação Regional de Turismo, as Casas Açorianas que envolvem a maior parte dos proprietários das casas de turismo em espaço rural, a Associação dos Baleeiros que envolve as marítimo-turísticas ligadas ao *whale watching* e outras associações que estão a trabalhar e que têm como objectivo o desenvolvimento na área do turismo.

Esta Proposta de Decreto Legislativo Regional visa clarificar em diploma legal os contratos-programa que têm vindo a ser feitos com estas associações.

A partir da existência do Decreto Legislativo Regional 18/2005, em termos jurídicos, é aconselhável que também nesta área onde se enquadram participações financeiras na área da promoção turística, da animação turística, da formação de activos na área do turismo, na

monitorização da oferta e da procura do destino Açores, achamos por bem que estes apoios que estão a ser dados devam ser devidamente implementados.

A importância que o turismo assume na Região Autónoma dos Açores é óbvia. Que a nível nacional, as parcerias público privadas têm vindo a ser privilegiadas nesta área, é também óbvio; que é fundamental trazer os privados e não ser só o Governo Regional a ter a responsabilidade da promoção e da animação na Região Autónoma dos Açores é, no meu entender, fundamental, porque o envolvimento dos privados nestas áreas onde eles estão directamente interessados é certamente melhorar a nossa promoção e a nossa oferta de animação turística, como também a possibilidade de melhorar a nossa formação de activos.

É com este objectivo muito simples de clarificar o que tem vindo a ser feito, de permitir de uma forma legal que o que tem vindo a ser feito possa continuar, que nós propomos este Decreto Legislativo Regional à Assembleia Regional.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

(\*) **Deputado António Marinho (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Pois é!

A alegria que tivemos ontem com o Empreende Jovem perdêmo-la!

Estamos mais uma vez perante um diploma que estabelece um conjunto de apoios, neste caso através de contratos-programa, e que continua a ser vago, impreciso e tem falta de critérios. Mais uma vez, é um diploma que se prepara para fazer aprovar um conjunto de apoios, mas que esquece perfeitamente a capacidade legislativa desta Assembleia.

Portanto, mais uma vez estamos perante a desregulamentação total e estamos mais uma vez perante a capacidade de somente o Governo poder

definir em que termos se conseguem determinados apoios. Isto é o livre arbítrio por parte do Governo Regional.

Este diploma pode conduzir a uma série de resultados.

Neste momento perante aquilo que lemos, através de todos os artigos que o compõem, (20 artigos) para nós são perfeitamente imprevisíveis. Não conseguimos saber aonde poderão chegar os apoios concedidos ao abrigo deste diploma.

O objectivo aliás, é um objectivo de aparência de legalidade.

Lembro-me de palavras do Sr. Secretário – espero desta vez que não desminta, como outros desmentiram, aquilo que disse em Comissão – que foram qualquer coisa deste género, não exactamente com esta precisão: embora o Tribunal de Contas não tenha tecido considerações neste aspecto, trata-se de dar maior suporte aos contratos-programa.

Portanto, é aparência de legalidade, mas também contém, e esse é o principal problema, para além da falta, para além da imprecisão, para além de ele ser vago em muitos aspectos, a possibilidade de haver uma via obtusa, uma via mais sinuosa, uma via não completamente esclarecida para a potencial canalização dos apoios que são concedidos às entidades expressamente definidas no diploma, para outras entidades que não estavam inicialmente previstas.

Aí, recorrendo ao artigo 5º, que diz “podem ainda fazer parte dos contratos programa abrangidos pelos presente diploma, além das entidades concedentes e beneficiárias da comparticipação financeira, outras entidades interessadas na execução do programa”, conjugando com o artigo 15º, nº 6 (“a posição contratual da entidade beneficiária da comparticipação financeira ou das demais entidades outorgantes associadas à gestão do programa, pode ser objecto de transmissão por motivos devidamente justificados, mediante autorização de entidade concedente do apoio financeiro, desde que verificadas as condições previstas no artigo 6º”), existe a possibilidade de, afinal de contas, as entidades que aqui vêm expressamente referidas e a quem podem ser

concedidos estes apoios, ou com quem podem ser estabelecidos estes contratos, mudarem para outra entidade completamente diferente, não estando excluída desta hipótese, segundo disse o Sr. Secretário Regional em comissão, as entidades com fins lucrativos.

Por isso, este diploma para além de ser vago, contém a possibilidade de haver uma via obtusa para se chegar a outros destinos que não aqueles que estão expressamente definidos no diploma.

A semelhança em termos de falta de critérios é grande com um diploma que aprovámos aqui e que deu origem ao Decreto Legislativo Regional nº 18/2005/A – “Regime de financiamento público de iniciativas com interesse para a promoção do destino turístico Açores”. As críticas que então tecemos a esse diploma e que nos fizeram votar contra, não desaparecem com este. Há situações perfeitamente similares e, obviamente, como somos coerentes, não vamos tomar outra decisão que não tomámos no anterior, isto é, tal como fizemos nessa altura, recusamos obviamente a dar mais este “cheque em branco” e por isso iremos votar contra o diploma.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Ana Isabel Moniz.

(\*) **Deputada Ana Isabel Moniz (PS):** Obrigada, Sr. Presidente da Assembleia.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo Regional:

A Administração Regional tem vindo a implementar um conjunto de instrumentos de financiamento público vocacionados para o apoio a iniciativas que contribuem para o desenvolvimento turístico da Região.

Tendo em conta a necessidade de estabelecer um modelo de colaboração entre a Administração Regional e as entidades privadas neste domínio, esta Proposta de Decreto Legislativo Regional vem proceder ao enquadramento normativo do regime da atribuição de participações

financeiras a iniciativas assentes em programas de investimento com interesse para o desenvolvimento do turismo nos Açores.

Atendendo à importância que estes contratos-programa podem assumir para a dinamização das acções que foram elencadas pelo Sr. Secretário Regional da Economia, nomeadamente acções de promoção turística do destino Açores, formação de activos na área do turismo, estudo e acompanhamento da actividade turística, criação de uma oferta estruturada de animação turística e qualificação da oferta existente, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista manifesta o seu apoio a esta Proposta de Decreto Legislativo Regional.

Relativamente à intervenção do Sr. Deputado António Marinho quanto à falta de critérios, parece-me que mais uma vez a figura adoptada neste diploma, que foi a de contratos programa, não é de forma alguma obtusa.

Foi uma opção ponderada, por parte da Administração, uma vez que no seu artigo 4º vincula perfeitamente quais são os objectivos destes contratos-programa, nomeadamente, e em primeiro lugar, é necessário enquadrar esta participação financeira através da execução de planos e é necessário fazer a avaliação prévia dos custos de cada plano.

Permite-se a vinculação entre parceiros públicos e privados, reforçando também o sentido de responsabilidade dos beneficiários outorgados.

Desta forma, ao estabelecer no contrato os direitos, deveres e contrapartidas dos beneficiários, estamos a assegurar a plena publicidade e transparência das condições de atribuição destes apoios.

Portanto, parece-nos que aqui não há qualquer espaço de manobra, nem fica qualquer “zona cinzenta” por esclarecer, uma vez que, caso a caso, se permite essa definição de responsabilidades.

Parece-me que o Decreto Legislativo Regional nº 18/2005/A, de 20 de Junho, não se compara de forma alguma com este diploma. Trata-se aqui de importâncias significativamente superiores e temos que admitir que a vasta abrangência destas áreas de apoio não permitiria, na minha opinião, estar além destas vertentes que aqui foram elencadas, mas ainda

especificar mais os aspectos que podiam estar envolvidos nestes contratos.

A diversidade de intenções também dificulta um pouco provavelmente esta arrumação de temas, mas parece-me que aqui o diploma conseguiu de uma forma abrangente apanhar tudo aquilo que é mais relevante (acções de promoção, acções de formação, acompanhamento da actividade turística e seu estudo, animação turística). Penso que aqui se abrangem as áreas que têm sido mais solicitadas para este tipo de apoios. Portanto, parece-me que aqui não ficou qualquer espaço para dúvida e, caso a caso, o contrato programa, estabelece essas responsabilidades. Assim, poderá sempre ser consultado e a transparência e a publicidade das condições serão sempre garantidas.

Muito obrigada.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções sobre esta matéria, vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam na generalidade com o diploma, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** Na generalidade, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada com 28 votos a favor do PS e 16 votos contra do PSD.

**Presidente:** Passamos à votação na especialidade.

Observado o relatório da Comissão, não existe nenhuma proposta de alteração. Também não foi entregue nenhuma na mesa. Pergunto à câmara se posso considerar todos os artigos na especialidade.

*(Pausa)*

Parecendo haver anuência, vamos votar todos os artigos, ou seja, desde o artigo 1º ao 20º.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.



Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** Na especialidade, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada com 28 votos a favor do PS e 16 votos contra do PSD.

**Presidente:** Passamos à votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam na generalidade com o diploma, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** Em votação final global, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada com 28 votos a favor do PS e 16 votos contra do PSD.

**Presidente:** Passamos ao diploma seguinte: **Proposta de Decreto Legislativo Regional – “PROENERGIA – Sistema de incentivos à produção de energia a partir de fontes renováveis”.**

Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PROENERGIA é um sistema de incentivos à produção de energia a partir de fontes renováveis.

Penso que a actualidade desse sistema de incentivos é incontestável.

O âmbito deste sistema de incentivos é: investimentos na exploração de recursos energéticos renováveis para a micro produção de energia utilizando recursos hídricos, eólicos, biomassa, solares voltaicos, no domínio da microgeração da electricidade e calor para a utilização em edifícios, investimentos na utilização de recursos solares térmico e termodinâmico para a produção de águas quentes, investimentos em instalação de sistemas de gestão energética em edifícios que permitam melhor repartição do consumo de electricidade.

Quem é que pode concorrer?

As pequenas e médias empresas, cooperativas, associações sem fins lucrativas ou pessoas singulares ou condomínios.

O que é que se pretende com este sistema de incentivos?

Pretende-se incentivar os privados a enveredarem pela utilização de energias renováveis dando o incentivo aos custos dos equipamentos e aos custos em instalação, em alguns casos, de forma que na Região Autónoma dos Açores a factura energética dependente da energia dos combustíveis fósseis seja reduzida.

Nós sabemos da actualidade deste tema, porque os combustíveis fósseis estão a aumentar todos os anos (este ano, em média, os primeiros 5 meses apontam para o preço do barril de petróleo à volta dos 65 dólares) e não dá mostras de descer.

Por outro lado, todos nós temos o compromisso com o protocolo de Quioto, nós temos metas a atingir e este pode ser um contributo, porque, a uma escala mais vasta, pode entrar aqui as pessoas singulares, as empresas e pode reduzir também o consumo de combustíveis fósseis.

O incentivo que se pretende dar a pessoas singulares vai até mil euros, a taxa de comparticipação é de 25%.

No caso das Ilhas da Coesão essa taxa sobe para os 35%. Se for em casas isoladas sem acesso à rede pode ir até aos 50%.

No caso das pequenas ou médias empresas, ou associações sem fins lucrativos, o incentivo pode ir aos 250 mil euros. A taxa de comparticipação é também de 25% e as regras para não ter acesso também aumentam para 50% e, no caso das Ilhas de Coesão, aumenta para 35%.

Nós pensamos que com isto temos criado um sistema de incentivos de acesso fácil que não está sujeito a fases, que não está sujeito a dotações orçamentais, mas que pode provocar uma substancial poupança de energia nas nossas casas e nas nossas empresas.

Basta só dizer, e acho que esta informação é pertinente, que por cada quilo de garrafa de gás doméstico adquirido por cada pessoa, o Governo Regional, através do Fundo Regional de Apoio à Coesão Económica, paga 30 cêntimos.

É um valor substancial, é uma factura substancial que todos nós estamos a contribuir, que pode ser evitada se todos nas suas casas, na medida das suas possibilidades, poderem evitar o consumo de gás, criando nas suas casas dispositivos, por exemplo, de aquecimento de águas quentes.

Basicamente é com este intuito, com este objectivo de aumentar o aproveitamento de energias renováveis, tanto para o sector privado, como para o sector empresarial, que esta Proposta de Decreto Legislativo Regional é trazida a esta Assembleia Legislativa Regional.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Macedo.

(\*) **Deputado Jorge Macedo (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Em boa hora este diploma é apresentado pelo Governo nesta casa.

Todos nós temos conhecimento de que nos Açores a nossa dependência energética é elevadíssima e mais importante do que as empresas, nomeadamente a empresa concessionária da produção e distribuição de electricidade investir no grupo que inclui a empresa de produção e distribuição de electricidade dos Açores, investirem em energias renováveis é que outras empresas, e mesmo privados, possam investir nesse tipo de energias.

No entanto, temos a convicção ou o receio de que seja um diploma bem intencionado mas tímido na sua ambição.

Já tive oportunidade de referir na Comissão de Economia, aquando da audição feita ao Sr. Secretário Regional da Economia sobre este mesmo diploma, que julgamos que ao nível dos privados este diploma vai apenas e só permitir a compra de painéis solares. As outras tecnologias para a utilização ou para o aproveitamento das energias renováveis não vão ser possíveis tecnicamente, mesmo do ponto de vista da motivação, não vão ser muito vulgarizada pelos privados.

Posso dar o exemplo da energia eólica em que apenas e só é possível que os privados vendam o seu excedente de energia em 20% à empresa concessionária de produção e distribuição de energia nos Açores.

É manifestamente pouco e sendo certo que com essa tecnologia, com a tecnologia de aproveitamento da energia eólica, uma família lucrará a módica quantia de 2,4 euros por dia, é substancialmente pouco.

Se alheado a essa diminuição da sua factura energética pudessem alhear a venda de alguma energia à rede pública superior aos tais 20% previstos no diploma, seria certamente um aliciante que motivaria muito mais privados a poderem utilizar a energia eólica numa perspectiva de diminuição da nossa dependência, da dependência das suas habitações, naturalmente e em primeira instância, mas na dependência energética dos Açores relativamente aos combustíveis fósseis.

No entanto, o PSD vai votar favoravelmente este diploma, reparando, ou tornando claro o nosso alerta, de que vamos ter um diploma para que os privados possam apenas e só adquirir painéis solares, o que é pouco.

Resta também um alerta porque no passado, situações muito complicadas foram identificadas.

Quando este diploma surgir temos todos de ter a consciência de que muitos privados, muitos deles sérios, mas alguns deles podem não ser sérios, vão tentar vender tudo o que tiverem em casa nomeadamente ao nível da energia eólica.

É preciso que também daqui e desta Assembleia, fique uma nota e um alerta aos açorianos, porque se no passado isso aconteceu, nada inviabiliza que no futuro isso não venha a acontecer também.

Todos os cuidados são poucos.

Eu próprio, na minha actividade profissional, há alguns anos, identifiquei verdadeiras barbaridades na montagem e colocação de painéis solares, com a única preocupação por parte das empresas que comercializavam esses equipamentos, de os vender, não garantindo nem a correcta montagem, nem a correcta manutenção.

Ou seja, se esse diploma é bom, se esse diploma vai permitir dinamizar a venda de painéis solares com a consequente utilização racional e aproveitamento de energias renováveis, é preciso que também os açorianos fiquem à alerta para que os seus investimentos (e os investimentos também são feitos com a ajuda do erário público) sejam investimentos correctos do ponto de vista técnico e que conduzam a uma efectiva melhoria da *performance* energética de cada uma das suas habitações e dos Açores em geral.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Todos nós conhecemos a dependência da Região e do país, apesar da dependência da Região ser a mais baixa no conjunto do país, dos combustíveis fósseis e todos temos a consciência da necessidade de incentivar o uso de energias renováveis, as chamadas energias limpas, não poluentes.

Este diploma naturalmente aparece em boa hora, como aqui já foi afirmado.

Procura incentivar os privados para a utilização de energias renováveis, contribuindo assim para a dependência da Região no que diz respeito aos hidrocarbonetos, reduzindo também por essa via os efeitos nefastos desse tipo de utilização de combustíveis fósseis que sob alguns aspectos são altamente nocivos para o meio ambiente e para a qualidade de vida.

Procura-se assim incentivar os privados, aos mais diversos níveis, como foi explicado (pequenas e médias empresas, cooperativas, condomínios e residência unifamiliares), para que possam produzir também, em parte, alguma da energia de que necessitam e assim recorram às energias renováveis para a produção de electricidade ou de outras formas de energia.

Permite-se ainda, para além disso, para além dos apoios que são concedidos aos privados para avançarem por este caminho, que parte dessa energia seja vendida e, portanto, seja injectada na rede pública, obviamente com algumas limitações.

Como sabemos, a energia eólica não é uma energia de produção contínua, contrariamente à geotérmica, e a capacidade de absorção da rede pública para este tipo de produção da energia eléctrica, é bastante limitado.

Em qualquer dos casos, os incentivos permitem, por um lado, que os privados avancem para o investimento reduzindo a sua factura mensal no consumo de energia, e, por outro lado também, a venda do excedente até ao limite dos 20% à rede pública contribuindo para a amortização do investimento.

Os dois factores, incentivos por um lado e venda da parte da produção por outro, conjugados, são claramente (esperemos que venham a ser!) um factor de grande atractividade e esperamos que venha a contribuir, de uma forma que sabemos que será sempre limitada, mas que apesar de tudo poderá vir a ser bastante importante, para a redução da factura energética da Região e para uma melhoria, em termos ambientais, da nossa qualidade de vida.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Em boa hora o CDS/PP apresentou nesta casa uma Proposta de Resolução sobre o aproveitamento da energia eólica e, em boa hora, foi aprovada.

Também em muito boa hora é proposto este diploma de incentivos às energias renováveis.

Isto vai permitir não só termos melhor ambiente, como aproveitarmos um recurso, no caso da energia eólica que temos, uma vezes felizmente, outras infelizmente, em abundância, que é o vento.

Portanto, é um recurso que a Região não pode desperdiçar e este diploma de alguma maneira vem incentivar ao seu uso.

A Região é altamente dependente dos combustíveis fósseis, ou totalmente dependente, ou quase totalmente. Poderá trazer grande poupança à Região por esse lado e poderá também trazer grande poupança à Região em termos da tonelada de CO<sub>2</sub> que tem que se pagar. Como se sabe, todos têm que pagar essa tonelada de CO<sub>2</sub> que é metida para a atmosfera.

O diploma, como o Sr. Secretário já disse, é aberto, não tem limite temporal, e o que se espera também, é que se possa mudar algumas coisas neste diploma com o decorrer do tempo.

Ele é bom na sua generalidade, agora no que diz respeito à energia eólica, os 1000 euros previstos são, de facto, muito pouco para incentivar as famílias a instalar na sua casa um aerogerador. Um aerogerador custará à volta de 7 mil euros, sem projecto.

O apoio para as empresas é razoável, se entendermos a empresa por um sistema de energia alternativa nas suas instalações.

Para os privados domésticos, os 1000 euros talvez sejam um bocadinho escassos nos termos da energia eólica.

Há o limite dos 20% da venda da energia à rede, (percebe-se porquê, por causa das oscilações). Talvez se pudesse ir um pouco mais além. Está provado que até 30% não cria instabilidade na rede, mas de qualquer maneira já foi um avanço. Antes era 10% e passou-se para 20, portanto, já foi um passo nesse sentido.

Sr. Secretário, era preciso esclarecer se a EDA está em condições de instalar os contadores bidireccionais, julgo que é assim que se chamam, que permitem fazer a venda do excedente (do contador) da energia para a rede.

Julgo que se tem que continuar. Aliás, o Sr. Presidente do Governo, em Santa Maria, já anunciou isso. É uma boa aposta do Governo nas energias alternativas, conjugando umas com outras (geotermia, hídrica, no caso das Flores).

Julgo que apesar de ser um bocadinho tímido, o diploma é bom e estamos naturalmente neste sentido no bom caminho.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Está definido no próprio diploma que será regulamentado o processo de venda da energia dos privados à EDA e aí ficará definido as condições.

As condições que nós estamos a pensar são aquelas que a ERSE impõe a nível nacional, ou seja, a própria EDA paga à SOGEO ao preço da energia renovável como é feito a nível nacional.

Também nós pretendemos que este preço seja o mesmo que a EDA adquira aos privados que queiram colocar na rede, mas será um diploma que nós apresentaremos à Assembleia e todas as regras ficarão definidas.

Muito obrigado.

**Presidente:** Srs. Deputados, estamos em condições de votar.

Os Srs. Deputados que concordam com este diploma na generalidade, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Na generalidade, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Vou agora fazer uma coisa diferente. Só há uma proposta de alteração que é para o último artigo, que diz respeito à entrada em vigor.

Vamos votar esta proposta de alteração.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Isto permite-nos agora pôr todos os artigos à votação na especialidade.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Os artigos postos à votação foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Votação final global.



Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Em votação final global, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Pedia aos Srs. Presidentes dos Grupos Parlamentares, ao Sr. Secretário Regional da Presidência para virem aqui falar comigo um pouco.

*(Pausa)*

Meus senhores, vamos interromper os nossos trabalhos para almoço. Voltamos às 15 horas e começamos com a interpelação ao Governo.

*Eram 13 horas.*

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos retomar os nossos trabalhos com a **interpelação ao Governo Regional, ao abrigo do artigo 183º do Regimento, sobre “Política de transportes inter-ilhas”**, suscitada pelo Grupo Parlamentar do PSD.

*Eram 15 horas e 40 minutos*

Como sabem, os tempos foram atribuídos na Conferência de Líderes, ficando o Governo com 60 minutos, o PS com 60 minutos, o interpelante com 60 minutos, o PP com 30 e o Sr. Deputado Independente com 10 minutos.

O debate é aberto com a intervenção do Sr. Deputado interpelante, seguida da do membro do Governo Regional.

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Macedo.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

“Tínhamos falta de tempo”! Foi deste modo que V. Exa., Sr. Secretário Regional da Economia, justificou a barafunda, a trapalhada e o prazo para a passagem ao procedimento por negociação directa, sem publicação prévia de anúncio, com a qual V. Exas. talharam um “fato à medida” do único concorrente presente ao concurso, para a operação do transporte marítimo de passageiros e viaturas inter-ilhas.

“Tempo” foi o que V. Exas. mais tiveram! Tempo foi o que V. Exas. mais desperdiçaram!

Se “8 anos” não é tempo suficiente, então digam-nos, digam aos açorianos, quanto mais tempo precisam.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Se 8 anos não chegaram para este Governo Regional aprender, sempre à custa do erário público, quantos mais milhões os açorianos vão ter de pagar para terem o sistema de transporte marítimo de passageiros e viaturas, “navegável”, confiável e credível.

Credibilidade é coisa que V. Exas. nunca conseguiram emprestar ao transporte marítimo de passageiros inter-ilhas e desconfio, aliás temos motivos de sobra para desconfiar, que V. Exas. já “não têm remédio”.

Durante 8 anos, aos açorianos foi prestado um serviço que acumulou erros atrás de erros, atrasos atrás de atrasos, incumprimentos atrás de incumprimentos, com V. Exas., durante todo este tempo, pura e simplesmente, “a ver navios”!

Durante 8 anos V. Exas. nunca, por um único momento, deram mostras de saber o que é que queriam. Durante 8 anos estiveram “anestesiados”, não fizeram o “trabalho de casa”, como que à espera que a “coisa” corresse bem por “obra e graça do Divino”.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Foi tempo demais e a desculpa da “falta de tempo” é desculpa de mau pagador, ao jeito do aluno que caminha para a universidade e que após 8

anos e 8 chumbos consecutivos, ainda acredita que um dia vai ser doutor com um “bafejo” da sorte.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Passados 8 anos e quando este Governo Regional quis dar a entender que tudo ia ser diferente (para melhor julgava eu, julgávamos nós), o resultado foi novamente o que todos conhecemos – desastroso!

Se antes, com o passar dos anos, as desculpas eram cada vez menos aceitáveis, desta feita não há desculpa que vos valha, conhecidos que são agora todos os contornos do concurso público na versão 2006/2011.

O primeiro erro, e de palmatória, surge na definição do Modelo da operação.

Se o volume de passageiros e viaturas a transportar, nunca foi atractivo, V. Exas. tiveram a infeliz ideia de retirar do concurso público as rotas a operar pelo “Navio B”, de 2008 a 2011. O mesmo é dizer que não só retiraram volume a uma operação já de si sem “volume”, “hiper-sazonal” e por isso mesmo muito deficitária, como conseguiram, por esta via, aumentar exponencialmente o “risco do investimento”, afugentando a concorrência sempre extraordinariamente útil e saudável em qualquer concurso público.

Por outras palavras V. Exas. conseguiram a proeza, de piorar a “atractividade” de um concurso que só por si, e fruto de 8 anos de novelas rocambolescas, gera enormes desconfianças junto dos potenciais investidores.

O segundo erro de cálculo foi quererem ser “mais papistas que o Papa”!

A exigência, no Programa do Concurso, da apresentação do certificado IACS dos navios, aquando da apresentação das propostas, não só não tinha exequibilidade prática, face à realidade do mercado dos navios com as características solicitadas no caderno de encargos, como prejudicou sobremaneira a concorrência entre operadores.

Na prática V. Exas. exigiram qualquer coisa do tipo “sol na eira e chuva no nabal”. O resultado é novamente de todos conhecido. Apenas um

concorrente se apresentou a concurso e obviamente sem cumprir a exigência da certificação IACS.

Digo obviamente, porque são vários os especialistas, um deles o próprio Presidente do Conselho de Administração da Atlanticoline, que confirma que só existiam no mercado 3 navios com características adequadas à operação nos portos dos Açores, sendo que apenas 1 tinha a certificação solicitada.

V. Exas. queriam o certificado IACS dos navios, na apresentação das propostas, para vos garantir “tranquilidade” – limito-me a reproduzir as palavras do Sr. Secretário Regional da Economia – e por vossa inteira responsabilidade em vez de “tranquilidade” tiveram a “tremideira” do costume.

Como se isso já não fosse mau – também para a vossa saúde – pior ainda foram as consequências, que como admitiu o Presidente do Conselho de Administração da Atlanticoline, “prejudicou a concorrência” e tanto assim foi que, das 9 empresas que adquiriram o Caderno de Encargos, apenas uma “se chegou à frente” e entregou uma proposta, 5 minutos antes da hora limite.

Aliás, foi o próprio Presidente do CA da Atlanticoline a concordar que a Região estará a pagar um valor muito elevado pelo serviço contratado, porque a obrigatoriedade da apresentação do famigerado certificado IACS, aquando da apresentação das propostas, prejudicou a concorrência e originou “excesso de confiança” do único concorrente – a Transmaçor.

Empurrada (digo eu) ou não, foi a Transmaçor a evitar um enorme embaraço ao Governo Regional, sendo certo que a última coisa que queria era ficar com o concurso deserto, V. Exas. e todos os açorianos.

Não chego ao limite de afirmar que a Transmaçor funcionou como a vossa “escolta naval”, mas é no mínimo estranho o cruzamento de interesses entre todos os actores intervenientes neste processo concursal.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Tudo começa no Governo Regional, que cria uma empresa chamada Portos dos Açores, S.A., que cria a Atlanticoline, S.A., que adjudica o Transporte Marítimo de Passageiros inter-ilhas, à Transmaçor detida em 27% pelo Governo Regional, num processo de concurso “nublado e nebuloso” e que acabou por deixar cair, no procedimento por negociação directa, a única exigência, que o único concorrente não cumpria – a certificação IACS!

Na prática o que V. Exas. antes diziam ser muito importante, já não fazia diferença nenhuma, só que entretanto afugentaram toda a concorrência, e para disfarçar, numa atitude da mais pura e cristalina “lata política”, voltaram a convidar todos os que adquiriram o Caderno de Encargos, dando-lhes 8 dias para apresentarem propostas.

Nem num concurso de fornecimento de barcos de “boca aberta” se dão 8 dias, quanto mais num concurso para comprar ou alugar navios.

Estavam V. Exas. à espera que desta vez aparecessem mais concorrentes? Evidentemente que não! Evidentemente que o convite surge só para constar e para se esconderem na sombra da peneira com que queriam tapar o sol.

Se tudo isto já é demasiado grave, tudo isto é feito com dinheiros públicos que o mesmo é dizer com o dinheiro do trabalho dos açorianos.

A operação, entre 2006 e 2011, agora contratada à Transmaçor vai custar à Região 16,8 milhões de euros, só no subsídio à exploração.

Apenas nos próximos 2 anos (2006-2008) serão pagos 14,1 milhões de euros, dos quais 9,7 milhões de subsídio à exploração, 3,6 milhões do subsídio ao combustível e taxas portuárias e ainda 830 mil euros por via dos acordos para de redução de tarifas para o turismo jovem e sénior.

Feitas as contas a Região paga, por cada passageiro que ponha o pé no navio, 106 euros para cada lado, o que na prática significa 212 euros por passageiro numa viagem de ida e volta. Estamos a falar, só à conta da Região, de 42 contos e quinhentos por passageiro, sendo que a somar, o passageiro paga o seu bilhete de viagem.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo: Se nas nossas casas e nas nossas famílias, somos nós a zelar pela comedida e racional utilização do rendimento disponível, competia ao Governo Regional fazer o mesmo com o dinheiro dos nossos impostos.

O que se está a passar é tudo menos racional. O que se está a passar é pura delapidação do erário público. O que se está a passar, tenho a certeza, V. Exas. não fazem nas vossas casas com o vosso dinheiro.

Ao longo de 8 anos, V. Exas. “deitaram, pura e simplesmente dinheiro ao mar”. Agora dizem que “não vale muito a pena discutir o provisório” – palavras do Sr. Presidente do Governo.

Esquecem-se é que este “provisório passado” já consumiu 28,3 milhões de euros e no “provisório futuro” dos próximos 2 anos, vão gastar mais 14,1 milhões de euros. O vosso provisório, o provisório que dizem V. Exas. “não vale muito a pena discutir”, vai custar ao fim de 10 anos (entre 1998 e 2008) 42,4 milhões de euros. São tão só 8,5 milhões de contos.

Face a estes números astronómicos, o facto de, pela enésima vez, a operação este ano não se ter iniciado dentro dos prazos estabelecidos, não era minimamente relevante, não fossem as surpreendentes palavras do Sr. Presidente do Governo, que tenho a certeza passarão a incluir os melhores manuais de estratégia e planeamento, quando afirmou no passado dia 13 de Junho e cito “o facto do navio ainda se encontrar parado, só vem dar razão ao Governo”. Em linha directa de raciocínio, posso concluir, podemos todos concluir, que quanto mais tempo o “barco” ficasse parado, mais “razão” tinha o Sr. Presidente.

**Deputados Clélio Meneses e José Manuel Bolieiro (PSD): Muito bem!**

**O Orador:** Todos entendemos o incómodo do Governo Regional, emaranhado numa teia que ele próprio teceu. Todos entendemos que procurem desesperadamente uma saída airosa para disfarçar os erros acumulados ao longo de 8 anos. Só não aceitamos e nunca aceitaremos que V. Exas. queiram limpar a face, enjeitando responsabilidades e manipulando os acontecimentos, com o dinheiro dos açorianos.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Exigimos que os açorianos, neste como em muitos outros casos, sejam tratados com respeito.

Disse.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente da Assembleia Legislativa Regional, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo Regional dos Açores, Srs. Membros do Governo:

Os Transportes, tanto aéreos como marítimos, são uma peça fundamental no desenvolvimento de uma Região arquipelágica como é a nossa. Em 1996, e digo isto com pena, os Portos dos Açores eram dos mais caros do País. Os fretes entre o Continente e os Açores e entre as diversas ilhas dos Açores eram elevados, as passagens aéreas de e para o Continente eram quase o dobro das que existiam entre a Madeira e o Continente. As ligações aéreas entre as diversas ilhas dos Açores eram também muito caras. Em termos de transporte marítimo de passageiros apenas tínhamos as ligações entre o Faial e o Pico, entre São Jorge e o Pico e entre São Jorge e o Faial, através dos Cruzeiros das Ilhas e do Canal. O transporte entre as Flores e o Corvo era feito num barco de madeira, que não saía do Porto das Lajes quando havia ondas acima dos 4 metros no canal. O Ponta Delgada que unia as diversas ilhas dos Açores acabou por ser desmantelado, porque dava prejuízo. Esse era o tempo em que não havia críticas ao transporte marítimo de passageiros. Os Açores, porém, viviam mais isolados, mais periféricos, menos unidos e mais distantes.

Se olhar para estes dez anos do Governo dos Açores da responsabilidade do Partido Socialista, sei que cometemos erros, mas sei que também muito fizemos. Ninguém pode negar, que hoje as nove ilhas dos Açores

estão mais próximas; que os Açores se aproximaram mais do Continente; que hoje os Açores estão mais abertos ao mundo que os rodeia. Tal ocorreu, não porque a evolução natural da economia assim obrigasse, mas por que delineámos novas políticas para o sector, de certo com alguns erros, mas sempre procurando novos rumos. Ninguém pode negar o enorme investimento que fizemos e continuamos a fazer nas diversas infra-estruturas ligadas ao transporte aéreo e ao transporte marítimo. Ninguém pode negar que baixamos as tarifas aéreas, mesmo como preço do petróleo a subir. Ninguém hoje pode negar que os portos dos Açores estão mais baratos do que há dez anos atrás.

Sr. Presidente da Assembleia, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

Vejamos agora mais em pormenor a nossa actuação na área transportes aéreos.

Quando tomei posse como Secretário Regional da Economia, em 1996, o movimento total de passageiros que ocorreu nos diversos aeroportos dos Açores foi de 1.167 mil passageiros. Em relação 1990 tinha havido um crescimento de 17.1%. Passados que foram 6 anos, ou seja, em 2002, já tínhamos 1.619 mil passageiros, um crescimento de 38.7%, mais do dobro do crescimento verificado nos seis anos anteriores. O ano passado nos nossos aeroportos passaram 1.761 mil passageiros. Mas se olharmos apenas para o transporte aéreo inter-ilhas o mesmo se passa. Em 1990 tínhamos 566 mil passageiros, em 1996 tínhamos 642 mil passageiros, ou seja, um crescimento apenas de 13.4%. Em 2002, tínhamos 798 mil passageiros, ou seja, um crescimento de 24.3%. Em 2005 tínhamos já 821 mil passageiros no inter-ilhas.

Vejamos, agora, o preço das passagens aéreas: em 1996 custava 216 euros uma passagem de ida e volta ao continente. Hoje, passados dez anos esta mesma passagem custa 189 euros a preços correntes. Se fizermos as contas a preços constantes de 2005, em 96, ir ao continente e voltar custava 277.13 euros, hoje custa 189 euros. Haverá sempre alguém



que dirá: mas hoje temos de pagar a tarifa de emissão de bilhete (temos que pagar as taxas, mas também já as pagávamos anteriormente, a taxa de emissão de bilhete é que é diferente) que se for no “Call Centre” da SATA é de 4 euros e se for no agente de viagens pode ir até aos 16 euros. Mesmo, assim, senhores deputados, a diferença é de 88 euros por passagem.

É muito mais barato ir, hoje, a Lisboa do que era há dez anos atrás apesar do enorme aumento dos combustíveis. Entre 90 e 96 o preço do petróleo variou entre os 23.6 dólares o barril e os 15.6 dólares o barril, no período que vai de 96 a 2006 o preço do barril variou entre os 13 dólares o barril e os 65 dólares o barril. Repare-se que em 2003 o preço do petróleo foi em média de 28.8 dólares, em 2004 foi de 38.2 dólares, em 2005 foi de 54.4 dólares e em 2006, nestes primeiros 5 meses a média foi de 65.1 dólares.

No caso do transporte inter-ilhas a mesma análise pode ser feita:

Uma passagem de ida e volta de São. Miguel a Santa Maria, da Terceira à Graciosa e da Terceira a São Jorge, a preços constantes de 2005, custava, em 1996, 116.48 euros, hoje custa 80 euros, ou seja, uma redução de 31.3%. Nas ligações entre as Flores e o Faial, ou entre o Corvo e o Faial as reduções ainda são maiores. Um corvino ou um florentino que se pretenda deslocar ao Faial, em 96, pagaria por uma passagem de ida e volta, a preços constantes de 2005, 184.32 euros, hoje paga apenas 80 euros, cerca de 57% menos.

É evidente que nem todas as rotas baixaram o mesmo. Gerir significa tomar **opções**. As ilhas da Coesão beneficiaram mais, é verdade, mas é para isto que estamos aqui. Quando o PSD foi Governo, de 90 a 96, infelizmente as passagens aéreas aumentaram sempre, todos os anos e para todas as ilhas.

Todas as ilhas aumentaram em média, o mesmo, 14% a preços constantes de 90 para 96, enquanto que o preço do petróleo baixou de 23.6 dólares para 20.7 dólares o barril. Pelo contrário de 96 para 2006, não houve aumento de preço das passagens, mas sim redução das passagens e esta

redução variou entre os 14.7% entre São Miguel/Terceira e os 56.6% entre Flores/Horta. Neste período o petróleo passou de 20.66 dólares o barril para os 65.13 dólares o barril. É com estas políticas que se faz uma Região.

Houve quem dissesse que de 2005 para 2006 houve grandes aumentos. Vejamos então o caso da Terceira. Todos os anos, no mês de Abril as tarifas aéreas são actualizadas à taxa da inflação do ano anterior. Este ano não fizemos qualquer aumento em 1 de Abril, mas se assim fosse, vamos ver o que é que acontecia:

- Santa Maria /Terceira, custava em 2005, 140 euros. A 1 de Abril de 2006, 144 euros. A 1 de Junho de 2006 baixou, passou para 142 euros;
- Terceira/Ponta Delgada, a única rota que subiu, custava em 2005, 132 euros. A 1 de Abril de 2006, 136 euros. A 1 de Junho de 2006 custou, 146 euros, um crescimento de 7,4%;
- Terceira/Graciosa, Terceira/São Jorge, Terceira/Pico baixaram 11,1%;
- Terceira/Pico não aumentou nem subiu, como Terceira/Horta também não aumentou nem subiu;
- Terceira/Flores, Terceira/Corvo, baixaram 44%.

Esta é que é a realidade dos factos. Houve um agravamento entre as duas ilhas maiores, é verdade, mas todas as outras ilhas beneficiaram significativamente com isto. Aproximamos as ilhas da coesão ao centro do arquipélago e por causa disto também derivado ao aumento do petróleo a SATA passou a receber 30% de indemnizações compensatórias a mais por ano.

Digo ao Sr. Deputado Jorge Macedo que as indemnizações compensatórias à SATA, por ano, são à volta de 15 milhões de euros.

Mas o transporte aéreo é bem mais que uma política tarifária. Hoje temos 5 gateways com o exterior. Já houve um tempo, não há muitos anos atrás, que se definiu para os Açores um único aeroporto como uma placa giratória da Região. Não é esta a nossa política.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Com certeza!

A interpelação é sobre transportes marítimos, não é sobre tarifas aéreas!

Fale de transportes marítimos!

**Secretário Regional da Presidência** (*Vasco Cordeiro*): A interpelação é sobre o transporte inter-ilhas!

**O Orador:** Já vamos lá!

Hoje, temos duas gateways novas nos Açores, é verdade que estão a dar os primeiros passos, é verdade que todos gostariam de as ver andar mais depressa, mas hoje já são irreversíveis.

Santa Maria ao receber voos directos do exterior, aproximou-se de São Miguel, o Pico ao ter uma nova “gateway” aproximou-se do Faial e de São Jorge. Ambas as ilhas ganharam com isto e ganharam também as ilhas que lhe estão mais próximas.

Em todas as ilhas estamos a fazer grandes investimentos no que diz respeito à melhoria das infra-estruturas aeroportuárias. Nas Flores temos uma nova aerogare que em breve estará totalmente reequipada. Em São Jorge as obras estão a terminar, talvez ainda esta semana se faça a mudança da aerogare velha, para a aerogare nova e se passe à fase de remoção da antiga aerogare para construção da placa de estacionamento. O projecto de ampliação do aeroporto de São Jorge está em marcha e contamos tê-lo pronto ainda este ano. A Aerogare Civil das Lajes muito em breve entrará na sua terceira e última fase. As propostas para a empreitada deste concurso já foram abertas, encontrando-se agora na fase de avaliação. É evidente que temos um problema com a ANA. A privatização desta empresa veio alterar alguns dos projectos que estavam em curso. Aguardamos do Governo da República a convocação de uma reunião para estabelecermos o modelo a que irá obedecer esta privatização e a forma que será encontrada para resolver as concessões dos aeroportos das Regiões Autónomas. Como disse o Presidente do Governo Regional queremos no âmbito do Quarto Quadro Comunitário de Apoio avançar com o projecto de ampliação do aeroporto da Horta, quer seja através de recursos financeiros da ANA ou dos Açores.

Sr. Presidente da Assembleia Legislativa Regional, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

O grupo SATA Internacional tem vindo a reequipar a sua frota. Em 96 tínhamos apenas em “lease operacional” um Boeing 737 300, hoje temos 2 Airbus 310 em “lease financeiro”, 1 Airbus 310 e 3 Airbus 320 em “lease operacional”. Em 96 o volume de negócios da SATA andava à volta dos 55 milhões de euros, hoje ronda os 216 milhões de euros. Estamos neste momento a estudar qual o melhor avião que servirá as rotas inter-ilhas. Já tivemos este ano em experiência nos Açores o “DASH”-8 Q300 (50 passageiros) da Bombardier que aterrou no Corvo.

Ao contrário do que disse alguma imprensa este avião portou-se muito bem nos Açores e as referências são todas positivas. Já está agendado, porém, pela Airbus a ida no próximo mês de Julho de pilotos da SATA Air Açores às Canárias para se familiarizarem com o ATR. Este ano também virá aos Açores um ATR em experiência para se testar o seu comportamento nos diversos aeroportos dos Açores, designadamente no aeródromo do Corvo. É de todo o interesse ter na SATA AIR AÇORES tripulações que possam ser utilizadas simultaneamente em todos os aviões da frota. O Programa para aquisição destes aviões continua a ser o mesmo: tomada de decisão este ano e encomenda dos aviões este ano, treino das tripulações em 2007 e vinda dos aviões em 2008.

Sr. Presidente da Assembleia Legislativa Regional, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

Passemos agora de uma forma breve ao nosso trabalho desenvolvido na área dos transportes marítimos. De 1995 a 2002 não houve qualquer aumento do tarifário portuário. Os portos dos Açores, que eram dos mais caros do País, passaram apresentar preços competitivos, tendo mesmo um estudo da ACIF realizado em 2004 indicado que o Porto de Ponta Delgada era 2.3 vezes mais barato do que o porto do Funchal. A partir de 2002 procedeu-se a uma alteração da filosofia do tarifário portuário que

foi sendo actualizado à taxa de inflação. Verificou-se que esta nova filosofia de actuação veio beneficiar grandemente os armadores que rapidamente se adaptaram às novas regras de funcionamento, tendo as Administrações portuárias recebido menos receitas em relação ao expectável. Em 2005, procedeu-se a uma actualização das tarifas em cerca de 7% para repor em parte as receitas perdidas.

No que diz ao respeito ao movimento total de mercadorias nos portos dos Açores podemos afirmar que em 1990 foi de 1.4 milhões de toneladas, em 96 foi de 1.7 milhões de toneladas, um crescimento de 300 mil toneladas em 6 anos. Em 2002 foi de 2.7 milhões de toneladas ou seja um crescimento de 1 milhão de toneladas nos mesmos 6 anos. Foi este crescimento rápido da carga que nos permitiu atenuar o preço do tarifário portuário. Em 2005 estávamos com 2.83 milhões de toneladas nos portos dos Açores.

Em termos de fretes marítimos e a preços constantes de 2005, entre 1995 e 2005, houve uma redução dos fretes entre o continente e os Açores da ordem dos 16.8% para os contentores de 20 pés, 17.3% para os contentores de 40 pés, e de 19.1% e de 19.6% para os contentores frigoríficos de 20 e 40 pés, respectivamente. No caso dos fretes dos Açores para o Continente, e também no mesmo período, as reduções foram ainda muito mais substanciais. Os contentores de 20 e 40 pés sofreram reduções do frete da ordem dos 52% e os contentores frigoríficos da ordem dos 26%. É evidente que a entrada de mais um operador do mercado fez baixar os preços, e é evidente também que a contenção que se fez nas tarifas portuárias também fez reduzir os custos dos armadores.

Em termos de transporte inter-ilhas que como se sabe funciona de uma forma complementar ao transporte de cabotagem insular entre o Continente e os Açores, promovemos, a construção de uma nova embarcação para as ligações entre as Flores e o Corvo, apoiámos através do Fundo Regional dos Transportes diversos armadores na aquisição das

suas embarcações. Também já é do conhecimento público que o Decreto-Lei que regulamenta a cabotagem insular entre os Açores (e que tem um profundo efeito no transporte inter-ilhas) e o Continente, que o Governo do PSD de Durão Barroso pretendia que fosse apenas obrigatória a ida a 5 ilhas, não passou. Ficou assim salvaguardado a acessibilidade de todas as ilhas ao exterior e a manutenção do frete igual para todas as ilhas.

No que diz ao transporte marítimo de passageiros a experiência realizada foi, apesar de tudo, positiva. Hoje, fala-se dos barcos ou da falta deles porque estes já são uma realidade no nosso dia a dia.

Há uns tempos atrás não se falava da falta dos barcos, porque dizia-se que não faziam falta.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

Todos nós percebemos que a realidade açoriana é complexa. O mar dos Açores a partir de Outubro e até Abril apresenta-se por vezes, por largos períodos de tempo alteroso, e viagens relativamente longas, superiores a 1 hora, está provado que são desconfortáveis para os passageiros. Por outro lado, tirado o fluxo anual que existe entre a Horta e a Madalena e provavelmente ainda não totalmente explorado entre as Velas e o Cais do Pico, durante o período que vai de Outubro a Maio não há procura para as viagens de barco para estabelecer ligações às outras ilhas. As viagens são demasiado longas, o mau tempo provoca desconforto, atrasos e o transporte marítimo não é suficientemente atractivo em relação ao transporte aéreo.

Assim, temos dois sistemas nos Açores que têm de ser tratados de uma forma diferente, mas que devem actuar de uma forma complementar. As ligações nas ilhas do Triângulo que devem funcionar todo o ano, com barcos com capacidade de operar nos diversos portos destas ilhas, com capacidade de levar passageiros e viaturas. A dimensão destes barcos deve estar situada à volta dos 40 metros. A capacidade deve estar situada

nos 300 passageiros e 15 viaturas. O custo estimado destes novos barcos é de 6 milhões de euros. Um destes barcos deve ficar permanentemente nas Velas para que se possa estabelecer duas ligações diárias com o Cais do Pico e outra ligação diária com a Horta. Dadas as condições de operacionalidade do Porto das Velas é importante que o novo núcleo recreio náutico esteja pronto para que esta embarcação possa lá estacionar durante a noite. Como sabem acabamos durante a visita estatutária de assinar o contrato desta empreitada que se estima que esteja pronta dentro de um ano. O outro barco deve ficar estacionado na Horta e tem como objectivo estabelecer ligações diárias com a Madalena e o Cais do Pico. Estamos já trabalhar na melhoria da operacionalidade do Porto da Madalena para que a operação de carga e descarga de carros possa ser melhorada. O mesmo se passa com o Cais do Pico cujo projecto de ampliação já foi também encomendado.

No outro subsistema de transporte que envolve todas as ilhas dos Açores desde Santa Maria ao Corvo são necessários dois navios, um com a dimensão estimada de 97 metros e outro com a dimensão estimada de 60 metros. Nestes casos, como as distâncias são maiores exige-se maior dimensão dos navios, O navio de 97 metros terá a capacidade de 700 passageiros e 150 viaturas e uma velocidade de cruzeiro de 20 nós. Este navio deverá cumprir um horário previamente estabelecido não sujeito às variações das diversas festas concelhias que se realizam especialmente na época do verão. Este navio de 1 de Junho a 30 Setembro irá todas as semanas às Flores e ao Corvo. No Corvo o transbordo será feito através de embarcações próprias do navio. O concurso para este navio já está lançado e as propostas serão abertas no próximo mês.

Um segundo navio de 60 metros com capacidade para 394 passageiros e 32 viaturas e com a velocidade de cruzeiro de 17 nós. O concurso para este navio também já foi lançado. Pretende-se que esta embarcação fique estacionada na Terceira, basicamente no porto de Pipas para que mais facilmente se estabeleça as ligações entre esta ilha e as restantes ilhas do

Grupo Central. O objectivo deste navio é estabelecer as ligações entre a Terceira e a Graciosa, entre a Terceira e São Jorge, entre Terceira e o Pico e entre a Terceira e o Faial. Uma vez por semana irá a São Miguel.

Ao todo estamos a falar de um investimento que provavelmente atingirá os 50 milhões de euros. Mas repare-se: isto é apenas um investimento em capital. O investimento de manutenção é outra coisa.

Tivemos que esperar que este investimento fosse enquadrável no Quarto Comunitário de Apoio que como sabem se inicia em Janeiro de 2007. Até lá, tivemos que nos socorrer de situações que serão sempre provisórias e precárias.

No concurso lançado em 98 apareceu apenas a Açorline. Nos anos de 99, 2000 e 2001 tivemos nos Açores, o Lady Mann e o Golfinho Azul e durante este período não tivemos qualquer problema em termos de inspecções do “Port State Control”. Em 30 Maio de 2001 lançamos um novo concurso público. Fizemo-lo por um período de 4 anos mais um. As propostas foram abertas em 28 de Agosto de 2001. Concorreram dois concorrentes, a Açorline e a Mutualista. A Mutualista que tinha ficado classificada em primeiro lugar desistiu.

A crítica que fizeram na altura é que o período utilizado para estudar o mercado para apresentar as propostas tinha sido o Verão, o que não era bom, e que neste período os navios não poderiam ser devidamente inspeccionados por estarem em pleno funcionamento.

Em 2003, começaram os problemas com as vistorias do “Port State Control”, não com o “Lady of Mann” que passou sempre, mas com o Golfinho Azul. Durante este período, o Golfinho Azul esteve parado de 16 a 22 de Junho, ou seja 7 dias em 2003. Foi por isso que em 11 de Março de 2004 aprovámos uma resolução que permitia a prorrogação da operação por mais um ano, caso a Açorline realizasse os investimentos que considerava adequados que evitasse os problemas que tinha vindo a ter com o “Port State Control”.



Ora, acontece que em 2004 voltamos a ter os mesmos problemas com o IPTM. O “Golfinho Azul” esteve detido de 4 de Maio a 3 de Junho de 2004. Em 2005 voltou a ocorrer o mesmo, era para começar no dia 22 de Abril e só começou em 1 de Maio. Em 2005 fizemos uma avaliação independente ao Golfinho Azul. Os resultados convenceram-nos a não prorrogar o contrato que era opcional para 2006.

Então decidimos de uma forma clara em proceder a um novo concurso, até porque os novos navios só poderiam vir na melhor das hipóteses em 31 de Março de 2008. O ano de 2007 ficaria sempre a descoberto, caso se optasse por renovar o contrato com a Açorline.

Devo dizer ao Sr. Deputado Jorge Macedo, que sempre exigimos em todos os concursos serem certificados por uma certificadora membro da IACS. Não é novidade nenhuma.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** A novidade é ser apresentado na apresentação do concurso!

**O Orador:** Penso que o resto da história é de todos conhecido. O concurso foi lançado em 25 de Novembro de 2005. Todos os concorrentes conheciam com antecedência o que poderia ser o concurso, até porque este foi aprovado previamente em Conselho de Governo e anunciado publicamente.

Todos os concorrentes tiveram 70 dias para fazer a pesquisa de mercado. O único concorrente que apresentou proposta foi a Transmaçor. Como foi amplamente explanado a partir daí tínhamos três hipóteses ou ser a Atlanticoline a fazer todo o investimento, ou fazer uma negociação sem publicação prévia de anúncio com a Transmaçor ou com todas empresas que mostraram interesse em concorrer. Ambos os procedimentos eram legais. Optámos pela última solução. Podíamos ter dado apenas 6 dias, para esta consulta, demos 9 dias. O contrato foi assinado com a Transmaçor em 23 de Março de 2006. Em 2002 tinha sido assinado o contrato com a Açorline, em 21 de Março de 2002. Reconheço que a Transmaçor tem ainda uma estrutura frágil para fazer face ao projecto a

que se abalançou. O “Ilha Azul”, chegou 16 dias fora do prazo. O “Baía de Málaga” que está em Viana de Castelo também me parece que chegue atrasado. A data prevista para cumprir com o contrato será o dia 3 de Julho. As portas laterais já estão montadas e falta agora a vistoria do “Port State Control”.

Bom, falemos agora do conjunto vasto de investimentos que estamos a fazer em todos os portos dos Açores. Não vou falar do passado.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Fale do seu próprio passado!

**O Orador:** Desde Santa Maria ao Corvo não houve nenhum porto que não fosse intervencionado. Temos orgulho em muita obra que foi feita. No Porto de Santa Maria, que tem resistido e bem a todas as intempéries que ocorreram desde o dia 25 de Dezembro de 96, do porto de Ponta Delgada, do Porto de Pipas, do Porto da Praia da Vitória, do porto da Praia da Graciosa, do Porto da Horta, do Porto da Calheta, das Velas, do Cais do Pico, das Lajes das Flores e do Porto da Casa do Corvo. Há coisas que ainda não estão ainda bem. O Porto da Praia da Vitória que está a ser reparado, o Porto das Lajes das Flores que tem ainda a cabeça para reabilitar e o cais ferries de Vila Porto que pelos vistos necessita de uma dragagem adicional. Mas estamos e continuaremos a fazer mais: o núcleo de recreio náutico de Santa Maria, as Portas do Mar, o Plano integrado da Baía de Angra, o núcleo de recreio náutico da Praia da Graciosa, o núcleo de recreio náutico das Velas, o terraplano das Velas, a reformulação do Porto da Horta, o núcleo de recreio náutico das Lajes das Flores. Enfim, são centenas de milhões de euros que estamos a investir nas diversas ilhas dos Açores para tornar os transportes marítimos melhores e mais eficientes.

Há que corrigir o que está mal (é certo!), há que sobretudo continuar a investir com arrojo no nosso futuro.

Muito obrigado.

**Presidente do Governo Regional dos Açores (Carlos César):** *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Deputado António Marinho (PSD):** Faltou só de falar na evolução do PIB!

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** E já agora, de barcos também!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

**(\*) Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Nós reconhecemos o mérito dos Governos do Partido Socialista pelo serviço de transporte marítimo de passageiros e de viaturas nos Açores. Isto é indiscutível.

Agora, reconhecemos também igualmente o esquecimento a que os mesmos governos do PS votaram a Ilha do Corvo em matéria de transporte marítimo.

Em 2002, o CDS/PP remetia um requerimento no sentido do esclarecimento total por parte do Governo Regional sobre a falta de transporte marítimo regular de passageiros para a Ilha do Corvo.

O CDS/PP considerou na altura, e considera, esta situação de desigualdade perante as demais ilhas inaceitável, porque o Corvo e os corvinos ficam de fora de todo o circuito turístico e até de fora dos esquemas de movimentação normal das pessoas.

Em 2005, o CDS/PP submeteu um novo requerimento sobre a matéria de transporte marítimo inter-ilhas considerando que a operação de transporte marítimo de passageiros e viaturas através dos navios da Açorline foi sendo caracterizado por inúmeros problemas que se foram agravando de ano para ano, tendo atingido em 2004 foros de escândalo.

Verificaram-se um rol de problemas, dos quais se referem, só a título de exemplo, avarias várias nomeadamente em viagem, troca de navios, pondo em causa a oferta de lugares, de camarotes, de condições anunciadas para cada percurso, atrasos nas viagens, condições péssimas

oferecidas a bordo em relação às anunciadas e até dificuldade na obtenção de bilhetes por falta de agentes locais.

A Ilha do Corvo continuava retirada do mapa da Açorline com a inaceitável cobertura do Governo Regional, discriminando não apenas os corvinos, como todos os açorianos que desejam visitar aquela ilha e impedindo também que os turistas vindos do exterior possam conhecer uma ilha pelas suas especificidades físicas e sociais contribuindo para a caracterização dos Açores e é uma ilha da coesão, actual.

Em Março de 2006 voltamos ao mesmo assunto, desta feita através de uma Proposta de Resolução.

O que se pode concluir disto, é que ao longo dos anos o CDS/PP preocupou-se com o assunto e chamou a atenção do Governo para que corrigisse as anomalias, evitando que elas se perdurassem no tempo, nomeadamente no que se refere a avarias dos navios, atrasos de viagens, etc., etc...

O que se conclui é que os Governos do PS não foram capazes de assimilar nenhuma experiência ao longo dos anos, pois verificamos, ano após ano, a repetição dos mesmos problemas e para os quais vimos chamando a atenção desde 2002. É o ponto onde estamos neste momento. Pese embora reconhecendo que a virtude da introdução do transporte marítimo de passageiros nos Açores foi benéfica, os senhores cometeram erros atrás de erros e pelos vistos só ao fim destes anos todos é que chegaram à conclusão de que o modelo não servia.

O barco chegou novamente com um atraso considerável, muitas que se têm que pagar e que o Sr. Presidente da Transmaçor parece que não está muito preocupado, diz que ainda nem sequer tinha feito as contas. Eu não sei se a Transmaçor é uma vossa aliada, se é uma vítima voluntária nesse processo, ou se é uma vítima involuntária nas vossas mãos. É um assunto que o tempo há-de esclarecer um dia destes.

A verdade virá naturalmente sempre ao de cima e o segundo navio, também pelos visto não chega na data prevista.

Portanto, se a data de partida (em princípio, terá os certificados) está estimada para sair dos portos de Viana do Castelo no dia 30, não estará operacional antes de meados de Julho, se correr bem. O primeiro atrasou-se e o segundo também se atrasou.

O que a experiência nos diz, e nós aprendemos com a experiência, é que até agora tem sido assim. Até agora a regra é aquela. Eu faço votos, e os açorianos também, para que haja uma excepção à regra. Não há regra sem excepção. Vamos lá ver se essa se cumpre e se também desta vez não há excepção.

Lamento, mas se sai a 30, antes de 8 ou 9 de Julho o barco não estará a navegar e isto se ele estiver os certificados da inspecção do IPTM (parece que tem, o que consta é que já terá tudo, mas é o que vamos ver). Portanto, V. Exa. também nessa matéria avançará, porque a data prevista de início da operação já não é no dia 30. O seu sócio da Transmaçor há-de saber quando é que o navio chega aos Açores, uma data mais provável e mais aproximada, para nós sabermos quando se inicia a operação com o segundo barco.

É um processo que vos tem corrido mal. Têm que ser humildes e têm que aceitar que isto correu mal.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Nunes.

(\*) **Deputado José Manuel Nunes (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

É com saudade que os corvinos recordam o tempo em que o navio Ponta Delgada escalava o Corvo levando passageiros e alguma carga.

Infelizmente, hoje, os corvinos podem vislumbrar, ao longe, aquele que se chama Ilha Azul, que faz escala na Ilha das Flores, mas, infelizmente, não faz no Corvo.

Penso que o Sr. Secretário poderia ter pensado melhor neste itinerário de forma a que este navio quando fosse às Flores (e ainda por cima chega no Sábado de manhã e sai à noite) fizesse escala no Corvo. Ou seja, ficaria

ao largo ancorado, fazendo assim o desembarco de passageiros, assim como outros navios já o fazem.

Ainda por cima, os passageiros são penalizados. E são penalizados porquê? Porque um passageiro que queira comprar um bilhete para ir ao Corvo, não consegue, porque só existem bilhetes para ir para as Flores. Se um passageiro quiser ir ao Corvo terá que pagar outro bilhete noutra barco, para fazer essa viagem das Flores para o Corvo.

Quanto ao Santa Iria, que o Governo investiu cerca de 100 mil contos, apenas faz uma operação só quando o armador quer e muito bem lhe apetece. Não há “rei nem roque”!

Usa-se uma expressão no Corvo em que se diz: “este é um barco sem governo”.

Eu não sei se é um barco sem governo, se é um Governo sem barco!

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente do Governo Regional dos Açores (Carlos César):** Eu não sei o que é que isso quer dizer!

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Quer dizer o que o senhor percebeu!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Macedo.

(\*) **Deputado Jorge Macedo (PSD):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, quero registar com alguma admiração o silêncio, provavelmente cúmplice, dos colegas parlamentares da bancada do Partido Socialista. Pode ser que daqui a bocadinho os senhores também se cheguem para o debate.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Em segundo lugar, gostaria de referir que registo o seu trabalho de casa relativamente à intervenção e ao discurso que aqui produziu nesta tribuna.

Acontece que nós somos a entidade interpelante. Se somos a entidade interpelante, gostaríamos que houvesse respostas à nossa interpelação.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Algumas dessas questões e algumas dessas respostas nós já as ouvimos em sede de Comissão de Economia.

Já sabemos qual é a sua ideia. Continuamos é sem perceber a sua ideia e, pior do que isso e mais do que isso, sem concordar com ela.

Vamos começar pelo princípio e vou referir algumas passagens do seu discurso:

“Apesar de tudo, agora existem barcos”.

É uma afirmação que denota não só que os barcos existem, mas que, apesar tudo, revela aquilo que eu naquela tribuna referi, que ao longo de 8 anos os senhores não conseguiram entender, não conseguiram perceber, como é que se implementava um sistema de transporte marítimo de passageiros e de viaturas inter-ilhas. Ou seja, ao longo de 8 anos os senhores tentaram improvisar. Ao longo de 8 anos tentaram que, por inspiração divina, as coisas fossem andando.

O que acontece é que passado um, dois, três, sete, oito anos, era tempo de fazer-se as coisas bem feitas e – ia utilizar a palavra amadurismo, mas já não vou – não em cima do joelho.

Em segundo lugar, gostaria também de me referir a outro pormenor que afirmou na sua intervenção.

Disse que o certificado IACS não é novidade.

Evidentemente que não, Sr. Secretário. O certificado IACS não é novidade para ninguém. Agora é novidade quando é exigido aquando da apresentação das propostas.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sempre foi assim!

**O Orador:** Se assim fosse, ou assim sendo, por maioria de razão, os 9 candidatos que adquiriram o caderno de encargos podiam ter concorrido. Agora, o que é que os senhores fazem?

Os senhores têm especialistas, inclusive na vossa bancada, nesta área. Isso é dito e afirmado pelo Sr. Presidente do Conselho de Administração da Atlanticoline.

Nós sabíamos que havia poucos barcos (ele disse 3 barcos) disponíveis no mercado, com condições de operar nos portos dos Açores. Ele disse e afirmou.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Não ouvi!

**Deputado António Marinho** (*PSD*): Os senhores andam a ouvir muito pouco!

**O Orador**: O senhor não ouviu, porque pedimos para ouvir um de cada vez.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Há centenas de barcos!

**O Orador**: Havia centenas, havia milhares de barcos. Acontece é que os 9 concorrentes não conseguiram encontrar um.

A questão é que os senhores puseram exigências...

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Quais exigências?!

**O Orador**: ... no caderno de encargos para os milhares ou centenas de barcos que existem por este mundo fora, que os concorrentes não conseguiram encontrar um.

Tanto é que o Sr. Presidente da Atlanticoline diz uma coisa muito engraçada, ou seja, quando o nosso companheiro, Deputado António Marinho, pergunta, “7, 8 ou 9 dias é razoável para encontrar barcos no mercado?”, a resposta que obtivemos foi que só havia 3 barcos.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Só há três barcos no mundo?!

**O Orador**: Ou seja, iam todos à caça dos mesmos barcos.

Então se os senhores sabiam disso tudo à partida, como é que constróiem um concurso que, segundo as vossas palavras, “garantiriam tranquilidade”, quando na realidade tranquilidade foi coisa que o senhor não teve nos últimos meses. Não faz bem, nem a si, nem aos açorianos, sendo certo que novamente tivemos uma operação a começar mais tarde.

Reafirmou também que a Transmaçor tem uma estrutura frágil.



Nesta altura do campeonato é muito bom ou é muito cómodo nós passarmos a responsabilidade para terceiros. É muito agradável!

Agora, a realidade não é essa. A realidade é que os senhores adjudicaram o serviço e o transporte marítimo de passageiros e viaturas inter-ilhas à Transmaçor porque quiseram. E quiseram porquê? Porque a única alternativa que tinham era apenas um concorrente.

Como sabe, porque naturalmente já fez muitos concursos, a pior coisa que pode haver para uma entidade contratante é ter apenas um concorrente.

Então os senhores constroem um modelo em que retiram volume (e já expliquei porquê, há bocadinho, na minha intervenção), em que dizem que a partir de 2008 para o barco chamado B, que neste caso vai chamar-se “Baía de Málaga” entre 2006 e 2008, vai haver novo concurso e, hipoteticamente, será para um outro operador.

Então se retiram volume ao concurso, se retiram passageiros e viaturas ao concurso a partir de 2008, evidentemente que reduzem a atractividade do concurso. Isso é evidente e é óbvio. O Sr. Secretário sabe isso perfeitamente, inclusive admitiu que essa questão esteve em cima da mesa.

Depois incluem no caderno de encargos uma exigência, que é um tal certificado IACS...

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Sempre existiu!

**O Orador:** ... aquando da apresentação das propostas, o que faz com que as empresas fujam todas.

O Sr. Secretário estava satisfeitíssimo quando afirmou que compraram o caderno de encargos 9 concorrentes, quando não é nossa surpresa que alguns dias ou umas semanas antes da data final para apresentação das propostas, começa a cair um, depois o outro diz que não, o outro diz que barcos com a certificação IACS, à partida, não tem e não vai fazer investimentos a certificar um navio antes de saber se vai ganhar o concurso (é evidente, qualquer investidor pensa dessa maneira) e depois a seguir aparece um que não cumpre as regras do caderno de encargos.

Os senhores fazem uma coisa que eu apelidei há bocadinho de “um fato à medida”, para ser simpático, porque noutras circunstâncias e noutros locais, uma situação dessas era complicada (vou novamente ser simpático).

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Era!

**O Orador:** Foi a mesma coisa que dizer, “o senhor não cumpre as regras do caderno de encargos que eu coloquei...

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Eu já expliquei isso em Comissão!

**O Orador:** ... e que estava em discussão e em concorrência com 9 concorrentes, mas não faz mal. Se não cumpre as regras do meu caderno de encargos, eu vou fazer um caderno de encargos à medida daquilo que o senhor consegue cumprir”. Na realidade, foi isso que aconteceu.

O Sr. Secretário (o Governo Regional) a única coisa que fez foi: você não cumpre a certificação IACS de um dos navios, (isso era importante, dava-nos tranquilidade), mas pensando melhor, a tranquilidade já está meia intranquila, vamos retirar essa cláusula, porque de facto é uma cláusula chata e que incomoda aqui e o senhor já pode concorrer.

A seguir, faz uma coisa engraçada. Quando todos os outros concorrentes estão noutra (os investidores não estão durante meses a pensar no concurso de transporte marítimo de passageiros e viaturas inter-ilhas), o senhor diz: Atenção! Vocês (os 9!) já podem voltar a concorrer!

Sr. Secretário, se isso não faz parte do anedotário dos concursos públicos, está mesmo, mesmo próximo!

O que é que isso significou?

“Os senhores agora podem todos concorrer!” – isto até soa bem, em termos de comunicação social. “Agora não éramos obrigados a convidar todos. Éramos apenas obrigados a convidar aquele que não cumpria os anteriores procedimentos”. Legalmente é óptimo. Legalmente não discuto isso.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Quem é que fez a lei? Fui eu?

**O Orador:** Inclusive tem pareceres de preeminentes juristas. Não discuto isso. Dou isso perfeitamente barato.

Mas agora diga-me, Sr. Secretário, se o senhor fosse algum dos concorrentes e que a páginas tantas, quando já estava noutra, diziam-lhe:

“- Afinal, vocês podem voltar a concorrer, não se vão embora!

- E quantos dias nós temos para ir procurar barcos no mercado?

- Têm pouco tempo. São 8 dias!”

Isso é perfeitamente ridículo. Isso só fica bem em termos de comunicação social: o Governo é uma pessoa magnânime, vai convidar todos, não convida só um para não parecer que a coisa está feita muito dentro de casa! Mas na realidade foi isso que se passou.

É impraticável. Não tem qualquer possibilidade. Não é exequível uma empresa ir ao mercado, quando já está a pensar noutras coisas, e contratar dois navios para fazer a operação nos Açores.

Não obtive também nenhuma resposta relativamente ao facto de concordar ou não com as afirmações produzidas, ou concluídas, melhor dizendo (porque o Sr. Presidente da Atlanticoline não queria falar e tivemos que pedir para ele falar), pelo Sr. Presidente da Atlanticoline, da Região estar a pagar muito caro pelo serviço de transporte marítimo e de passageiros inter-ilhas, porque as exigências do caderno de encargos, nomeadamente a certificação IACS afugentou a concorrência. A concorrência quando foi afugentada permitiu excesso de confiança do único concorrente, porque o único concorrente no processo de negociação directa ficou completamente sozinho e à vontade para pedir o preço que quisesse.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Até baixámos o preço!

**O Orador:** Também vamos falar sobre isso, sobre a baixa de preço.

Para além disso, com a falta de concorrência e com o excesso de segurança, concluiu que a Região está a pagar muito caro pelo serviço e pelo transporte marítimo de passageiros.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Não foi isso que ele disse!

**O Orador:** Posso ler depois o que está no relatório.

Gostaria que o Sr. Secretário me dissesse qual é a sua opinião, se realmente concorda ou não com a opinião do Sr. Presidente do Conselho de Administração da Atlanticoline.

Obrigado.

**Presidente:** Antes de prosseguirmos queria, em nome da Assembleia, saudar o Sr. Secretário de Estado da Emigração e das Comunidades, que se encontra presente.

Os nossos cumprimentos.

*(Aplausos da Câmara)*

Tem a palavra o Sr. Deputado António Gonçalves.

**(\*) Deputado António Gonçalves (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

É sabido que os transportes marítimos para a Ilha das Flores têm tido, ao longo dos anos, grande importância.

O mês de Julho era o mês que se contava com um barco a abarrotar na sua chegada às Lajes, numa ocasião em que a ilha esperava por muita gente e em que muita gente gostava de ir aquela ilha.

Este ano vamos ter o “Baía de Málaga” das 7 da manhã às 11 da tarde.

O Sr. Secretário vai-me ajudar a explicar isto nas Flores.

**Deputados Clélio Meneses e José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Outra questão:

Viajar de barco do Faial para as Flores e vice-versa, custa menos 1 euro do que viajar de avião.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Tive que baixar o preço do avião!

**O Orador:** Com certeza. É a filosofia e a política das ilhas da coesão. Muito bem!

Mas se nós quisermos programar voos extraordinários da SATA para transportarem esses passageiros que estariam disponíveis e que poderão não estar ano, a SATA terá disponibilidade para o fazer no fim-de-semana, porque é o fim-de-semana da Festa do Emigrante, em que muita gente gosta de ir às Flores?

Haverá essa possibilidade (sim, porque de uma forma ou de outra é quase o mesmo preço) e essa disponibilidade para resolver este fluxo de passageiros nesta altura?

Muito obrigado.

**Deputados Clélio Meneses e José Manuel Bolieiro** (*PSD*): *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

(\*) **Deputado António Marinho** (*PSD*): Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Pegando na questão da passagem do concurso para a fase de negociação prévia e ao facto de terem sido dados 9 dias para apresentação de propostas e tendo sido dada a possibilidade a todos aqueles que embora tivessem adquirido, na fase de concurso, o caderno de encargos, acabaram por não concorrer, são interessantes as respostas dadas em Comissão quer por parte do Sr. Secretário Regional da Economia, quer por parte da Sra. Presidente do Júri do respectivo concurso, relativamente à questão que lhes foi colocada.

A questão que lhes foi colocada, relativamente ao Sr. Secretário, foi dito que alguns empresários ao verem a cláusula que exigia a certificação não concorreram. É um facto!

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Não!

**O Orador:** Não? Então o senhor sabe por que é que eles não concorreram? Sabe? É que se sabe nós também gostávamos de saber?

Os Deputados do PSD em Comissão solicitaram entre outras audições, para além das 3 que efectuaram, que fossem ouvidos também todos aqueles que tinham adquirido o caderno de encargos.

O Partido Socialista (não sei porquê, mas o senhor saberá, ou senhores saberão) não quis. Não quis porquê? Teve medo que nós conhecêssemos as razões pelas quais eles não se apresentaram depois a concurso?

A questão não era essa. Essa é importante.

O senhor sabe. Nós não sabemos e ficámos impedidos de saber, por parte dos Srs. Deputados do Partido Socialista presentes na Comissão, provavelmente orientados superiormente.

De qualquer forma, referiu que alguns empresários ao verem a cláusula que exigia a certificação não concorreram. Considerou por isso, que o prazo dado, para que os mesmos concorressem ao procedimento por negociação, no qual poderiam estar interessados (e poderiam estar interessados porque a tal cláusula que era restritiva deixou de existir), foi curto – na minha opinião – com excepção óbvia para a Transmaçor. Para esses não, porque tinham tudo feito. O único busílis que eles tinham foilhes resolvido, portanto, a Transmaçor estava na maior.

O Sr. Secretário disse ter um parecer jurídico que apoia a decisão do Governo. A decisão dos 9 dias foi do Governo?

A decisão não foi do Governo, pois não?

Ah! É verdade! Foi do Governo, que depois disse à Portos Açores e depois disse à Atlanticoline.

O prazo mínimo exigido por lei eram 6 dias, tendo o Governo Regional decidido dilatar o mesmo para 9 dias. Acha que 9 dias, para qualquer uma dessas empresas...

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** É a lei!

**O Orador:** Eu não estou a dizer que não é a lei. É lei, mas, em termos práticos, não é tecnicamente correcto.

Não é só uma questão de lei que se coloca aqui.

O senhor queria ter uma operação barata, o mais barata possível, uma operação na qual a concorrência existisse e permitisse melhores condições ou queria limitar-se a cumprir a lei?

Eu acho que o senhor deve zelar pelos dinheiros públicos e por isso devia procurar a situação que permitia obter a solução mais equilibrada e menos dispendiosa em termos de recursos públicos.

Relativamente à Sra. Presidente do Júri, perante a mesma questão, perguntou-se: na sequência da mudança da primeira fase do concurso, por terem sido dados apenas 9 dias, não teria sido beneficiado o concorrente Transmaçor? A Presidente respondeu que todos os concorrentes o poderiam ter feito.

É óbvio que o poderiam ter feito! Em termos práticos não o conseguiam fazer, porque 9 dias é manifestamente pouco e só existiam 3 navios, 2 dos quais já estavam “caçados” pela Transmaçor. Não fui eu que o disse, porque não conheço o mercado. Disse-o o Presidente do Conselho de Administração da Atlanticoline e eu acredito que ele perceba muito mais do que é que vai por esse mundo fora em termos de navios com estas características.

Uma segunda questão que gostava que respondesse. Vem no próprio relatório o seguinte:

“O Secretário começou por referir que o transporte de passageiros e viaturas na Região não é um serviço que desperte o interesse dos empresários, enquanto os navios não forem da Região”.

O senhor disse isto. É que os Deputados do Partido Socialista dizem que há coisas que não ouviram na Comissão. As que interessa, dizem que não ouviram. Mas esta o senhor disse, não disse?

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Eu já vou responder a seguir!

**O Orador:** Presumo que aceita isto.

A minha única questão é se o senhor pensa isto desde sempre. É que se pensa isto desde sempre – há aqui duas questões que lhe quero dizer – deveria ter pensado isto era há 8 anos.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Deveria ter começado a pensar assim, em criar esta solução e não agora 8 anos depois, depois de todas as trocas e baldrocas e complicações ao longo destes anos e depois de 30 milhões gastos. Foi um erro que lhe custou caro.

Mas devo lembrar uma coisa que o senhor disse no dia 11 de Fevereiro de 1998. Já estava há 2 anos no Governo, portanto, já percebia disto tudo. A fonte penso que é limpíssima e chama-se Gabinete de Apoio à Comunicação Social da Presidência do Governo Regional dos Açores, portanto, um organismo do Sr. Presidente. Diz o Sr. Secretário da Economia:

**Presidente do Governo Regional dos Açores (Carlos César):** E não tinha o nome do Secretário do PSD?

**Deputado Mark Marques (PSD):** Não. Em 96 mudou!

**O Orador:** “Para o Secretário Regional, a experiência dos últimos dois anos mostrou que apesar do mar ser por vezes tempestuoso, há nos Açores mercado e apetência para um transporte rápido de passageiros, embora subsista alguma controvérsia quanto ao tipo de embarcações a utilizar”.

O Sr. Secretário enganou-se nesta altura...

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Não!

**O Orador:** Ah! Não está? Reflecta um pouco para ver o que é que está num lado e o que é que está no outro, de certeza que vai pensar assim: “eu dizia isto em 98 e agora digo isto?!”.

Há qualquer contradição entre isto tudo.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Não há!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.



(\*) **Deputado José Rego (PS)**: Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Temos assistido aqui a uma interpelação do Governo sobre o transporte inter-ilhas.

O Sr. Secretário Regional da Economia foi à tribuna e fez um relato da situação do passado, de hoje e do futuro do transporte nos Açores.

Os Açores, hoje, são diferentes e continuarão a ser diferentes para melhor nos transportes inter-ilhas, quer no transporte aéreo, quer no transporte marítimo, porque este Governo tem assegurado as condições a nível dos portos, do transporte aéreo e do transporte marítimo.

É claro que o PSD tem todo o direito, na sua interpelação ao Governo sobre o transporte inter-ilhas, de fixar-se única e exclusivamente no transporte marítimo de passageiros nos Açores.

O transporte marítimo de passageiros nos Açores é uma vitória do Partido Socialista na Região Autónoma dos Açores...

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** ... que trouxe à Região um serviço que o PSD tinha fechado as portas e que achava que não era importante para o desenvolvimento dos Açores, para os açorianos das várias ilhas, para os turistas que nos visitam e para a mobilidade de todos os açorianos inter-ilhas.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**O Orador:** Este Governo já fez, sobre esta matéria, 2 concursos e este foi o 3º concurso sobre o transporte marítimo de passageiros.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** E não aprendeu nada com isso!

**O Orador:** Aprendeu alguma coisa.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Alguma coisa...!

**O Orador:** Teve experiência e há razões para que muitas vezes as coisas não corram como se deseja, porque sabemos que a situação não é fácil,

mas este Governo soube apostar, enquanto que outros continuaram sempre a dizer que era difícil. Nós apostamos e continuaremos a apostar nesse tipo de transporte para os Açores, porque ele é importante para os açorianos.

O Sr. Deputado Jorge Macedo fez ali uma intervenção brilhante para a televisão, brilhante para a comunicação social, mas não é brilhante para satisfazer esta necessidade do transporte marítimo dos Açores.

O que o PSD quer é enrolar, é ver o que é que o Sr. Secretário disse, o que é que a Presidente do Júri disse. Não quer resolver o problema do transporte marítimo de passageiros nos Açores.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

O Sr. Deputado António Marinho veio fazer uma intervenção a seguir, na mesma liça, no enredo, no que disse que disse, não na resolução dos problemas.

É enredar o processo.

Os Deputados do PS não quiseram ouvir as empresas que levantaram os cadernos de encargos?

Num concurso público, para uma obra do Governo ou de uma câmara municipal, em que há liberdade de todas as empresas levantarem o caderno de encargos, acham bem que se fosse ouvir os empresários para saber por que é que não concorreram?

É um disparate do PSD!

**Deputado António Marinho (PSD):** Acha?! Não lhe interessa ouvir! O problema é esse! Não é disparate nenhum! Temos que conhecer todas as razões!

**O Orador:** Há razões que nós podemos saber, há outras que o PSD sabe, por que é que algumas empresas não concorrem. Agora, cegar à Comissão empresas que levantaram livremente e que pagaram os seus

cadernos de encargos, para pedir explicações por que é que não concorreram, Srs. Deputados, esta não lembra a ninguém...

**Deputado António Marinho (PSD):** Lembrou a nós!

**O Orador:** ... senão a este PSD!

**Deputado António Marinho (PSD):** E a si não lhe lembrou porque não lhe interessava!

**O Orador:** Seguidamente, o Sr. Deputado Jorge Macedo queria voltar à concorrência e à falta de concorrência, ao certificado IACS no concurso.

Em todos os concursos foi pedido o certificado IACS.

Todas as empresas que foram levantar o caderno de encargos sabiam, à partida, que o certificado IACS ia ser exigido.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Como é que sabiam?

**O Orador:** Sabiam porque estava lá escrito. É histórico! Sabiam!

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Depois! Alguém lhes disse depois!

**O Orador:** Sr. Deputado Jorge Macedo, esta história de dizer que a concorrência diminuiu ou aumentou, é claro que o Sr. Presidente da Atlanticoline, como eu, podemos dizer que na concorrência o preço aumenta ou diminui conforme o número de concorrentes.

O senhor tentou puxar do Sr. Presidente da Atlanticoline se aumentava ou não a concorrência; se havendo concorrência o preço ia ser mais baixo ou não. É lógico que qualquer pessoa da área da economia, qualquer pessoa que vende até na praça cebola ou batata, sabe que se houver mais concorrentes os preços vão variar e havendo concorrentes a tendência é para baixar.

Agora, não podemos é ir junto das empresas e dizer: não, os senhores têm que concorrer, têm que apresentar a proposta.

Não. Cada um é livre de apresentar.

Apareceu só uma empresa. Ela apresentou a sua proposta à hora que quis e bem entendeu e aí não temos mais nada a dizer.

Nós vimos que, em termos de relatório, como daqui a pouco vai ser discutido, e em nosso entender com o parecer jurídico que aí está e que

foi entregue na Comissão, não há sombras, não há trapalhadas, não houve tempo a mais, nem tempo a menos.

Houve foi uma experiência da Secretaria Regional da Economia ao fazer aquele caderno de encargos. O certificado IACS é importante para os açorianos, dá mais segurança no respectivo transporte e as empresas não de se sujeitar sempre a esse certificado enquanto for este Governo a governar.

Disse.

**Deputada Ana Isabel Moniz (PS):** *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado António Gonçalves:

“O mês de Julho nas Flores, com os florentinos à espera do navio chegar cheio de passageiros...”

Não foi **um** mês de Julho, Sr. Deputado! Foram 20 meses de Julho consecutivos, com os florentinos à espera do navio chegar cheio de passageiros e ele nunca chegou!

Agora chega e vai chegar!

Sr. Deputado Artur Lima, Sr. Deputado José Manuel Nunes:

Ligações dos transportes marítimos ao Corvo!

Há que distinguir aqui duas situações.

Uma situação é aquela que se vive actualmente com o Santa Iria. Foi um processo complicado no qual o Sr. Secretário da Economia se envolveu pessoalmente, com muito empenho, para o qual houve um forte apoio, mas que mesmo assim não havia possibilidade do processo ter avançado, apenas e só, com um armador local. Foi preciso fazer um acordo com outro armador. Esse acordo não foi nada fácil. Posso dizer que não foi

fácil – aliás, esta é uma informação que o Sr. Secretário não tem, mas não interessa porque é uma questão pessoal, e espero que não dê direito a nenhum protesto – porque eu é que fiz esse acordo entre os armadores para que fosse possível essa empresa existir.

Foi um acordo difícil, mas em paralelo foi assinado um contrato também de prestação de serviço público, que o Sr. Secretário da Economia exigiu que fosse assinado, onde existem obrigações. Se elas não estão a ser cumpridas então que se exija o cumprimento dessa prestação de serviço público, mas não misturemos as coisas. Isso não tem nada a ver com a outra questão que os senhores têm trazido à liça nos últimos dias.

Quanto ao Corvo estar fora do circuito da Açorline, é preciso entender que nos saudosos tempos do Ponta Delgada (o Sr. Deputado José Manuel Nunes parece que tem saudades, eu pessoalmente não tenho) os passageiros eram transportados para terra, muitas vezes em embarcações de pesca de boca aberta.

Não vivemos nesses tempos. Portanto, o novo navio a construir tem uma embarcação própria, que será certificada com as regras que são exigidas, para fazer esse transporte. Aí sim, esse navio escalará o Corvo, sempre que escalar as Flores, e colocará em terra todos os passageiros. Viaturas, evidentemente, que não se justificam. O serviço será feito em segurança e com conforto. É assim que as coisas são. Demorem o tempo que demorem, é assim que elas vão ser.

Sr. Deputado Jorge Macedo, eu sei que estava ansioso pela minha intervenção. Portanto, também vou fazer umas referências à sua.

Referiu que o sistema implementado e que tem funcionado nos últimos anos não era navegável, nem confiável, nem credível.

Navegável é evidentemente que não é, porque isto não se trata do sistema de comportas do Douro. Esse sim é navegável. O mar é que é navegável, a água é que é navegável. O sistema em si não é navegável, a não ser a Internet, mas essa é navegável até em seco. Portanto, é uma outra situação.

Quanto ao sistema ser confiável, ele é confiável. A prova de que é confiável e seguro, é que durante estes anos todos não tivemos nenhum acidente. Portanto, o sistema foi sempre confiável.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Confiável, não é seguro! Sabe o que é que quer dizer confiável? É eu marcar uma passagem, seguir no dia marcado e não 15 dias depois!

**O Orador:** Sempre, absolutamente confiável.

Quanto aos erros que apontou da definição do modelo de operação, nomeadamente com as questões que têm a ver com o novo concurso de separação de rotas e da separação de rotas piorar a atractividade, eu devo-lhe dizer que pessoalmente sempre defendi a separação de rotas, por várias ordens de razão, algumas de natureza muito técnica e que não vou aqui referir, mas outras de natureza mais prática que julgo que são facilmente perceptíveis.

Por um lado, porque um navio de médio porte e à volta dos 100 metros é uma unidade extremamente cara, cujo esforço no sentido de que a facturação originada pela operação desse navio seja o mais próximo possível, pelo menos dos seus custos fixos, exige a que esse navio seja operado na Região e se possível, quando não operar na Região, seja operado fora da Região.

Nesse contexto, a ligação inter-grupos e a ligação do Grupo Central são coisas completamente diferentes. Portanto, a separação de rotas não agrava nem reduz em nada a atractividade do concurso, na minha opinião.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Claro que agrava, é o que dizem os interessados!

**O Orador:** Desde logo, porque o segundo navio a ficar permanentemente no Grupo Central é fundamental para efectuar ligações todo o ano no Grupo Central e é fundamental também por uma outra razão que tem a ver com o facto de nós vivermos numa Região onde acontecem, infelizmente, muitas catástrofes e um navio dessa dimensão sedado

permanentemente no grupo pode rapidamente colocar meios humanos em qualquer sítio que tenhamos uma catástrofe.

Portanto, temos que separar claramente as coisas e perceber que a separação das rotas não reduz em nada a atractividade, porque a ligação inter-grupos e a ligação no Grupo Central são dois serviços completamente diferentes e, como o Sr. Secretário referiu há pouco, o novo serviço é, à partida, pré-definido. Não é um serviço para servir a “capelinha” A, B ou C ou o senhor D. É um serviço, à partida, claramente definido para que todos o conheçam com clareza na Região e fora dela e saibam com o que podem contar todo o ano e, por isso, a separação destas rotas em termos de concurso não afecta em nada a atractividade.

Quanto ao Governo ter sido “mais papista que o Papa”, utilizando a sua expressão, no que diz respeito à exigência do certificado IACS e ao facto dessa exigência encarecer o processo, é evidente que o certificado IACS tinha que ser exigido, à semelhança do que foi exigido em concursos anteriores, porque é a garantia de que o navio está efectivamente certificado nas melhores condições para poder operar com absoluta segurança.

Por isso, é mais ou menos a diferença entre apanhar um táxi na cidade da Horta, ou apanhar um táxi em Moscovo. Qualquer táxi serve, o primeiro que passa entramos e não há segurança nenhuma. É mais ou menos a mesma coisa.

Ou seja, o certificado IACS é fundamental. A qualidade e a segurança pagam-se (ainda bem que se paga), mas não queremos açorianos a navegar em navios “sub-standard” e por isso exigimos aquilo que é preciso exigir.

Quanto à passagem da fase de negociação e dos 9 dias a que se referiu, eu devo dizer que o que foi dito pelo Sr. Presidente do Conselho de Administração da Atlanticoline, não foi que só existiam 3 navios disponíveis. Ele não disse isso.

O que o Sr. Presidente disse foi que existiam 3 navios referenciados pelos concorrentes ou possíveis concorrentes, ou seja, por quem tinha levantado o caderno de encargos.

As empresas que levantaram o caderno de encargos tinham 3 navios referenciados...

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Porque não gostavam da cor dos outros!

**O Orador:** ... sendo que um desses navios tinha certificado IACS e os outros não.

Uma empresa concorreu, as outras não concorreram. O facto por que não concorreram é um problema que só a elas diz respeito, pelo menos eu, da minha parte, não tenho nada a ver com isso.

Foram dados 9 dias para se entrar na fase de negociação e todos poderem apresentar a sua proposta.

Poderia ter sido dado só 6 dias à empresa que efectivamente tinha concorrido, porque a lei assim o dizia, mas foram dados 9 dias para todos poderem apresentar a sua proposta e todos poderiam tê-lo feito.

*(Apartes inaudíveis dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Foi um Deputado da vossa bancada que há pouco referenciou que não conhecia esse mercado.

Portanto, apelo apenas que aguardem só mais um minuto, porque, se não sabem, ficam a saber mais um bocadinho desse mercado.

Portanto, existiam 3 navios referenciados e existiam 9 empresas que tinham levantado o caderno de encargos, e que no prazo de 9 dias podiam perfeitamente ter concorrido, se assim o entendessem.

Pelo simples facto de que existiam 3 navios referenciados, esses navios seriam negociados com qualquer uma das empresas que ganhasse o concurso. Portanto, não havia nenhuma restrição a que qualquer uma



pudesse concorrer. Não concorreram porque assim não o entenderam, mas podiam perfeitamente tê-lo feito.

De tudo isto fica claro que, quer na fase do concurso, quer na fase de negociação directa, foram cumpridos todos os preceitos legais e o processo foi absolutamente claro e transparente. De resto, eu não tenho conhecimento de muitos processos que sejam tão públicos, tão transparentes, tão falados na comunicação social como estes foram.

Portanto, não há dúvida nenhuma que o processo foi claro, transparente, que se cumpriram todos os preceitos legais, quer na fase de concurso, quer na fase de negociação e é bom que isso fique bem claro, porque o resto é *show off*, não é mais do que isso.

Obrigado.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

(\*) **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

O PSD começou por anunciar e trazer a esta casa uma interpelação ao Governo sobre transporte inter-ilhas.

Conforme é habitual e nós, pelo menos já sabemos, começou por não cumprir. O PSD não veio aqui fazer uma interpelação sobre transportes inter-ilhas. Veio repegar no tema requentado, já discutido nesta casa, e que vai voltar, de acordo com a Agenda, a ser discutido, do transporte marítimo de passageiros.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Não é inter-ilhas!

**O Orador:** O PSD decididamente não voa, não quis ir para os transportes aéreos.

O Sr. Deputado do PP ainda não sabemos se vai voar ou não, embora saibamos que tenha *brevet*. Talvez nos queira mostrar um ar da sua graça

nesta matéria, já que os partidos, num comunicado que é mais fácil, quiseram discutir a questão dos transportes aéreos.

É claro que o Sr. Deputado Clélio Meneses livrou-se do assunto e mandou o seu chefe novo, no caso da Terceira.

Mas o que é fundamental perceber aqui, relativamente a este assunto, Sr. Deputado Jorge Macedo, é que o Governo, ao contrário, levou a sério aquele que era o tema da vossa interpretação.

Aquilo que o Sr. Secretário Regional da Economia nos trouxe aqui é um texto muito marcante ao nível de um balanço rigoroso do que foi a actividade dos Governos Regionais do Partido Socialista em matéria de transportes inter-ilhas e eu diria mesmo em matéria geral de transportes nos Açores. E aquilo que em primeiro lugar e num dever elementar de ética política e de verdade nós temos que concluir, Sras. e Srs. Deputados, é que nós estamos quantitativa e qualitativamente num patamar que nada tem a ver em termos de quantidade, qualidade, justiça e acesso àquilo que eram os tempos do PSD. Essa foi uma aposta dos Governos do Partido Socialista, essa foi uma das apostas ganhas, cumpridas, da nova Autonomia e devemos todos nos Açores ter muito orgulho disso.

O Sr. Deputado Jorge Macedo não quis voar. Quis antes refugiar-se. Foi um dos actores que o PSD trouxe para esta interpelação de *show off*. Quis outra vez voltar a falar no transporte marítimo de passageiros.

Veio com um discurso incoerente, vago, vazio e que em bom rigor não esclareceu nada. Foi mais um desabafo, foi mais um permanente e já periódico corrimento sentimental sobre frustrações, requentamentos, coisas que já foram aqui discutidas, queixinhas, queixinhas que não serviram, comissões onde já foram antecipados os relatórios. Foi isso que o Sr. Deputado Jorge Macedo nos trouxe, cheio de contradições.

Vamos lá ver se nos entendemos, Sr. Deputado.

Se bem percebi acha que o Governo Regional dos Açores tem, a nível de dinheiro, gasto muito com essas concessões. No entanto, é o primeiro a reconhecer que a iniciativa privada também tem, com muita dificuldade,

respondido. Em que é que ficamos? Qual seria a solução? Seria acabar pura e simplesmente, ou voltar aos gloriosos tempos do PSD/Açores e não termos o transporte marítimo de passageiros?

Seria fazer exclusivamente, em primeiro lugar e desde logo, aquilo que o PSD gostava de fazer com essas coisas, que era um estalinismo de partido, em que aqui não havia problemas de empresas, porque os gerentes dos bancos e das empresas públicas eram discutidos e nomeados nas sedes partidárias do PSD?

Ou deve-se acreditar na iniciativa privada?

Conto com o seu apoio, Sr. Deputado Artur Lima!

É, em primeira linha, através da iniciativa privada e a fim de deseconomias e de sazonalidades, através de apoios, mas ainda assim e naquilo que é possível, fazer funcionar a iniciativa privada. Esta foi, nesta matéria como em muitas outras, a primeira solução do Partido Socialista. Esta não seria talvez a solução do velho PSD. Do actual PSD, e dos PSDs que houve entretanto, não sabemos nem ficámos esclarecidos pela intervenção do Sr. Deputado Jorge Macedo.

Tem havido ao longo deste processo, que é hoje verdadeiramente uma necessidade para os Açores, para os açorianos, em termos de identidade, de circulação dos açorianos inter-ilhas e de turismo também, em termos de fomento da economia, sobretudo das ilhas mais pequenas, uma verdadeira necessidade e é hoje incontornável esta ideia que, em boa hora, os Governos do Partido Socialista puseram em vigor.

O Governo do Partido Socialista gostaria que este processo fosse ainda mais perfeito e corresse ainda melhor? Com certeza que sim!

Já o admitiu!

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Não faz por isso!

**O Orador:** É por isso mesmo que já apresentou soluções e neste momento tem uma solução transitória, depois das conclusões que tirou, relativamente a uma solução que será definitiva e que terá com certeza uma outra qualidade, um outro serviço e uma outra utilidade.

Esta é que é a verdade!

Não posso também deixar, por me parecer importante, de fazer uma referência a algumas insinuações recorrentes que quer o Sr. Deputado Jorge Macedo, quer o Sr. Deputado Marinho, neste caso, fizeram acerca do processo.

Eu creio que tiveram oportunidade na Comissão de terem acesso a todos os documentos e, inclusive, pareceres jurídicos que o Governo Regional se baseou.

Se V. Exas. têm mais autoridade e conhecimentos jurídicos do que esse, façam favor de apresentar os seus argumentos.

Sr. Deputado António Marinho, vir dizer que 9 dias não lhe parece razoável?

O senhor é Deputado, talvez devesse fazer uma proposta de lei à Assembleia da República no sentido de mudar esse tipo de procedimentos.

Além disso, em termos práticos – o Sr. Deputado esquece, porque lhe interessa, os 70 dias anteriores – para quem estava interessado e levantou o caderno de encargos, a informação que recolheu pode com certeza adaptá-la rapidamente à mudança apenas de um dado. Essa é que é a questão.

De resto, temos felizmente nos Açores o transporte marítimo de passageiros. Temos fretes mais baratos, temos transporte aéreo, temos a SATA a voar para o exterior, temos ainda hoje preços mais baratos, mesmo a preços correntes, do que aqueles que eram no vosso tempo preços nominais. Esta é que é a realidade.

A realidade é que esta matéria dos transportes é um dos orgulhos, uma das promessas cumpridas, uma das transformações que os Governos do Partido Socialista fizeram nos Açores e estamos muito orgulhosos disso.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Mark Marques.

(\*) **Deputado Mark Marques (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Secretários Regionais:

Eu pedi a palavra para participar neste debate, embora o nosso tempo não seja muito, mas 5 minutos dará.

No passado dia 12 deste mês, o Governo reuniu com Conselho de Ilha, na Ilha de São Jorge.

O Sr. Presidente do Governo, que está aqui presente, nessa reunião, onde o meu colega de bancada, Deputado Aires Reis, e o Sr. Deputado Rogério Veiros começaram por falar neste assunto, na educação que lhe é reconhecida, e mais não comento, recomendou que este assunto não fosse falado lá, mas aqui.

Hoje, corro o risco do Sr. Presidente do Governo não me tirar a palavra.

Sr. Deputado José Rego, isto não é uma vitória, mas uma boa iniciativa.

Acho que temos estado aqui a discutir o processo dos concursos. Confesso que não estou muito habilitado a discutir isso, mas os açorianos podem pedir, se calhar, satisfações aos 52 deputados e aos membros do Governo, sobre se há barcos ou não e por que é que não vêm.

Nós, não estamos aqui à caça das bruxas.

Eu quero relembrar aqui um parágrafo de uma intervenção – está no diário das sessões – feita no dia 16 de Junho do ano passado, em que eu dizia o seguinte:

“O que eu tenho visto aqui discutir é que o PSD nada fez e que este Governo daqui a 3 ou 4 anos vai adquirir novas embarcações”.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Até aí tem razão!

**O Orador:** “Eu nunca critiquei...”, dizia então e digo agora, “... a ideia, e fui daqueles que publicamente já elogiei a implementação dos transportes marítimos” e faço-o hoje outra vez sem complexo algum.

Sr. Deputado José Rego, é por isso que eu digo que é uma boa iniciativa, não é uma vitória.

O que os açorianos querem saber, e contavam que este ano já acontecesse, era que houvesse aquilo que o próprio Governo há 2 anos atrás dizia, escrito numa resposta da Secretaria da Economia a um requerimento meu, de 31 de Maio de 2004, e passo a citar:

“Actualmente, as necessidades na área dos transportes marítimos de passageiros têm a ver fundamentalmente com a necessidade de serem assegurados determinados níveis de continuidade, de regularidade, de rapidez e de comodidade nas ligações marítimas, ou seja, estamos perante um novo patamar de exigências.”

Sr. Presidente do Governo, não foi este ano que chegou à conclusão que o Ilha Azul que estava encostado em Ponta Delgada tinha razão. Já há 2 anos dizia isso. E eu concordo, só que já se passaram 2 anos.

Eu penso que o que é essencial aqui não é aquilo que o líder parlamentar do PS tenta fazer (e todo o PS), que é passar a imagem lá para fora de que o PSD se sente bem que este assunto corra mal. Isso é falso! Isso não existe!

**Deputados José Manuel Bolieiro e António Pedro Costa (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** O PSD quer que isto corra bem.

Portanto, nós não estamos aqui a enrolar ou, para usar uma palavra que o Sr. Deputado Francisco Coelho, (como tem um programa na RDP ao fim de semana, claro que tem mais projecção), nós não para “enriçar”, como se diz na sua terra.

Este assunto é sério e eu sou daqueles (e o PSD) que publicamente já elogiei esta iniciativa. E novamente volto a elogiar esta iniciativa, nos requerimentos e nas intervenções que faço.

Nunca critiquei!

Mas não posso ficar sentado a ouvir, nomeadamente num Conselho de Ilha, dito pelo Presidente do Governo, que nada se fez. É preciso não esquecer que no Inverno passado os velhinhos Cruzeiros, Sr. Deputado Lizuarte Machado, é que fizeram a ligação.

Estávamos pior? Estávamos!

Mas esse pior que tínhamos é que continua a funcionar.

Portanto, termino a minha intervenção dizendo que a iniciativa é boa, o PSD está pronto a colaborar nessa iniciativa, eu como Deputado Regional estou pronto a colaborar nessa iniciativa e não faço aqui a crítica pela crítica.

Não dou isso só por falar mal.

É uma boa iniciativa.

Esperamos que no próximo ano, em 2008, tenhamos barcos novos. Esse é o voto dos açorianos.

É isso que os açorianos querem ver discutido.

Os açorianos lá fora querem é que se discuta isso.

O concurso é importante, e não estou habilitado a discutir o concurso.

O que os açorianos querem é ver os barcos.

Este é um processo que espero que daqui a um ou dois anos nós possamos estar aqui a congratular-nos, porque está tudo a funcionar bem.

É do Partido Socialista? Muito bem!

Eu sou açoriano, e isso é que interessa.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Nunes.

(\*) **Deputado José Manuel Nunes (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Lizuarte:

De facto, tenho saudades do navio “Ponta Delgada”.

Entre o “Ponta Delgada” e aquilo que temos agora, que não é nada, é preferível o “Ponta Delgada”.

Digo-lhe mais: o senhor não tem saudades do “Ponta Delgada”, porque agora tem a TAP que vai ao Pico, mas os corvinos não têm.

O que os corvinos gostavam de ver é que o navio que vai às Flores fique ancorado ao largo do Corvo e faça o transbordo de passageiros para terra.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Não falei no navio. Falei no tempo!

**O Orador:** Eu comprometo-me aqui a fazer esse transbordo, gratuitamente, com uma embarcação que eu tenho, sem quaisquer encargos para Corvo. Esse não é o problema.

**Deputados Clélio Meneses e José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Eu tenho uma embarcação capaz de fazer o transbordo de passageiros.

Portanto, fica aqui o registo.

O Sr. Secretário está ilibado de culpas, porque se calhar os dois enviados especiais, que o Sr. Presidente do Governo enviou ao Corvo, em Outubro, na altura das eleições autárquicas, não deram o recado ao Secretário da Economia. Por isso fica ilibado de culpas.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

Não me diga que também tem um barquinho!

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Por acaso até tenho!

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Francisco Coelho:

Realmente não pedi plano de voo ao Sr. Presidente, por isso não posso voar destas águas, o que também não me permite andar de hidroavião.

Sr. Deputado Francisco Coelho, quanto à iniciativa privada, obviamente tem o apoio do CDS/PP, como sempre teve. O CDS/PP nessa matéria, nunca deixou dúvidas. Sempre foi bem claro.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** O senhor esteve sempre à frente deles.

**O Orador:** Sr. Deputado, deixe-me concluir. É que eu ia congratular-me com as afirmações do Sr. Presidente do Governo em que disse e muito bem que só deve haver (não sei se foi exactamente assim) investimento público onde não houver lugar ao investimento privado. O investimento público, aí, substituirá. Portanto, concordamos plenamente e saudamos essa aproximação à direita, que o Sr. Deputado de São Jorge tanto critica.



De qualquer maneira vou “deslocar-me” um bocadinho para os transportes aéreos, para depois voltar novamente aos marítimos.

Registei com agrado que o Governo, primeiro não desistiu da compra dos novos aviões como vinha sendo anunciado na imprensa e eu próprio julgava que isso era um dado adquirido. Fico muito satisfeito que continuem com esse plano de renovação da frota da SATA.

Também fico muito satisfeito com a preocupação do Governo justamente com a Ilha do Corvo, porque essa é uma ilha que nos deve merecer especialmente preocupação.

Eu tinha informação que os testes com o “DASH”-8 tinham corrido muito bem. Fiquei um bocadinho espantado quando vi na imprensa aquelas referências. Acho que o avião se revelou com excelentes capacidades. Acho que é um choque “Take-off and landing. Portanto, tem excelentes capacidades para operar na pista do Corvo.

Faço votos que venha a ser adquirido e que o Governo tenha essa preocupação de não deixar a Ilha do Corvo fora das acessibilidades. Pelo menos no transporte aéreo a preocupação é evidente.

Está-se a preparar o futuro, aliás, com se esteve no passado.

Vamos aos transportes marítimos.

Infelizmente já não posso dizer a mesma coisa

Portanto, o Governo não teve essa preocupação em relação à Ilha do Corvo.

Respondendo ao Sr. Deputado Lizuarte Machado, devo dizer que o Governo não teve essa preocupação em trazer um navio, por exemplo, à semelhança do que aí anda – um navio estrangeiro – porque os emigrantes vêm de avião, para darem a volta às ilhas dos Açores.

O navio aporta ao lado do Corvo e tem meios próprios, dispensando o barco do Sr. Deputado José Manuel Nunes, para fazer chegar as pessoas ao Corvo. Aporta ao lado, é turismo de 3ª idade, tem condições de segurança boas.

O que quis dizer é que é possível haver um modelo em que o navio fique ao largo e faça o transporte pelos seus próprios meios, porque ele existe e esteve no Corvo há dias, permitindo que as pessoas visitem o Corvo e passem lá um dia pelo menos.

Isso trazia desenvolvimento à ilha, aumentava o turismo e é claro que trazia vitalidade àquela pequena ilha do nosso arquipélago.

Portanto, era isso que eu queria dizer, era isso que era possível fazer e foi isso que o Governo não fez.

O navio estrangeiro vai lá, as pessoas desembarcam com os meios do próprio navio e visitam a ilha. Isto é um dado. É um facto.

Portanto, era nessa preocupação e não sei se o futuro navio também estará adaptado para isso.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Tem essas condições!

**O Orador:** Muito bem. Fico satisfeito, pese embora o passado. Erros todos nós cometemos, mas também se corrigem.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

**(\*) Deputado António Marinho (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Apenas para uma questão que foi suscitada pela intervenção do Sr. Deputado Francisco Coelho, relativamente à questão dos 9 dias e da minha parte ter referido que os 9 dias para mim são curtos.

Também é curto para quem anda e para quem está bem integrado. Provavelmente o Sr. Deputado Lizuarte Machado, que é um especialista na matéria, também o dirá.

Contactando nos últimos dias um especialista na matéria, pessoa com larga experiência, dizia que (e isso o Sr. Deputado Lizuarte Machado o confirmará) normalmente nesta situação os barcos estão – ele utilizou uma palavra inglesa - “*engaged*” de pelo menos um ano antes. Portanto, estão comprometidos um ano antes.

Isto é, quando um concurso é lançado em Novembro, se chega a Fevereiro, obviamente só se referenciam, e vou utilizar as palavras do Sr. Deputado Lizuarte Machado, 3 barcos. Desses 3 barcos, 2 estavam “apalavrados” para uma empresa.

O que foi definido pelo parecer jurídico foram 6 – da Atlanticoline, não foi do Governo Regional – e deram mais 3. Magnânicos! Podiam dar mais 4. Seriam um bocadinho mais magnânicos.

Para todos os efeitos foram 9 dias. Para quem deixou 9 dias para 8 empresas que largaram o processo, porque havia uma cláusula restritiva e depois retomaram não sei quanto tempo depois as negociações, 9 dias é curto.

Quem diz que é curto sou eu (parece-me curto!) e quando digo que é curto é porque no contacto com os especialistas são eles que afirmam que é um prazo curto.

O que é legal é que eu aceite aquilo que vem no parecer jurídico, como é óbvio. Mal feito fora se eu não aceitasse isso.

A questão não está aí. É uma questão de bom senso e de promoção da concorrência e aí é que pode ser negativo. Se se promovesse maior concorrência, potencialmente ter-se-ia feito um negócio melhor.

Muito obrigado.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos suspender os nossos trabalhos para intervalo.

Antes disso, passo a informar os tempos disponíveis:

- Governo: 37 minutos;
- Partido Socialista: 36 minutos;
- Partido Social Democrata: 18 minutos;
- Partido Popular: 20 minutos;
- Deputado Independente – 10 minutos.

Regressamos às 18 horas.

*Eram 17 horas e 30 minutos.*

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos retomar os nossos trabalhos.

*Eram 18 horas e 10 minutos.*

Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Foi aqui afirmado por um Sr. Deputado do PSD, relembrando afirmações do Sr. Secretário Regional da Economia, de que estamos perante um novo patamar de exigências.

É exactamente isto que acontece. É este o contexto certo em que as questões têm que ser colocadas.

Estamos, de facto, perante um novo patamar de exigências.

Não é por ter prazer em gastar dinheiro que se vão investir cerca de 50 milhões de euros na construção de novos navios. Vão-se investir cerca de 50 milhões de euros na construção de novos navios justamente porque se percebeu, por aquilo que tem acontecido nos últimos anos e por aquilo que continua a acontecer, que este tipo de contratos em que se vai ao mercado contratualizar navios por um ano ou por dois, para além de ter um funcionamento complicado, não garante exactamente esse novo patamar de exigências que se pretende. É justamente por isso que se avançou – enfim, já está a decorrer o concurso, pelo menos dos dois primeiros navios – para que possamos exactamente atingir esse novo patamar de exigência e de qualidade que pretendemos.

Relativamente à questão dos velhinhos Cruzeiros, Sr. Deputado, os Cruzeiros são excelentes navios e têm dado ao longo dos anos provas disso. Particularmente no canal e nas situações mais aflitivas de evacuação de doentes, são excelentes navios e espero que continuem a ser

durante muitos anos, se a sua manutenção for feita. Estruturalmente são muito bons por isso poderão ser utilizados durante muitos anos.

Foi um projecto com muito mérito para a época em que surgiu, tem servido de forma excelente todo o Grupo Central numa primeira fase, onde iam também à Terceira e à Graciosa. Já deixaram de o fazer porque esse tal patamar de qualidade que se exige hoje para viagens a essa distância, eles não conseguem satisfazer, mas são excelentes navios e continuarão por certo a navegar durante algum tempo.

Sr. Deputado José Manuel Nunes, eu registo a sua generosidade relativamente ao transporte dos passageiros do *ferrie* para terra. Desde já, agradeço a boleia, que não seria a primeira. Mas o senhor sabe que não é assim que as coisas são, não é assim que esse transporte é feito, não é assim que esse transporte será feito.

O novo navio que fará a ligação inter-grupos vem equipado com os meios necessários para fazer esse transporte com segurança e com qualidade, sobretudo se atendermos a uma questão que foi aqui referenciada pelo Sr. Deputado Artur Lima, se não estou em erro, é que justamente parte desses passageiros são pessoas com algumas dificuldades, por vezes, de se movimentarem, exigindo-se assim meios adequados para se fazer esse transporte.

Sr. Deputado António Marinho, relativamente aos 9 dias, é evidente que os 9 dias que foram dados entre a primeira e a segunda fase, eram suficientes. Como o senhor referiu, o especialista do transporte marítimo que o Sr. Deputado contactou, afirmou, e afirmou bem, que este tipo de navio normalmente está “*engaged*” com um ano de antecedência, isto é, estão contratualizados com pelo menos um ano de antecedência, porque um navio é um investimento muito caro e ninguém fica com um navio nas mãos à espera que no dia seguinte apareça alguém para usar nos próximos 3 meses ou nos próximos 15 dias. Não, não é assim.

Portanto, estes operadores que têm navios, colocam-os nos *brokers* por essa Europa fora e tentam contratualizá-los com a maior antecedência

possível e por um período o mais largo possível de tempo e é justamente por isso que quando se vai ao mercado à procura desses navios, se encontra a situação que foi referenciada, e muito bem, pelo Sr. Presidente do Conselho de Administração da Atlanticoline.

Esses 3 navios foram referenciados por todas as entidades ou empresas que tinham levantado o caderno de encargos e esses navios estavam disponíveis para qualquer uma daquelas empresas. Portanto, os 9 dias eram suficientes. Não é em 9 dias que se prepara um processo destes.

Para quem esteve no processo e levantou o caderno de encargos esses 9 dias eram suficientes e não foram impeditivos para que surgissem, na fase de negociação, novas propostas.

Acho que por sua vez, a apresentação do certificado de navegabilidade, passado por uma entidade certificadora membro da IACS, também não era absolutamente nada restritivo, nem da concorrência, nem da apresentação de proposta, desde logo, porque essa cláusula era universal, aplicava-se a todos os concorrentes ou a todos os possíveis concorrentes. Não era impeditiva de nenhum tipo de concorrência ou de apresentação de propostas.

A alteração dessa cláusula que surgiu no âmbito do programa do concurso e não do caderno de encargos, tal como está perfeitamente clarificado no parecer jurídico e é perfeitamente legal, a da não obrigatoriedade na apresentação, mas à data de entrada ao serviço do navio, era mais um elemento que podia permitir que todas as entidades ou empresas que tinham levantado o caderno de encargos pudessem concorrer.

Portanto, é claro que tudo o que era possível ser feito em termos do cumprimento da legalidade e do facilitar, que todos pudessem apresentar a suas propostas, foi feito. Isso tem que ficar registado, porque esse é que é um dado fundamental neste processo.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Macedo.

(\*) **Deputado Jorge Macedo (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar queria registar o voto de silêncio do Sr. Secretário Regional da Economia. Certamente teremos a honra de ouvir V. Exa. Sr. Presidente do Governo, para responder a muitas das questões que foram colocadas e que neste momento estão, pura e simplesmente, sem qualquer resposta.

Vou começar pela questão da concorrência entre propostas. Conseguimos pelo menos uma coisa, foi que algum ou alguns Srs. Deputados da bancada do Partido Socialista admitissem que a concorrência ia favorecer o concurso, nomeadamente ao nível da redução do preço das propostas. Esta pelo menos é a consequência das questões que nós levantámos aqui. Foi dito e escrito no relatório da Comissão de Economia e esta conclusão foi dita e vai ficar gravada nesta Sessão da Assembleia Regional.

Tanto é mais verdade que a concorrência ajuda a conseguir propostas mais atractivas, neste caso, para o erário público, que gostaria de recordar o processo de negociação que se seguiu à fase do concurso, que teve apenas um concorrente, em que a Transmaçor reduziu apenas e só – e foi nos dito na Comissão de Economia, pela Sra. Presidente do Júri – com uma simples máquina de calcular, um milhão de euros.

A pergunta pode ficar no ar: quantos outros milhões podiam ser reduzidos, caso houvessem propostas em concorrência nesse processo de negociação?

**Deputado António Marinho (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Ou seja, não facilitaram o processo concorrencial, não facilitaram a concorrência e por isso mesmo, nós, os açorianos, estamos a pagar muito caro pelo serviço de transporte marítimo de passageiros.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Não estão!

**O Orador:** Para finalizar, recordo que, neste momento, a Região – os açorianos – está a pagar, por dia (para reforçar aquilo que acabei de dizer, que a concorrência prejudicou as propostas e que a proposta única foi

muito elevada), cerca de 9.400 contos pelo serviço de transporte marítimo de passageiros.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): E quanto é que estão a pagar por avião?!

**O Orador:** Essas contas são muito simples. Nos próximos dois anos, como referi na minha intervenção, vão ser pagos 14,1 milhões de euros, que a dividir por 300 dias, que é o prazo máximo da operação – sendo certo que um dos barcos só opera 90 dias, mas já dando de barato que são 300 dias – dão a módica quantia de 9.400 contos.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Uma visão redutora!

**O Orador:** Se isso não é delapidar o erário público, se isso não é prejudicar os açorianos e os impostos que os açorianos pagam pelo seu trabalho... Sr. Secretário, apetecia a dizer: “eu vou ali e já volto!”.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Boa noite! Até amanhã!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Vou começar pelo fim, de uma forma muito simples.

A Região Autónoma dos Açores comprou os aviões da SATA. Fomos nós que comprámos e custaram milhões. Nós pagámos indemnizações compensatórias, cerca de 15 milhões de euros por ano e pagamos as passagens. Custa dinheiro.

O transporte aéreo nos Açores custa muito dinheiro.

O transporte marítimo nos Açores também custa muito dinheiro.

Eu disse na comissão que o transporte marítimo de passageiros nos Açores dava uma outra dimensão ao arquipélago que não pode ser resolvida pelo transporte aéreo.

Naquela altura até percebi a concordância do próprio PSD. Estranho agora que o PSD venha com números desses, de uma demagogia barata, falar dos milhões que se estão a gastar, não percebendo que se gastam



milhões no transporte aéreo, mas que são fundamentais esses milhões para unir os Açores.

Os Açores hoje são menos periféricos. As ilhas dos Açores, hoje, estão mais próximas entre si e mais próximas do Continente e do mundo, porque tivemos a coragem e o arrojo de estabelecer uma linha estratégia para o desenvolvimento das acessibilidades dos Açores.

Hoje, os transportes estão mais baratos do que eram, mesmo a preços correntes, há 10 anos atrás.

Custa dinheiro, Sr. Deputado! Muito! Mas é importante para o nosso desenvolvimento.

É como a educação. É importante, mas custa muito dinheiro. Como é importante a saúde, mas também custa muito dinheiro.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Sr. Secretário, não compare!

**O Orador:** Sr. Deputado, demagogia barata não vale a pena.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Isso é que é demagogia barata!

**O Orador:** Sr. Deputado, vamos às propostas, aos 9 dias.

Aquilo que disse o Sr. Deputado Lizuarte Machado é bem verdade, das pessoas andarem à procura dos navios (70 dias). Encontraram e referenciaram os navios e quando desistiram, quando se soube que o concurso ficou sem concorrentes, eu consultei os interessados e perguntei quantos dias é que precisavam a mais. O que me foi dito foi que 6 dias eram suficientes. Percebeu, Sr. Deputado?

Falei com a Açorline e com os outros. Uns disseram-me que nem sequer iam concorrer, mas mesmo assim mandei a proposta para todos e incluí 9 dias que era mais do que aquilo que as pessoas precisavam.

Vamos passar a outro assunto, porque este está encerrado.

Passamos para a Ilha do Corvo.

Nós temos necessidade de resolver o problema das acessibilidades da Ilha do Corvo. Ainda não resolvemos completamente e só vamos resolver quando nas Flores fizermos o Núcleo de Recreio Náutico, para que o barco que existe actualmente possa ter nas Lajes um sítio de

estacionamento durante o dia e durante a noite, sem vigilância, como tem que ter actualmente. Só assim nós podemos pensar em ter capacidade. Se o empresário local não funcionar bem, a própria administração portuária tomará conta dessa embarcação. Isso é fundamental para nós.

Segundo aspecto: o acesso ao Corvo dos barcos do transporte marítimo de passageiros que fazem entre Santa Maria e o Corvo.

Nós estamos a pensar nisso, mas temos que fazer com segurança.

Aquilo que o Sr. Deputado Lizuarte Machado disse é verdade. Se acontecer um acidente, nós somos responsáveis.

Nós temos que ter um navio apropriado para isso, feito para isso.

De 1 de Junho a 30 de Setembro, todas as semanas, as Flores e o Corvo terão o barco lá. É uma grande mudança! É uma mudança para aproximar as Ilhas dos Açores, transformar as Flores e trazer as Flores e o Corvo para o centro deste arquipélago. É por isso que o transporte marítimo dá uma outra dimensão aos Açores.

Em relação ao transporte aéreo, Sr. Deputado, nós vamos fazer todo o possível, caso se verifique que há necessidade de colocar mais voos para as Flores no dia das festas que falou.

Contactarei pessoalmente a administração da SATA e vou verificar como é que estão as listas de espera para que isso ocorra e não haja dificuldades nas marcações para a Ilha das Flores.

Em relação aos aviões, nós estamos a fazer algo que parece extremamente importante, que vai libertar o Corvo das duas tripulações que neste momento tem. Ou seja, quando nós tivermos aviões que possam funcionar como todos os aviões existentes na frota Air Açores, se um avião não puder ir à Quarta-feira e se na Quinta-Feira, por algum azar a outra tripulação já tiver excedido o seu tempo, outra tripulação qualquer, de outro tipo de avião, poderá ir ao Corvo.

Neste momento nós só temos duas tripulações. Se houver um azar com essas duas tripulações nós não temos hipóteses de colocar o voo no dia seguinte. Isso tem acontecido e nós gostaríamos que isso não acontecesse.

Para além disso, esse avião terá uma maior dimensão e poderá resolver o problema da carga do Corvo, que é também importante, principalmente na área do peixe.

O Corvo tem grandes potencialidades na área da pesca (algumas, pelo menos à sua dimensão) e muitas vezes não tem possibilidades de exportar o peixe fresco do Corvo para o exterior. Com um avião maior isto poderá ocorrer. É também com isso que fazemos a coesão social e económica nos Açores.

Muito obrigado.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Jorge Macedo:

O anúncio do concurso para o transporte marítimo de passageiros e viaturas entre as ilhas da Região Autónoma dos Açores foi publicado no jornal das comunidades no dia 29 de Novembro de 2005, com data limite de entrega de propostas, salvo erro, a 2 de Fevereiro de 2006.

Nove empresas levantaram o caderno de encargos. Apenas concorreu uma.

Não me diga que quer acusar o Governo pelo facto de só uma empresa ter levantado o caderno de encargos?

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Não. Foram 9!

**O Orador:** Nove levantaram o caderno de encargos. Apenas 1 concorreu.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Com certeza. É sinal de que o caderno de encargos estava bem feito!!!

**O Orador:** O caderno de encargos, tecnicamente, foi bem feito.

Se quem levantou o caderno de encargos não concorreu, essa é outra questão. Até porque há um outro dado que é fundamental neste processo, e quem está no mercado sabe que estas coisas não funcionam só a partir do momento em que é público o caderno de encargos. É que o Governo já tinha anunciado, há meses, muitos meses que não ia exercer o direito de opção com a Açorline por mais um ano.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Há muitos meses, não! Há mesitos!

**O Orador:** Esse dado é fundamental.

Quem tinha intenção de concorrer, obviamente que começou a trabalhar no processo a partir dessa altura.

Portanto, não apareceram mais concorrentes. Essa responsabilidade não pode ser assacada nem ao Governo Regional, nem ao Sr. Secretário, nem a nenhum de nós aqui presente.

As questões de concorrência são as que são. Os concorrentes são o que são e aparecem quando aparecem.

Na fase de negociação a Região, através da Comissão que nomeou para esta fase de negociação, fez aquilo que tinha a fazer. Negociou melhores condições e reduções de preços. Era essa a sua obrigação. Conseguiu. Temos que lhes dar os parabéns porque tentaram e conseguiram, porque a proposta inicial tinha 3 anos mais 3, obviamente que os custos imputáveis aos primeiros 3 anos eram diferentes dos últimos três meses, e portanto, como o que se pedia eram 2 mais 4, houve por aí uma redução.

Por outro lado também, na nota justificativa dos custos de operação, a comissão verificou que havia ali custos que estavam eventualmente empolados e havia possibilidades de haver aí algumas reduções.

A Sra. Presidente do Júri disse, é verdade, que o concorrente pegou na máquina de calcular, fez algumas continhas e disse que podia baixar não sei quanto.

Se quer a minha opinião pessoal, isso assusta-me, porque não conheço nenhum concorrente que em circunstâncias normais faça uma conta dessas em 2 segundos, mas essa é uma questão do concorrente.

A Comissão que estava a negociar fez aquilo que tinha a fazer, que era tentar negociar a melhor situação possível para a Região e a melhor situação possível para a Região foi a redução dos milhões que estão aqui espelhados.

Portanto, os parabéns à Comissão porque fez o seu trabalho e assumiu as suas responsabilidades.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Srs. Deputados, recorde que em termos de declarações finais, o interpelante usará da palavra e em último lugar o Governo, conforme ficou decidido há alguns meses.

Para uma intervenção final, tem a palavra o Sr. Deputado Clélio Meneses.

(\*) **Deputado Clélio Meneses (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar e desde logo, gostaria de saudar a presença do Sr. Presidente do Governo Regional nesta sessão, não por nenhuma satisfação pessoal em tê-lo aqui, mas sobretudo pela satisfação democrática em ter no Parlamento Regional o Presidente do Governo Regional dos Açores.

Entendemos que é essencial no respeito pela Democracia, no respeito por este Parlamento e sobretudo para que haja um debate político vivo em que cada um possa confrontar cada qual com as opiniões, com as posições e com as perspectivas que cada um entende mais adequado.

Infelizmente o Sr. Presidente do Governo Regional furtou-se ao debate e guarda-se para a comodidade de não ter contra-resposta, mas é esta a sua perspectiva, é esta a sua atitude e o que é certo é que neste ano apenas por duas vezes o Presidente do Governo Regional dos Açores se deu ao trabalho de vir ao Parlamento Regional.

A notícia devia ser a ausência. Pelos vistos, a notícia é a presença.

Gostaria também de deixar aqui duas breves notas sobre as longas intervenções do Partido Socialista neste debate. Desde logo, uma que me foi feita pessoalmente pelo Presidente do Grupo Parlamentar do Partido

Socialista, para já pela sua contradição: primeiro os Deputados do PSD não poderiam fazer uma avaliação da organização do Governo Regional, mas o senhor, pelos vistos, quer intervir na organização do PSD.

Por outro lado, eu entendo que o senhor não perceba que no PSD existem órgãos próprios. Cada ilha tem as suas comissões políticas, tem os seus órgãos próprios que actuam e que defendem as ilhas. Entendo que o senhor não perceba isso, porque da parte do Partido Socialista há uma voz única e todos se calam às ordens do chefe superior.

Da parte do PSD existem comissões políticas, órgãos próprios que defendem as suas ilhas e o Deputado António Ventura, como Presidente da Comissão Política de Ilha, da Terceira, está a fazê-lo bem e irá fazê-lo cada vez melhor.

A segunda nota tem a ver com a permanente postura do PS que mais uma vez se voltou a repetir neste debate. Este debate era para falar de barcos, mas da parte do Grupo Parlamentar do PS, grande parte deste tempo, que poderia ser utilizado na defesa dos interesses e das preocupações dos açorianos, foi gasto no repetido ataque ao PSD.

Sei que não querem que eu diga isto, mas sempre que o Partido Socialista tiver essa atitude de ataque ao PSD, temos sempre que denunciar. Por sinal agora utilizam essa expressão equívoca do velho PSD e do novo PSD sendo certo que o PS já é velho, velho nas políticas, velho sobretudo na postura, na prática e na expectativa dos resultados que cria em relação aos açorianos.

Essa postura, neste processo concreto do transporte marítimo de passageiros, revela a exaustão.

É a postura do anúncio, da propaganda, dos comícios. E os resultados? “Os resultados não temos nada a ver com eles”, ou “então chutamos para a frente”. Repito: o anúncio, a propaganda, os comícios. E os resultados? “Ou não são nossos” ou “chutamos para a frente”.

Esquecem-se que têm 10 anos de responsabilidade, 10 anos de passado, 10 anos sobretudo de um trabalho que os açorianos esperavam que fosse de outra forma.

Quando digo isto confirmo, concretizo, porque se formos a ver, se formos reler os discursos, as intervenções, os jantares com mais novos ou menos novos, do Presidente do Governo Regional dos Açores, vamo-nos inquietar para encontrar um momento que seja em que não se tenha feito o elogio aos transportes marítimos de passageiros como se fossem uma das maravilhas do mundo moderno.

Desde 1997 até hoje, quase sempre, cada vez que é dada a oportunidade de falar ao povo, era o elogio aos transportes marítimo de passageiros. E releio (e o Sr. Presidente do Governo Regional não está só neste processo), o Sr. Secretário Regional da Economia, a 27 de Maio de 1998, que anunciava:

“Vai ser um sucesso!”

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** E é!

**O Orador:** Em 13 de Novembro de 1998, o Presidente do Governo quando fazia o balanço dos dois anos de governação dizia:

“Foi um sucesso!”

Lançou com sucesso o projecto do transporte marítimo de passageiros.

Em 27 de Novembro de 1999 (ao tempo que isto foi!) o Presidente do Governo falava de uma aposta estruturante neste projecto do transporte marítimo de passageiros.

Em 25 de Junho de 2001, anunciava, confirmava, propagandeava que tinha sido uma boa aposta.

Agora, perante o desabar do problema, com barcos parados, outros que não vêm, outros que não sabem quando é que vêm, vem dizer “eu tinha razão”.

Oh, messa!

*(Risos dos Deputados da bancada do PSD)*

Só agora! Passados 10 anos!

Quando está tudo bem, “fui eu”!

Se corre mal, “eu já sabia! Eu já sabia que ia correr mal!”

*(Risos dos Deputados da bancada do PSD)*

É esta a postura que o Governo Regional vem demonstrando e que é preciso denunciar, aclarar e, sobretudo, é preciso alertar os açorianos e alguns daqueles que estão aqui para a verdade, para a realidade de todo este processo.

O Governo Regional é que anunciou, é que propagandeou, lançou o projecto, criou as empresas, lançou o concurso. O Governo Regional é que é accionista. É de uma Secretaria Regional que sai o fax com o nome de uma empresa. Tudo isto tem a ver com o Governo Regional! Obviamente!

Tudo isto é grave (isto é que é grave!) pois é um processo repleto de falhas e de sinais de incompetência, de grave incompetência!

Vou começar pelo princípio (é preciso que se comece pelo princípio para que todos se lembrem do que é que se está a passar):

Alguns ainda se lembram de um barco chamado IAPETOS.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): E o Triject?

E o Terralta?

**O Orador:** Eu estou a falar do transporte marítimo de passageiros inter-ilhas.

Em 20 de Agosto de 1997, o gabinete de propaganda do Governo anunciava, em letras gordas”.

“Hidrofoil e IAPETOS I chegam amanhã a São Miguel”

Dizia:

“Com a chegada do IAPETOS I ficarão asseguradas as ligações com a Ilha de Santa Maria, estando já reforçados os horários daquele circuito a



fim de responder à grande procura de reservas com vista à participação no Festival Maré de Agosto”.

O IAPETOS teve o fim que todos conhecem. Há quem diga que retiraram o IAPETOS da baía de Ponta Delgada para as imagens virtuais das Portas do Mar.

O que é certo é que o IAPETOS foi uma vergonha para a Autonomia. O triste papel e desempenho que teve foi uma vergonha para os Açores. Uma responsabilidade que é vossa.

Por outro lado, e ainda para Santa Maria, o Sr. Presidente do Governo, no lançamento da primeira pedra do cais de ferries e terminal de passageiros de Vila do Porto, falava naquele investimento numa óptica de médio prazo e dizia que “a Ilha de Santa Maria será a primeira ilha dos Açores a ter um cais de desembarque de passageiros dedicado a *ferries boats*”. Falava em 2,6 milhões de euros e sobretudo acentuava de que a concepção deste projecto “teria por base privilegiar a funcionalidade...” (oh, messa!) “...de um porto que era para ter um barco onde não consegue aportar”.

Esta é uma tristeza para o anedotário da política regional. Faz-se o investimento no porto de 2,6 milhões de euros, mas no discurso da inauguração passou para 3 milhões, como é costume. E no discurso da inauguração voltava-se a fazer a apologia do grande investimento em prol dos *ferries boats*. O que é certo é que foi feito o investimento e o barco nem consegue atracar. Imagine-se!

Por outro lado, um sinal da boa gestão do transporte marítimo de passageiros inter-ilhas, é isto que me foi fornecido por um cidadão desta ilha do Faial, da cidade da Horta.

No barco Ilha Azul uma passagem Horta/Praia da Vitória custa 29 euros.

No barco Cruzeiro das Ilhas, também da Transmaçor, Angra do Heroísmo/Horta custa 39 euros e 80 cêntimos.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Piora o barco!

**O Orador:** Que raio de política de transportes é esta em que há uma diferença de valores de mais de 10 euros na mesma viagem com barcos com qualidades claramente distintas?

É isto que acontece, é isto que vos deixa satisfeitos.

Da nossa parte, o que nos preocupa, o que preocupa o PSD é o mesmo que preocupa os açorianos, são os incómodos causados às pessoas, às famílias, às empresas, os incómodos nas expectativas que foram criadas. Foram muitos e muitos açorianos que manifestaram ao Grupo Parlamentar do PSD o seu incómodo, com a sua vida marcada, orientada e completamente alterada pela incompetência de todo este processo. Sobretudo porque isto custou dinheiro e se custasse dinheiro e se funcionasse bem, tudo bem. O problema é que custou todo este montante evidenciado, 16,8 milhões de euros só para os próximos 4 anos, (42 contos em cada viagem).

Para isto funcionar mal como funciona?

Alguém consegue justificar que se gaste tanto dinheiro para funcionar assim tão mal?

É isso que nos preocupa.

A resposta do Governo a tudo isto é a postura de mais anúncios, mais propaganda, mais atirar para a frente, chutar para a frente, irresponsavelmente.

Queria deixar aqui bem claro que isto também nos preocupa. Para além da preocupação essencial que são os interesses dos açorianos, preocupamos o sentido de responsabilidade das entidades públicas e o Governo Regional não pode fugir a esta responsabilidade, o Governo Regional não pode dizer que não tem nada a ver com isto.

O Governo Regional tem que assumir a responsabilidade de todo este processo nos últimos 10 anos, com todos estes milhões dos açorianos que foram gastos.

Também não podem ser irresponsáveis ao ponto de querer responsabilizar outros pelas vossas falhas.

Este processo é vosso.

Não podem pedir responsabilidades o PSD.

O PSD, como muitas vezes já aqui foi dito, já foi julgado, já foi Governo há mais de 10 anos, não pode ser responsabilizado pela vossa incompetência, sobretudo porque o passado é vosso.

E já que se fala em passado, e já que o PS está tantas vezes preocupado com as propostas do PSD, eu perguntaria: quem é que se lembra de quais eram as propostas do Deputado Carlos César em 20 anos de oposição?

Que propostas fez o Deputado Carlos César, em 20 anos, como membro da oposição?

É importante que todos se recordem disso, sobretudo, que todos pensem nisso quando começarem a atirar pedras à responsabilidade que os outros não têm.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** Este processo tem custado milhões aos açorianos.

Causou, como disse, tanto transtorno e tanto incómodo às pessoas, às famílias, às empresas, à economia das ilhas mais pequenas, conforme foi aqui demonstrado por deputados dessas ilhas, incrivelmente ridicularizados pela oposição porque os deputados da ilhas pequenas nada dizem sobre este processo.

Todo este processo marca um Governo!

Todo este processo marca sobretudo um Governo pela confirmação da estratégia, da postura na falta de estratégia e de rumo e marca os açorianos. Marca os açorianos que, pelos novos anúncios das velhas políticas, dos velhos políticos que querem ser novos, só vão ver implementado, conforme agora de novo anunciado, 12 anos depois, o projecto que pelos vistos era o ideal.

É muito tempo!

De facto, é muito tempo!

Tem sido muito dinheiro e o PSD, sempre e sempre, por muito que incomode o Partido Socialista e a maioria arrogante que o caracteriza, entende que os açorianos querem mais e merecem melhor!

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Presidente do Governo Regional dos Açores.

**(\*) Presidente do Governo Regional dos Açores (Carlos César):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados:

Permitam-me que, em primeiro lugar, exteriorize a minha congratulação pela interpretação que o PSD promoveu neste Parlamento, seguindo, aliás, e bem, o conselho que lhes dei há alguns meses atrás no sentido de estimular o debate e de enquadrá-lo com o rigor regimental adequado.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Ao qual o senhor foge!

**O Orador:** Farão o favor de agora me deixar falar, se é que têm as saudades que dizem que têm do Presidente do Governo.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Os apartes são regimentais.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Os nossos são tão regimentais quanto os seus.

**O Orador:** Mas os meus não existiram.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Eu tenho pena que esta intervenção final do Grupo Parlamentar do PSD tenha decorrido durante cerca de 8 minutos e 24 segundos, por parte do Sr. Presidente do Grupo Parlamentar do PSD, exclusivamente insultando o Presidente do Governo Regional, o Secretário Regional da Economia, o Sr. Deputado Lizuarte Machado...

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Dê um exemplo! Citá-lo é insultá-lo?!

**O Orador:** ... e o Grupo Parlamentar do PS, em geral.

Todavia fico muito satisfeito por este debate parlamentar que ocorreu.

Foi uma interpelação que permitiu conhecer os pontos de vista do PSD sobre alguns detalhes da política de transportes marítimos que vivemos na Região e que permitiu conhecer a política estratégica, global, do Governo Regional dos Açores para o transporte inter-ilhas nos Açores.

Digamos que o PSD centrou o debate, sobre aquilo que pediu para ser debatido, ou seja, a política de transporte inter-ilhas, em 16 dias de atraso de um barco e três ou quatro dias de atraso de outro.

O Partido Socialista e o Governo Regional responderam a este debate com a sua concepção sobre uma política de transportes marítimos e aéreos para a Região.

Pela minha parte eu desejo, como toda gente percebe e como é óbvio, que todas as políticas que o Governo desenvolva corram o melhor possível e corram bem.

Nem todas as políticas do Governo correm de forma extraordinariamente positiva. Algumas têm deficiências, algumas até têm efeitos inversos àqueles que nós pretendíamos quando as iniciámos. É assim a vida. Acontece a todos!

Digamos que neste processo (é verdade!) já tivemos barcos a mais, embora muitos menos barcos do que o PSD já teve no mesmo período. Mas confiamos que estamos a acertar, que aprendemos com o tempo e que aprendemos no tempo que tínhamos disponível legalmente para aprender, introduzindo um novo modelo.

Evidentemente que o Governo Regional tem sempre uma responsabilidade super-estrutural nesses acontecimentos, mas, como é evidente, o Governo Regional não pode ser directamente responsabilizado por eventuais deficiências de uma empresa, nem pode ser responsabilizado por eventuais excessos de zelo de um instituto fiscalizador das embarcações.

É verdade que tudo isto foi uma contrariedade e é verdade que nós, com ansiedade, esperávamos o dia em que este problema deixasse de existir e, no essencial, esta criação do Governo Regional do Partido Socialista, que

tantas vantagens tem trazido às nossas ilhas, pudesse recomeçar com normalidade e com melhoria de qualidade.

Este debate, porém, revelou algo que me pareceu claro: o progresso enorme que as nossas ilhas tiveram por via da melhoria do seu sistema de transportes internos e das acessibilidades de todas elas, melhoria inclusive com a introdução do transporte marítimo de passageiros, onde se viu (e é verdade!) que a apetência do sector privado tem sido sempre incerta, sobretudo encarada na totalidade do exercício da actividade económica nas rotas de todas as ilhas dos Açores.

O que nos trouxe o PSD de negativo nesta interpelação?

Que o transporte marítimo de passageiros, designadamente este ano, não começou a horas.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Este ano? E os outros?!

**O Orador:** Pois bem, tem acontecido. É verdade!

Este ano, 16 dias uma embarcação e ainda não sabemos se 2, 3 ou 5 dias outra.

Por isso, o Governo Regional aprovou um novo modelo de transporte marítimo de passageiros, com novas obrigações, com novos barcos, que quando chegarem veremos se constituem uma aposta acertada, alternativa e formulada pelo Governo Regional.

Trouxe-nos também a ideia que o Governo podia ter investido neste novo percurso (pelos vistos apoia o Governo Regional) mais cedo. Aliás, tanto dizem que o concurso é desencadeado demasiado tarde, como dizem em simultâneo que os prazos dados são demasiados curtos.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** E é perfeitamente coerente!

**O Orador:** Ficou provado neste debate que nós desencadeamos este processo concursal logo que o contrato que estava em vigor anteriormente, legalmente nos permitiu que o fizéssemos, e que desencadeamos este concurso logo também que a construção fosse garantida pela entrada em simultâneo, em vigor, do próximo Quadro

Comunitário de Apoio, onde encontraremos suporte financeiro para a construção dessas novas embarcações.

O PSD trouxe-nos, finalmente, uma terceira ideia: que o custo a despendido pelo Governo neste processo é demasiado elevado.

Que os custos são elevados, todos nós sabemos, como é elevado o custo que temos pela prestação de serviços públicos nas áreas da educação, da saúde e do transporte aéreo. Mas estes custos são os custos que correspondem aos preços do mercado, o mercado que é o nosso.

Aliás, nós, adeptos da economia de mercado, da liberdade de mercado, responsáveis historicamente nos Açores por nos libertarmos da espécie de soviétismo económico que vivíamos nos tempos do PSD, somos os primeiros a afirmar um clima de oportunidades do sector privado. Mas esta operação é difícil, implica não só muito dinheiro, como também grande arrojo empresarial, mesmo com o dinheiro que o Governo lá põe.

Por isso é natural que não tenham aparecido muitos concorrentes, porque é uma operação difícil e como é uma operação difícil é também uma operação cara para as indemnizações compensatórias do Governo Regional.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** O Sr. Secretário Regional da Economia, em 98, dizia que era a possível!

**O Orador:** No mercado livre, no nosso mercado livre deste Governo Regional, este Governo não diz às empresas para concorrerem, nem obriga as empresas a não concorrerem.

É assim que nós funcionamos, pelo menos há 10 anos para cá.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**O Orador:** Nós sabemos que há serviços que se desenvolvem nos Açores através de processos de indemnizações compensatórias

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** A Transmaçor concorda com isso!

**O Orador:** Poderíamos pagar menos?

Poderíamos! De facto, poderíamos pagar menos.

Como?

Por exemplo, se exigíssemos menos serviços a essas empresas que fazem o transporte marítimo de passageiros, ou então poderíamos pagar menos se exigíssemos a cada açoriano, que andasse em cada embarcação, que pagasse o dobro do preço pelo seu bilhete. Mas a questão é política!

Este Governo prefere este apoio público, facilitando a acessibilidade às ilhas que mais precisam de aumentar o seu mercado, custeando parte do preço do bilhete de cada uma das pessoas, tal como prefere também que estes barcos tenham maior frequência, que transportem mais passageiros, que tenham maiores obrigações e que contribuam com maior estabilidade e intensidade para o desenvolvimento dessas ilhas.

Portanto, aquilo que nós dizemos não é que gastamos não sei quantos euros por dia, por mês ou em 6 anos. Aquilo que nós dizemos e pensamos é que investimos muito dinheiro para que o transporte marítimo de passageiros seja uma realidade e beneficie o desenvolvimento, sobretudo das ilhas que dele mais carecem nos Açores.

**Secretário Regional da Presidência** (*Vasco Cordeiro*): *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**O Orador:** O PSD veio ao menos permitir que se retirassem conclusões sobre algumas determinantes do processo da política de transportes nos Açores nos últimos 9 anos.

No transporte aéreo foram imensas as conclusões, embora o PSD aparentemente não quisesse muito contribuir para elas, mas chegámos à conclusão que:

- o nosso transporte aéreo chega a mais ilhas, que agora até temos 5 *gateways* com o exterior e chega com mais do dobro da frequência que chegava quando nós entrámos para o Governo;



- há mais 80% de passageiros transportados nos nossos aviões do que havia quando entrámos para o Governo;
- as tarifas entre Lisboa e qualquer das ilhas dos Açores estão a baixo do preço do que as encontrámos quando entrámos para Governo;
- o custo das passagens aéreas inter-ilhas é mais barato a preços correntes daquele que encontrámos quando chegámos ao Governo;
- investindo na qualidade, com preocupação na qualidade, estamos a entrar numa nova etapa, num novo patamar que inclui, por exemplo, a renovação da frota da SATA AIR AÇORES com um novo equipamento que irá chegar aos Açores no final de 2007 ou no ano de 2008, permitindo mais comodidade à operação, mais segurança, mais economia, mais operacionalidade, mais qualidade;
- estamos a proceder a uma completa reestruturação das infra-estruturas de apoio nos nossos aeroportos, proporcionando comodidade e acessibilidade e condições de qualidade na Região que vão beneficiar sobretudo as ilhas mais pequenas;
- uma grande melhoria na capacidade de transporte de bens perecíveis (por exemplo, o peixe para comercialização) no âmbito do transporte aéreo.

Chegámos também quase a uma conclusão que até é surpreendente. É que no tempo dos Governos que me antecederam, o petróleo descia e as tarifas aumentavam. Agora, não sei como, as nossas passagens estão cada vez mais baratas e o petróleo está cada vez mais caro...

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Isso não é verdade!

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Onde é que estão mais baratas?!

**O Orador:** ... e só mudou uma coisa: o Governo!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

Muitas virtudes teve o Governo neste domínio!

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** O senhor não paga passagens?

**O Orador:** Deixe lá o seu azedume para outra ocasião.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Sempre ataques pessoais!

**O Orador:** Não são pessoais, são estomacais!

*(Risos dos Deputados da bancada do PS)*

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** A sua vontade é essa! É o nível do Presidente do Governo!

**O Orador:** Falemos do transporte marítimo.

No domínio do transporte marítimo, este debate parlamentar o que é que veio permitir concluir?

- Que os portos dos Açores deixaram de ser os portos mais caros do país;
- Que graças ao Governo do PS o número de visitantes nas nossas ilhas subiu excepcionalmente e com a introdução do transporte marítimo;
- Que o número de toneladas de mercadorias transportadas das ilhas subiu, em 9 anos, para o dobro;
- Que melhorámos as condições em todos os portos da nossa Região e que continuamos com o plano de infra-estruturação para os adaptar a todas as exigências, designadamente do transporte marítimo de mercadorias e de pessoas;
- Que a preços constantes baixou o frete de todo o tipo de contentores no transporte de mercadorias.

O Governo Regional ganhou uma batalha fundamental do ponto de vista da regulamentação, uma regulamentação nacional favorável em termos de cabotagem insular, com frete igual para todas as ilhas, com um toque em cada ilha de 15 em 15 dias, beneficiando sobretudo as ilhas mais pequenas e com mercados que dificilmente responderiam do ponto de vista de solicitação às empresas para que isso ocorresse.

Todo o processo dos concursos que nós realizamos no que diz respeito ao transporte marítimo de passageiros, é algo que me parece muito relevante. É que não só todos os oponentes no concurso, como todos os

observadores, não verificaram a ocorrência de irregularidades senão tê-las-iam em sede própria denunciado.

Como ficou muito claro, como tem sido sempre muito claro, há uma posição de seriedade do Governo Regional em todos os processos, não privilegiando, nem prejudicando empresas, nem pessoas.

Quando foi concessionado a Açorline nós não beneficiámos a Açorline como o PSD na altura disse.

Agora que foi concessionada a Transmaçor, nós não prejudicámos a Açorline como o PSD agora quer dizer.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Não quer não!

**O Orador:** Nós agimos com seriedade, como sempre. Por isso, nos meus governos quem entra pobre, pobre sai; quem entra remediado, remediado sai; quem entra rico, tenho quase a certeza que sai mais pobre!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

Concluimos que o Governo fez bem, fez no tempo que podia fazer, face ao contrato anterior que tinha pendente, em alterar este modelo, em abrir um novo concurso e em lançar um projecto de construção dos 4 barcos novos que revolucionarão uma nova etapa do transporte marítimo de passageiros nos Açores.

Concluimos, inclusive, pelo que eu ouvi, que o navio que está em funcionamento, que ainda não tive oportunidade de visitar, até é mais confortável e agradável que o navio anterior. Os Srs. Deputados do PSD certamente que andarão nele, usando esta grande iniciativa do Governo do Partido Socialista e com ele se deleitando, confirmarão.

*(Risos do Secretário Regional da Presidência)*

**Deputado Mark Marques (PSD):** É verdade, sim senhor.

Já viajei nele e é muito bom. Não sei se foi o Governo Regional, se foi o armador que o escolheu, mas é muito bom!

**O Orador:** Chegamos à conclusão que o Governo Regional foi também enormemente exigente com as empresas (não foi só com esta empresa!), usando todos os instrumentos legais para, na devida proporção, sancionar todos os incumprimentos e irregularidades praticadas por essas empresas. Teremos 4 barcos novos de transporte de viaturas adequados aos nossos portos, adequados ao nosso mar, todas as semanas a visitar o Grupo Ocidental, ou seja, vamos dar mais um salto em frente do ponto de vista de qualidade na prestação desse serviço público que os Governos do PSD tinham virado as costas e que agora acusam os Governos do PS de gastar dinheiro com ele. Nós vamos continuar a gastar porque respeitamos este valor essencial que é o da unidade dos Açores e do direito das ilhas mais pequenas terem acesso a serviços que as ilhas maiores naturalmente teriam sem o apoio do Governo.

**Deputado José San-Bento (PS):** *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**O Orador:** Sras. e Srs. Deputados, queria terminar dizendo o seguinte:

O PSD (sejamos verdadeiros, porque é isso que se passa, é isso que eu vejo nas vossas caras, principalmente agora que me estão a ouvir!) tem uma imensa inveja do Governo do PS ter introduzido o transporte marítimo de passageiros nos Açores.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Olhe que não! Nada disso!

**O Orador:** Roem as unhas!

“- Por que é que eles é que conseguiram fazer isso?

- Por que é que aconteceu uma coisa dessas?”

Têm uma enorme inveja!

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Não é nada disso!

**O Orador:** O PSD não consegue também, ao mesmo tempo e por causa disso,...

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Isto já não é azedume, é fel!

**O Orador:** ... esconder a sua pequena satisfação pelo atraso de 4 ou 5 dias, por uma avaria num estabilizador, no sistema hidráulico. Telefonam logo uns aos outros:

- “Avariou! Avariou o barco!”

É a grande felicidade do PSD!

Isso quer dizer que no Governo já não foram grande coisa. Na oposição até são contra aquilo que beneficiam os açorianos só para serem contra o Governo.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

Em síntese, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros da Mesa do Parlamento:

O PSD acabou por “dar um tiro no pé”!

Não se interpelou! Atropelou-se!

Acabou por ouvir o que não queria ouvir!

Acabou por ver o que não queria ver!

E acabou por permitir que nós recordássemos o que os senhores queriam que nós escondêssemos.

O balanço dessa vossa interpelação é uma catástrofe para o PSD.

**Deputada Maria José Duarte (PSD):** E para o PS!

**O Orador:** “Vieram buscar lã e saíram tosquiados”!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** O Sr. Deputado Clélio Meneses pretende interpelar a Mesa. Faça o favor.

(\*) **Deputado Clélio Meneses (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Era para interpelar a mesa de acordo com as competências regimentais.

Ao Sr. Presidente cabe orientar os trabalhos e pôr ordem na mesa.

Das minhas palavras houve algum insulto a quem quer que fosse? O Sr. Presidente da Assembleia considera que citar o Sr. Presidente do Governo é um insulto?

Obviamente que não!

O que se passou foi que o Sr. Presidente usando...

**Presidente:** Sr. Deputado, o senhor já interpelou.

**O Orador:** ... a prerrogativa regimental de encerrar o debate, descarregou o fel com que obviamente nós vimos aqui.

**Presidente:** Encerrado este ponto, passamos ao ponto seguinte: **Análise e parecer ao relatório no âmbito da Resolução da ALRAA n.º 5/2006/A, de 14 de Abril, que "Resolve encarregar a Comissão Especializada Permanente de Economia de, nas suas funções de acompanhamento da actividade governativa, se ocupar especificamente da verificação das condições em que foi realizado o concurso e procedimento de negociação da adjudicação do serviço público de transporte marítimo de passageiros e viaturas nos Açores e de apreciar as condições estabelecidas para a concretização do referido serviço".**

Para apresentar o relatório, tem a palavra o Sr. Deputado Henrique Ventura.

**Deputado Henrique Ventura (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

**Relatório e parecer à Resolução n.º 5/2006/A, de 19 de Abril, da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores sobre as “condições em que foi realizado o concurso e procedimento de negociação da adjudicação do serviço público de transporte marítimo**

**de passageiros e viaturas nos Açores e as condições estabelecidas para a concretização do referido serviço”.**

A Comissão Permanente de Economia reuniu nos dias 3 de Maio e 7 de Junho de 2006, na delegação da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, em Ponta Delgada e no dia 23 de Junho, na delegação de Angra do Heroísmo, a fim de apreciar e dar parecer à Resolução n.º 5/2006/A, de 19 de Abril, da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores sobre as “Condições em que foi realizado o concurso e procedimento de negociação da adjudicação do serviço público de transporte marítimo de passageiros e viaturas nos Açores e as condições estabelecidas para a concretização do referido serviço”.

## **Capítulo I**

### Enquadramento Jurídico

O Projecto de Resolução foi apresentada ao abrigo da alínea d) do n.º1 do art, 23.º, da Lei 61/98, de 27 de Agosto – Estatuto Político – Administrativo da Região Autónoma dos Açores e nos termos do art. 114.º, do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores e apreciada nos termos da alínea a) do art.42.º. do referido Regimento.

## **Capítulo II**

### Apreciação na generalidade e especialidade

A Resolução n.º 5/2006/A, de 19 de Abril, da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores encarregou a Comissão Especializada Permanente de Economia, de:

- 1) Proceder à verificação das condições em que foi realizado o concurso e procedimento de negociação da adjudicação do serviço de transporte marítimo de passageiros e viaturas nos Açores;
- 2) Verificar se foram tidas em conta as anomalias que a experiência demonstrou terem afectado no passado a concretização do referido serviço público e se foram tomadas as medidas adequadas para evitar que os problemas se repetissem no futuro;
- 3) Obter outros elementos que pudessem ser considerados úteis para a que a Assembleia cumpra os seus deveres estatutários e regimentais;
- 4) Apresentar um relatório ao plenário da Assembleia Legislativa com o resultado do trabalho realizado, os elementos recolhidos e as respectivas conclusões, no prazo de três meses.

A Comissão deliberou na sua reunião de 3 de Maio de 2006 ouvir em audição o Secretário Regional da Economia, a Presidente do Júri do Concurso e o Presidente do Conselho de Administração da Atlânticoline, SA. Os Deputados do Partido Social Democrata propuseram ainda ouvir todas empresas que levantaram o Caderno de Encargos do Concurso, a fim de serem conhecidas as razões pelas quais tomaram a decisão de apresentar, ou não, uma proposta ao Concurso. A audição das empresas que levantaram o Caderno de Encargos do Concurso foi rejeitada pelos Deputados do Partido Socialista.

Nesta reunião a Comissão deliberou também solicitar ao Governo Regional os seguintes documentos:

1. Relativamente ao procedimento Inicial – Concurso

- a) Cópia do Caderno de Encargos;
- b) Cópia do Programa de Concurso;
- c) Lista das entidades que levantaram o Caderno de Encargos e o Programa de Concurso;
- d) Cópia das propostas apresentadas;



- e) Cópia da Acta da Comissão de Abertura das Propostas;
- f) Cópia da Acta da Comissão de Análise das Propostas;
- g) Cópia da deliberação ou despacho referente à decisão final.

## 2. Relativamente ao segundo Procedimento – Negociação Prévia

- a) Cópia da informação que suportou juridicamente a abertura de procedimento com negociação prévia sem publicação de anúncio;
- b) Cópia da deliberação ou despacho exarado sobre a informação referida na alínea anterior;
- c) Identificação das entidades convidadas para o procedimento;
- d) Cópia do Caderno de Encargos;
- e) Cópia do Programa de negociação prévia;
- f) Cópia das propostas apresentadas;
- g) Cópia da Acta da Comissão de Abertura das Propostas;
- h) Cópia da Acta da Comissão de Análise das Propostas;
- i) Cópia da Acta de Negociação;
- j) Cópia da deliberação ou despacho que adjudicou a prestação do serviço;
- k) Cópia da minuta do contrato e despacho ou deliberação que a aprovou.

## 3. Outros Dados

- a) Cópia do Programa de Concurso e Cadernos de Encargos promovido pela Atlânticoline para a aquisição dos novos barcos;
- b) Valores dos encargos dispendidos e previsão futura:
  - Com a comparticipação no apoio aos combustíveis;
  - Com as taxas portuárias e pilotagem;
  - Com o apoio aos programas dedicados à juventude e à terceira idade.

Atendendo ao volume da documentação esta não faz parte do presente relatório, encontrando-se arquivada no Arquivo da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

No dia 7 de Junho de 2006, a Comissão ouviu em audições separadas, na delegação da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na cidade de Ponta Delgada, o Secretário Regional da Economia, a Presidente do Júri do Concurso e o Presidente do Conselho de Administração da Atlânticoline SA.

### **Audição do Secretário Regional de Economia**

O Secretário começou por referir que o transporte de passageiros e viaturas na Região não é um serviço que desperte o interesse dos empresários, enquanto os navios não forem da Região. O transporte é sazonal, entre Julho e Setembro e representa cerca de 80.000 passageiros movimentados por ano. Mais acrescentou ter sido o concurso para 2006 apresentado com bastante antecedência. Apontou o aumento do custo do aço e a existência de muito trabalho nos estaleiros como dificuldades em serem adquiridos novos navios. Em Fevereiro de 2006, o Governo só tinha duas opções, ou a Atlânticoline negociava directamente os navios e assegurava o serviço ou, por outro lado, passava ao procedimento de negociação sem publicação prévia de anúncio. Mais esclareceu que a questão da idade dos navios tem a ver com regulamentos comunitários, que neste concurso optou-se por dividir em duas fases o nível de custos, 60% na primeira e 40% na segunda e que a entrega dos navios novos está prevista, na melhor das hipóteses, para Março de 2008.

O Deputado Jorge Macedo começou por dizer que não ia colocar questões técnicas.

Disse que as suspeições surgiram pelo modo como o concurso foi feito e que girou à volta de empresas públicas (Atlânticoline e Transmaçor), acrescentou que o investimento feito nos últimos anos tinha sido de 33 milhões de euros (Indemnizações compensatórias à Açorline mais o

concurso), importância que daria um novo barco. Concordando que o transporte marítimo de passageiros dá dimensão à Região, no entanto considera que, da forma como tem sido feito, só prejudica a programação das férias dos turistas, o planeamento das actividades das entidades prestadoras de serviços na área do turismo, bem como defrauda as expectativas criadas junto das populações das diversas ilhas, descredibilizando o transporte marítimo de passageiros junto dos mercados turísticos da Região. Por fim, perguntou: porque razão não foi prorrogado o contrato com a Açorline? Porque optou o Governo na 2ª fase da operação, por separar as rotas? E, se acha que a separação das rotas prejudicou a atractividade do concurso, com o conseqüente prejuízo da concorrência entre as propostas?

O Secretário esclareceu que o contrato com a Açorline só poderia ser renovado por mais 2 anos, terminando em 2007. A Região só terá estabilidade nos transportes depois de serem adquiridos navios novos, daí a necessidade de avançar para novo concurso e não para renovação. Mais esclareceu que a separação das rotas poderia beneficiar o concurso pelo aumento da concorrência. A aquisição do navio mais pequeno irá facilitar as operações nas ilhas do grupo central.

O Deputado António Marinho disse aceitar que o novo concurso poderia trazer mais estabilidade, por ser um período temporal mais alargado. No entanto na prática isso não aconteceu, em função dos sucessivos episódios que rodearam o concurso.

O Secretário considerou que quanto menor for o período da 1ª fase mais agravada seria a diluição dos custos da operação. Que o navio que se encontra nos Açores é melhor do que o anterior. Referiu que da parte do Governo não houve favorecimento de nenhum empresário, mas reconhece que o investimento é muito alto e que o risco da operação também, que os exemplos das Canárias, Grécia e Madeira, não se aplicam à Região Açores atendendo ao fluxo de passageiros ser muito diferente.

O Deputado Jorge Macedo referiu que no programa do concurso era exigida a certificação da IACS como factor relevante e que na fase seguinte da negociação a mesma foi retirada. Perguntou se essa condição não teria sido inibidora no concurso público inicial e ainda qual a lotação e velocidade do navio “ilha azul”.

O Secretário reconheceu que o ideal seria ter a certificação desde o início do processo, no entanto, atendendo ao facto de não ter aparecido mais ninguém a concorrer e por esse requisito não fazer parte do caderno de encargos e atendendo ao tempo disponível para o início da operação, foi alterado o momento de apresentação do referido certificado. Quanto à lotação afirmou que o navio estava certificado para 600 passageiros, não tendo conhecimento de qualquer limitação da velocidade imposta pela entidade certificadora.

O Deputado António Marinho referiu que alguns empresários ao verem a cláusula que exigia a certificação, não concorreram. Considerou, por isso que o prazo dado para que os mesmos concorressem ao procedimento por negociação, no qual poderiam estar interessados, foi curto, com excepção óbvia da Transmaçor.

O Secretário disse ter um parecer jurídico que apoia a decisão do Governo, e que o prazo mínimo exigido por lei era de 6 dias, tendo o Governo Regional decidido dilatar o mesmo para 9 dias.

O Deputado Lizuarte Machado concordou com o rigor da análise feita, pelo Governo Regional, sobre o serviço prestado pela Açorline, e disse esperar que o mesmo rigor seja usado com a empresa que venceu o presente concurso. Mais acrescentou considerar que os navios a utilizar nesta fase apesar de mais novos do que os anteriores são menos evoluídos tecnologicamente.

O Secretário respondeu que o investimento inicial, neste concurso, é muito grande e por isso houve a necessidade de o tornar mais aliciante na segunda fase dilatando o prazo para 4 anos, mas que o rigor de análise do serviço prestado seria o mesmo.

O Deputado António Marinho questionou se os barcos que irão prestar o serviço não estarão nas mesmas condições do Golfinho Azul e se o Governo Regional tem ou não uma outra solução, para o caso do não cumprimento da cláusula sobre multas e rescisão de contrato, que prevê o prazo de 30 dias para que seja dado início ao serviço.

O Secretário respondeu que em relação à primeira questão competia às entidades certificadoras dar as garantias de que os barcos estariam em boas condições. Em relação à segunda questão respondeu que o Governo Regional não tinha uma segunda solução por esperar e confiar que tudo ficaria resolvido.

### **Audição à Presidente do Júri do Concurso**

A Presidente do Júri começou por fazer o enquadramento legal do concurso de acordo com o DL 197/99, de 8 de Junho, que o regulamentava. As propostas foram recebidas até às 17 horas do dia 2 de Fevereiro de 2006, tendo como único concorrente a Transmaçor, que entregou a sua proposta cinco minutos antes da hora limite. Aquando da abertura da proposta, constatou que o valor era excessivamente alto, mas naquele momento, tinha unicamente que se limitar verificar se os documentos estavam ou não conforme as regras do concurso. De acordo com o caderno de encargos, os documentos entregues foram sujeitos a análise, o preço e prazo foram divulgados e o acto público encerrado. Na análise da proposta foi constatado que do navio Athina não era apresentado certificado passado por uma entidade membro da IACS. Referiu ainda que a situação financeira não se apresentava discriminada por anos, nos termos do caderno de encargos, o que originava um erro grave prejudicial em termos do interesse público. Foi, por estas razões, deliberado não aceitar a proposta.

A Atlanticoline decidiu convidar para apresentação de proposta todas as entidades que tinham levantado o caderno de encargos, retirando o

requisito da apresentação do certificado, desde que o concorrente se compromettesse a apresentá-lo até ao dia do início da operação.

O Deputado Jorge Macedo perguntou se a Transmaçor justificou ou não o abaixamento de 28% na segunda proposta.

A Presidente respondeu que o concorrente tinha sido confrontado com dados da nota justificativa dos custos de operação e por isso terá decidido baixar o preço.

O Deputado Lizuarte Machado lembrou que o combustível a usar por estes navios será diesel e não nafta, e por isso, mais caro.

O Deputado António Marinho perguntou se, na sequência da mudança da 1ª para a 2ª fase do concurso, por terem sido dados apenas 9 dias, não teria sido beneficiado o concorrente Transmaçor, ao que a Presidente respondeu que todos os concorrentes o poderiam ter feito.

### **Audição ao Presidente do Conselho de Administração da Atlanticoline SA**

O Deputado Jorge Macedo perguntou se era razoável que tivesse sido exigido no caderno de encargos a entrega do certificado no momento da entrega da proposta, se seria possível encontrar um modelo que garantisse maior concorrência, se a tranquilidade que falara o Secretário Regional não estaria a onerar o serviço, por ter sido exigido o certificado na altura da apresentação das propostas e na segunda fase no início da operação.

O Presidente do Conselho de Administração da Atlânticoline SA disse ser uma operação sazonal, haver poucos navios disponíveis e que não foram feitas alterações significativas ao concurso.

O Deputado Lizuarte Machado perguntou se o Presidente do Conselho de Administração da Atlanticoline SA tem acompanhado os procedimentos para adaptação e certificação do navio que antecedem a fase de operação e se os Açorianos podem ficar tranquilos em relação à segurança do mesmo.

O Presidente do Conselho de Administração da Atlanticoline SA respondeu que o atraso no início da operação deve-se precisamente à obrigação de cumprir todas as condições exigidas pela IACS.

O Deputado Luís Paulo Alves perguntou se algum dos concorrentes tinha pedido mais tempo para concorrer, ao que lhe foi respondido, pelo Presidente, da Atlânticoline, não ter conhecimento.

Questionado pelo Deputado Jorge Macedo se a intranquilidade estava a onerar o serviço que estávamos a pagar. O Presidente da Atlânticoline disse que não dado que a certificação teria que sempre que ser feita e ser paga.

O Deputado Jorge Macedo perguntou se podia tirar-se a seguinte conclusão: com a exigência da apresentação do certificado IACS, aquando da apresentação das propostas, ficou prejudicada a concorrência das propostas, situação essa que originou excesso de confiança do número de concorrentes. Deste modo a Atlânticoline estará a pagar um valor muito elevado pelo serviço contratado. Ao que o Presidente da Atlânticoline respondeu: concordo.

### **Capítulo III**

#### **Conclusões**

Após a audição às várias entidades e personalidades referenciadas no capítulo anterior e através da documentação entregue, a Comissão em reunião realizada para o efeito, retirou as seguintes conclusões:

1. As condições do contrato de gestão de serviços de interesse económico geral relativo à exploração de navios de transporte de veículos e passageiros entre as ilhas do arquipélago dos Açores foram aprovadas pela Resolução n.º 152/2005, de 3 de Novembro.
2. A Resolução n.º 181/2005, de 24 de Novembro aprovou a proposta apresentada pela Atlânticoline, SA, relativa à organização e processo de concurso do serviço

público de transporte marítimo de passageiros e viaturas entre as ilhas da Região Autónoma dos Açores.

3. Pela Resolução anterior foram aprovados os anúncios, programa e caderno de encargos do respectivo concurso público internacional.

4. O anúncio do concurso foi publicado no Jornal Oficial das Comunidades (JOC) em 29 de Novembro de 2005, tendo, entre 25 de Novembro de 2005 e 23 de Dezembro de 2005, levantado o caderno de encargos nove empresas.

5. O prazo para a entrega de propostas terminou no dia 2 de Fevereiro de 2006, tendo-se realizado no dia seguinte o acto público de abertura das propostas, verificando-se que apenas apresentou proposta a empresa TRANSMACOR – Transportes Marítimos Açorianos, Lda., e que a mesma cumpria os requisitos formais.

6. No âmbito da análise da proposta, constatou-se que a mesma era inaceitável, porquanto:

- Não cumpria, quanto a um dos navios, com o disposto na alínea h) do artigo 1.º das Cláusulas Técnicas do Caderno de Encargos;

- Apresentava um valor de compensação financeira para a primeira fase de 18.246.889,00 €, o qual correspondia a três anos e não a dois, conforme constava do artigo 5.º das Cláusulas Jurídicas do Caderno de Encargos, e um valor de 5.284.246,00 € para apenas três anos da segunda fase, e não quatro conforme impunha o mencionado artigo.

7. Em 7 de Fevereiro de 2006, o júri do concurso elaborou o respectivo relatório final, propondo, nos termos do n.º 3 do artigo 106.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de Junho, que a proposta apresentada pelo único concorrente fosse “excluída do concurso público internacional para a adjudicação do fornecimento do serviço público de transporte marítimo de passageiros e viaturas entre as ilhas da Região Autónoma dos Açores”, considerando a “proposta inaceitável”.

8. Na mesma data, o conselho de administração da Atlânticoline, SA, deliberou, por unanimidade, concordar com o parecer constante do relatório final do júri do concurso, excluindo, conseqüentemente, o único concorrente, o qual foi notificado da deliberação.



9. Da deliberação de não adjudicação e do relatório final do júri do concurso foi dado conhecimento, pela Atlânticoline, SA, ao Senhor Secretário Regional da Economia.

10. Ainda na mesma data, o conselho de administração da Atlânticoline, SA, decidiu adoptar o procedimento por negociação sem publicação prévia de anúncio, nos termos do disposto na alínea d) do artigo 84.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de Junho, nomeando a respectiva comissão. Esta deliberação, bem como o programa de procedimento e caderno de encargos, foi levada ao conhecimento do Senhor Secretário Regional da Economia.

11. A Atlânticoline, SA, enviou ofício/convite a todas as empresas que haviam levantado o processo relativo ao concurso público, solicitando a entrega de propostas, no âmbito do novo procedimento, até ao dia 16 de Fevereiro de 2006.

12. Decorrido o prazo, constatou-se que apenas a TRANSMAÇOR – Transportes Marítimos Açorianos, Lda., voltou a apresentar proposta, tendo a sessão de negociação decorrido no dia 23 de Fevereiro de 2006.

13. Na sequência deste procedimento, o conselho de administração da Atlânticoline, SA, adjudicou o fornecimento do referido serviço à TRANSMAÇOR – Transportes Marítimos Açorianos, Lda., em 24 de Fevereiro de 2006, pelo valor global de 16.965.462,00 €, sendo 9.681.893,00 € respeitantes aos dois anos da primeira fase e 7.183.569,00 € relativos aos últimos quatro anos, tendo o correspondente contrato sido assinado em 23 de Março de 2006.

14. O novo procedimento pré-contratual respeitou o mesmo objecto e teve por base as mesmas condições contratuais previstas no Caderno de Encargos inicial e as mesmas regras relativas ao conteúdo das propostas previstas no Programa do Concurso, com excepção daquela que exigia a entrega de um certificado de classe do navio, emitido por uma entidade classificadora membro da IACS, que foi substituída pela exigência de entrega de uma declaração, sob compromisso de honra, de que tal certificado seria obtido, no caso de adjudicação.

15. Da conjugação do disposto nas alíneas a) do artigo 83.º e d) do n.º 1 do artigo 84.º do Decreto-Lei n.º 197/99, de 8 de Junho, resulta a possibilidade de se adoptar o procedimento por negociação sem publicação prévia de anúncio, verificados cumulativamente os seguintes pressupostos:

- Na sequência de concurso, todas as propostas tenham sido consideradas inaceitáveis;
- Não sejam substancialmente alteradas as condições iniciais do caderno de encargos;
- Sejam convidados a apresentar propostas no novo procedimento todos os concorrentes que tenham apresentado propostas em conformidade com os requisitos formais do processo de concurso e que preencham todos os requisitos relacionados com os concorrentes.

16. Tendo em conta a experiência e as anomalias verificadas em concursos anteriores o Caderno de Encargos e o Programa do Concurso salvaguardaram os seguintes aspectos:

- Exigência de um certificado de classe do navio, emitido por uma entidade classificadora membro da IACS;
- A exclusão do concurso de navios com idade igual ou superior a 30 anos.

17. Nos termos das conclusões anteriores resulta claro que foram cumpridos todos os normativos legais em vigor no processo de adjudicação do fornecimento do serviço público de transporte marítimo de passageiros e viaturas entre as ilhas da Região Autónoma dos Açores.

Angra do Heroísmo, 23 de Junho de 2006.

**O Relator:** Henrique Correia Ventura

O presente relatório foi aprovado por unanimidade com excepção dos pontos 16 e 17 das Conclusões, que foram rejeitados pelos Deputados do Partido Social Democrata. Para os Deputados do Partido Social Democrata a décima sexta conclusão não dá resposta ao ponto 2 da Resolução.

**O Presidente:** *José de Sousa Rego*

*(O Deputado Cláudio Lopes foi substituído no lugar de Secretário da Mesa pelo Deputado Luís Henrique)*

**Presidente:** Está aberto o debate sobre este relatório.

Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

(\*) **Deputado António Marinho (PSD)**: Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Relativamente a este relatório e depois das horas que passávamos a falar à volta desta questão, a única coisa que gostaríamos de apontar relaciona-se com o facto de por parte dos Deputados do PSD não ter havido aprovação dos pontos 16 e 17 do relatório.

O ponto 16, porque considerávamos que relativamente ao ponto 2 da Resolução apresentada pelo CDS/PP, em que dizia “verificar se foram tidos em conta as anomalias que a experiência demonstrou ter afectado no passado a concretização do referido serviço público e se foram tomadas as medidas adequadas para evitar que os problemas se repitam no futuro”, considerámos que o facto de se ter passado a exigir “um certificado base do navio, emitido por uma entidade classificadora membro do IACS” e “a exclusão do concurso de navios com idade igual ou superior a 30 anos”, não levou a que se evitassem a que os problemas se repetissem no futuro. As provas estão perfeitamente à vista, pelo que conhecemos já da operação deste ano. Os problemas do passado subsistiram e subsistem neste momento, ainda que tenham sido salvaguardados estes aspectos que aqui vêm referidos no ponto 16, e por isso decidimos não o aprovar.

Relativamente ao ponto 17, em que se diz “nos termos das conclusões anteriores resulta claro que foram cumpridos todos os normativos legais em vigor no processo de adjudicação do fornecimento do serviço público de transporte marítimo de passageiros e viaturas entre as ilhas da Região Autónoma dos Açores”, obviamente que não podemos subscrever este ponto. E não podemos porquê:

Eu recordo que tínhamos apresentado uma Proposta de Resolução no sentido de solicitar ao Tribunal de Contas que analisasse este concurso, e aí sim, seria uma análise da legalidade deste concurso, no caso concreto

optou-se por aprovar uma resolução do CDS/PP para que fizéssemos a avaliação política deste concurso.

Por isso, não nos sentimos inclusivamente capazes de afirmar peremptoriamente que foram cumpridos todos os normativos legais em vigor. Foram cumpridos uma séria deles, aliás, aprovámos, de entre as outras conclusões, as restantes 15. Não podemos dizer que foram cumpridos todos os normativos legais em vigor.

Mais ainda. Aprovámos o resto do relatório. Ouvimos 3 pessoas (o Sr. Secretário Regional da Economia, a Sra. Presidente do Júri e o Sr. Presidente do Conselho de Administração da Atlanticoline). Tínhamos dúvidas no momento em que entrámos em Comissão, analisámos o processo e ouvimos estas 3 entidades.

Continuaram algumas dúvidas depois de os termos ouvido.

Por algum motivo suscitámos uma interpelação ao Governo que decorreu nas horas imediatamente anteriores e as dúvidas ainda existiam, e podemos dizer depois de tudo, que depois destas 3 ou 4 horas (não sei exactamente quantas!) obviamente mantemos as dúvidas que tínhamos e em nada mudámos as dúvidas que tínhamos neste conturbado, confuso e atabalhoado processo.

Muito obrigado.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Há 3 meses propusemos que esta casa exercesse o seu dever de fiscalização da actividade governativa do Governo.

Pelos vistos foi uma proposta que fizemos há 3 meses, que foi aprovada nesta casa, que desenvolveu trabalho em comissão e que permitiu este debate que aqui se fez hoje. Ao menos contribuiu para esclarecer mais e melhor o problema do transporte marítimo inter-ilhas.

Em boa hora o fizemos.

Foi uma proposta que dignifica e dignificou o trabalho desta casa. Trouxe aqui um aceso debate e, obviamente, permitiu fazer a avaliação política da actividade do Governo, porque outro tipo de avaliação não compete naturalmente a esta casa fazer, mas julgo que da avaliação política, cabe a cada um de nós tirar hoje as suas conclusões.

Relativamente ao ponto 2 ficamos um pouco mais esclarecidos durante o debate de hoje, não durante o trabalho da Comissão porque este relatório não dá resposta ao ponto 2 da nossa Proposta de Resolução, mas de qualquer dos modos mostrou que esta casa tem capacidade de exercer. A melhor forma de o fazer, ao invés de uma comissão de inquérito, foi através desta Proposta de Resolução.

Muito obrigado.

**Presidente:** Não havendo mais inscrições, dou por encerrada a apresentação do relatório.

Passamos ao ponto seguinte: **Proposta de Decreto Legislativo Regional - "Medidas preventivas aplicáveis na zona de expansão da Escola Básica dos 1º e 2º Ciclos/Jardim-de-Infância da Ponta da Ilha"**.

Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu lembro ao Grupo Parlamentar do PSD que a apresentação deste diploma foi por mim próprio feita num plenário anterior, e, portanto, escusam de estar já a crucificar o Sr. Secretário. A rapidez com que os senhores apontam baterias é realmente uma coisa surpreendente.

Esta Proposta de Decreto Legislativo Regional visa o estabelecimento de medidas preventivas aplicáveis na zona de expansão da Escola Básica dos 1º e 2º Ciclos/Jardim-de-Infância da Ponta da Ilha.

As medidas cautelares visam evitar que alterações discriminadas das circunstâncias criem dificuldade à execução da futura obra.

Trata-se de uma obra fundamental para a reorganização da rede escolar do Pico e, neste caso, do concelho das Lajes do Pico, uma vez que as

melhorias pedagógicas, as melhorias na qualidade, no conforto também, atendendo à redução de distâncias percorridas por miúdos em tenra idade, são imensas.

Esta é uma obra que está prevista na Carta Escolar da Região. É uma obra que nós consideramos fundamental e, na especialidade, em termos de Comissão, não mereceu reparos. Contributos, também não teve.

Não é relevante, mas o Sr. Presidente da Câmara Municipal da Madalena confundiu as suas funções de Presidente de Câmara com as de Presidente do Conselho de Ilha, mas isso não é relevante. Aliás, é uma questão que pode acontecer a qualquer passo, portanto, não é assim tão importante como isso.

Mas não deixa de ser relevante, porque tratando-se de uma escola do Concelho das Lajes do Pico, a Câmara Municipal das Lajes do Pico nada tenha dito, uma vez que está aqui em causa reduzir-se, para miúdos até aos 10 anos, sobretudo na faixa dos 9, 10 ou 11 anos, em muito, as distâncias percorridas durante o dia. Estamos a falar de percursos de ida e volta à volta dos 50 km. Portanto, isto é fundamental para o bem-estar destas crianças, é fundamental para se criar um núcleo escolar com alguma dimensão onde a socialização seja possível e onde o sucesso escolar também possa vir a beneficiar.

Portanto, gostava que ficasse registado que a Câmara Municipal das Lajes do Pico nada disse e se calhar isso também diz muito da actual Câmara Municipal das Lajes do Pico.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Cláudio Lopes.

(\*) **Deputado Cláudio Lopes (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar gostaria de reiterar também aqui o lamento do Deputado Lizuarte Machado pelo facto de dois órgãos importantes, um de ilha e outro concelhio, não se terem pronunciado em devido tempo (nem

fora de tempo sequer!) sobre uma matéria tão importante, que tem a ver com a reestruturação do sistema de ensino do Concelho das Lajes.

Apesar disso, gostava de transmitir a esta câmara que o Grupo Parlamentar do PSD vai votar favoravelmente estas medidas preventivas, mas não quer deixar passar esta oportunidade sem marcar bem a sua posição política quanto ao objectivo que está subjacente a estas mesmas medidas.

Pretendemos por isso deixar aqui algumas considerações e procurar esclarecer um pouco melhor o que a tutela pretende com a reestruturação da rede escolar no concelho das Lajes do Pico, nomeadamente na zona leste da ilha, denominada Ponta da Ilha.

Da leitura do preâmbulo do Projecto de Decreto Legislativo Regional, pode inferir-se que se pretende criar a Escola Básica do 1º e 2º Ciclos/Jardim-de-Infância da Ponta da Ilha, supostamente com base na ampliação da actual Escola Básica do 1º Ciclo/Jardim-de-Infância da Piedade.

O meu primeiro reparo vai exactamente para esta designação.

Creio que não existe na Região nenhuma escola que tenha como designação qualquer ponto cardeal, ou sub-ponto cardeal, ou designações similares com pontas, periferias ou centros.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** É inovação, Sr. Deputado!

**O Orador:** O que é mais próprio como designação de uma escola é o nome do seu concelho, da sua freguesia, do seu lugar, ou então de algum patrono.

Por isso, deixo aqui este reparo, que é um pormenor, mas que me parece legítimo, porque denominar-se esta escola de Ponta da Ilha, penso que é retirar identidade à Escola Básica do 1º Ciclo/Jardim-de-Infância da Piedade.

Portanto, descaracteriza, digamos, a identidade desta escola.

Não sei se este nome é iniciativa própria do Governo, se foram ouvidas algumas entidades ou organismos, ou a própria comunidade local, que sugeriu este nome. Não sei! Gostava de saber (já agora, é um pormenor).

Gostaria de aproveitar a presença do Sr. Secretário para, sobre esta matéria, fazer objectivamente 3 perguntas:

A primeira: qual é concretamente o plano de reestruturação escolar pretendido para esta zona do concelho que engloba as três freguesias (Ribeirinha, Piedade e Calheta do Nesquim)?

Segunda: que medidas práticas vão ser efectivamente tomadas, já que as condições físicas da escola da Piedade são actualmente muito precárias?

Terceira: que calendário se prevê para a implementação destas medidas?

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência.

**(\*) Secretário Regional da Educação e Ciência (Álamo Meneses):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta reestruturação que se pretende fazer naquela zona da ilha do Pico, tem muito de semelhante com uma que já foi feita e com grande sucesso na zona do Topo da Ilha de São Jorge.

De facto, as duas freguesias que constituem o antigo concelho do Topo tinham, se não me engano, 6 estabelecimentos escolares até há relativamente pouco tempo.

Esses 6 estabelecimentos escolares foram, ao longo dos últimos 7 ou 8 anos (creio que foi há 7 anos que se iniciou esse processo) concentrados num único estabelecimento e nesta altura funciona na Vila do Topo uma única escola que ministra desde a educação pré-escolar até ao 9º ano de escolaridade.

Esta alteração que foi feita naquelas freguesias com a concentração de todas as escolas num único estabelecimento, teve 2 efeitos. Por um lado, melhorou imenso o desempenho da escola. Hoje a escola do Topo é uma das escolas que apresenta bons indicadores de desempenho e apresenta



neste momento uma forma de funcionamento e uma dinâmica de escola que é invejável.

A escola do Topo, hoje, tem presença, quer em termos do desporto escolar, quer em termos dos resultados das provas de avaliação somativa externa, quer em termos de todos os outros indicadores de funcionamento. Tem resultados que são os melhores da Região.

Isto demonstra que este tipo de escola, escolas rurais que funcionam em zonas de difícil acesso em relação às escolas sede dos respectivos concelhos, podem vir a ser um sucesso.

Embora de forma menos acentuada, em termos de isolamento e também maiores, porque são escolas maiores, nós temos na Ilha de São Miguel duas escolas de carácter rural que funcionam com carácter semelhante a este. Refiro-me concretamente à Escola dos Ginetes e à Escola da Maia, que também apresentam indicadores razoáveis de funcionamento.

Neste momento está a decorrer na Ilha das Flores um conjunto de conversações, e já existem alguns resultados relativamente animadores, que apontam que no Concelho das Lajes das Flores vai ser possível fazer uma operação deste género.

Neste momento estão a funcionar, se não me engano, 5 escolas no Concelho das Lajes e está-se a pensar tão rapidamente, quando as condições o permitirem, juntar todas estas escolas numa única escola, neste caso na própria Vila das Lajes, e alargar o seu funcionamento ao 6º ano de escolaridade. Se as condições o permitirem, ou seja, se o número de alunos crescer, pretendemos criar condições que permitam alargá-lo progressivamente até ao 9º ano, se houver alunos que venha a justificar isso, mas numa primeira fase alargá-lo até ao 6º ano, situação semelhante a esta que se pretende fazer no caso da Piedade.

Aí também se pretende iniciar com o 6º ano, mas se algum dia as condições o permitirem alargar até à conclusão do ensino básico. É esse o objectivo.

As experiências anteriormente feitas indicam que é um bom caminho, que é um bom processo.

Agora, respondendo concretamente às suas perguntas:

- Reestruturação da rede escolar.

Isto implica a extinção das 3 escolas existentes nesta zona e a criação de uma única escola. Quanto ao nome da escola, eu não tenho nenhuma preferência especial pelo nome.

Existem regras sobre a denominação da escola.

Este nome, é o nome da criação da escola, mas obviamente dentro das regras que estão estabelecidas no Decreto Legislativo Regional 12/2005, o nome pode vir a ser alterado, pode vir a ser denominado depois dela estar a funcionar com o processo que está lá legalmente estabelecido. Portanto, eu não tenho nenhuma preferência por este ou por qualquer outro nome.

Também, lhe quero dizer que em termos de nome, no caso concreto da Ilha Terceira, há um projecto que está em andamento, que se chama Escola do Ramo Grande também por uma questão que tem a ver com uma denominação geográfica num conjunto de freguesias.

O que se tem tentado fazer nestas situações em que há agregação de escolas fora de uma série de freguesias, é tentar criar nomes que sejam neutros em relação à freguesia.

Aquela escola não será a Escola da Piedade, será a escola das três freguesias que são servidas por ela.

Portanto, não é conveniente que se chame Escola da Piedade, porque ela não será a Escola da Piedade. Ela fica situada na Piedade, mas é tanto Escola da Piedade como é da Ribeirinha, como é da Calheta de Nesquim.

Portanto, não há nenhuma exclusividade em relação à área que ela serve.

A mesma coisa acontecerá em breve no caso de Santo Amaro e Prainha, em que haverá no próximo ano lectivo a extinção da Escola de Santo Amaro por falta de alunos, e a Escola da Prainha vai passar a denominar-se Escola da Prainha e Santo Amaro, ou seja, o nome da Escola passa a

incluir as duas freguesias, porque a escola independentemente de estar localizada numa, serve as duas.

Deixo o desafio ao Sr. Deputado, se encontrar um nome mais bonito só terá que o propor.

Portanto, com isto creio que lhe respondo à questão da reestruturação da rede.

Na prática, o que é que é preciso fazer-se?

Será preciso iniciar um processo que terá eventualmente que passar por uma fase transitória. Eu não tenho a certeza que seja possível fazer funcionar já no próximo ano lectivo as aulas apenas naquele edifício, por razões de logística, e da própria dimensão. Talvez nós tenhamos que passar por uma situação semelhante àquela que está a ser pensada para o caso das Flores e por uma situação semelhante àquela que se viveu no Topo, em que tivemos uma parte das aulas a funcionar numa sociedade filarmónica na Vila do Topo, durante algum tempo, enquanto se faziam as instalações necessárias.

No caso das Flores, a Câmara Municipal das Lajes das Flores fez uma proposta de utilização de edifícios da Rádio Naval que em princípio serão adequados (ainda não foi tomada uma decisão final sobre o assunto, porque há necessidade de fazer uma visita técnica ao lugar). Portanto, será eventualmente necessário que durante algum tempo a escola funcione repartida por espaços que terão que ser vistos e encontrados.

O que é que se pretende construir no fim?

Pretende-se recuperar o edifício existente que tem graves deficiência. É um edifício de tecto plano que necessita de levar um tecto normal, tem que levar um tecto novo, caixilharias novas, tem que ser dividido e redimensionado e depois há um conjunto mínimo de instalações necessárias para fazer funcionar o 2º ciclo e refiro-me concretamente à questão dos espaços laboratoriais e aos espaços de informática, à necessidade de criar uma cantina porque os alunos passarão a ter alimentação incorporada e é necessário criar um pavilhão com as

dimensões mínimas para a prática da educação física que também não existe no lugar.

O investimento final envolve isto e, portanto, esta reserva de terrenos destina-se exactamente a permitir a realização destes investimentos, a construir as salas de aula que faltam. Em princípio faltam 4 salas de aula, falta o laboratório, a cantina e o pavilhão gimnodesportivo. Depois, é preciso construir um pátio e um espaço exterior.

As duas parcelas que estão a ser reservadas destinam-se a isso.

Quanto ao tempo, isso aí vai depender não apenas da Secretaria mas também da Câmara Municipal. É necessário que a Câmara Municipal participe neste processo.

A responsabilidade pelos estabelecimentos do 1º ciclo é municipal.

Um dos terrenos e a própria escola é propriedade municipal. A Câmara necessariamente tem que estar envolvida neste processo. Outro terreno terá que ser envolvido.

Eu não tenho nenhum calendário definido porque ainda não foi possível chegar a um entendimento com a Câmara Municipal sobre ele.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Cláudio Lopes.

(\*) **Deputado Cláudio Lopes (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Perante estas explicações, Sr. Secretário, gostava ainda de deixar aqui registada a nossa posição sobre esta matéria.

A primeira reacção que esta intenção de reestruturação teve no seio da comunidade educativa do concelho das Lajes, e também dos pais das crianças das escolas e das freguesias em referência, foi de uma completa oposição dos pais das crianças e das respectivas Juntas de Freguesia. No caso das freguesias da Ribeirinha e da Calheta do Nesquim, foi de uma reserva grande por parte dos órgãos de escola, nomeadamente do Conselho Executivo, a Assembleia de Escola e a Associação de Pais.

Por outro lado, gostaria de deixar aqui também a ideia de que esta medida para tornar-se efectiva tem que, necessariamente, como já disse o Sr. Secretário, proceder-se a uma ampliação da própria escola nos seus espaços funcionais, não só nos espaços, digamos, desportivos da cantina, mas creio que em termos de número de salas de aula terá que haver outras condições, nomeadamente laboratórios e espaços de utilização de computadores.

Terá que haver a garantia não só de todo o apetrechamento mas também de meios humanos e terá que haver a garantia do transporte das crianças das freguesias em causa para a Freguesia da Piedade e a respectiva alimentação, no caso de isso vir a acontecer.

Gostaria de relembrar, Sr. Secretário, uma coisa que sabe muito bem, como cidadão, como político e como pai também. Uma escola numa freguesia é uma instituição basilar da vida da comunidade. Em volta dela há uma ligação afectiva e efectiva da própria comunidade, não só em relação à escola, mas também às actividades que a própria escola desenvolve. Isso, quanto a mim, não deve ser desprezado.

Gostava de enfatizar o facto de que em freguesias com apenas uma escola, encerrar uma escola é como que matar uma parte da vida da comunidade dessa freguesia.

Por isso, sobre esta matéria, quero deixar aqui bem expressa a minha posição como Deputado eleito pela Ilha do Pico e também em nome deste Grupo Parlamentar.

É total e inequívoca a nossa concordância na implementação do 2º ciclo na Escola da Freguesia da Piedade, para os alunos não só desta freguesia, como para os alunos da freguesia da Ribeirinha e da freguesia da Calheta do Nesquim.

Portanto, é fundamentalmente por isso que nós votamos a favor desta medidas preventivas.

Já no que concerne aos alunos do 1º ciclo das freguesias da Ribeirinha e da Calheta do Nesquim serem transferidos para a freguesia da Piedade,

embora considerando os argumentos técnicos e pedagógicos aqui invocados, defendemos que enquanto existir um número razoável de alunos nestes níveis de ensino – refiro-me ao 1º Ciclo e ao Jardim-de-Infância – nas escolas destas freguesias, deve ser acautelado o seu funcionamento tanto quanto possível.

Refiro que no caso concreto da Ribeirinha, no próximo ano lectivo, por exemplo, o 1º ciclo funcionará com 16 alunos. No caso da Calheta do Nesquim, no próximo ano lectivo, o 1º ciclo funcionará com 15 alunos.

Esta situação num futuro próximo encontra alguma sustentabilidade legal, inclusivamente na Portaria nº 35/2006, de 4 de Maio, que no ponto 4 do artigo 61º, diz o seguinte:

“Nas freguesias onde exista apenas uma escola, o seu funcionamento será tanto quanto possível mantido dependendo de Despacho autorizador do Director Regional da Educação, nos casos em que a frequência seja inferior a 10 crianças na educação pré-escolar ou a 10 alunos no 1º Ciclo do Ensino Básico”.

Quanto aos Jardins-de-Infância, a nossa convicção é muito maior na defesa da sua manutenção naquelas duas freguesias, tratando-se de crianças entre os 3 e os 6 anos de idade.

Relativamente a estas rogamos que haja uma grande sensibilidade por parte de quem decide para que as medidas menos ponderadas não venham criar situações complexas e incómodas, não só para as crianças, mas que afectem a sua relação íntima e de proximidade com as suas famílias, nomeadamente com os seus pais.

No caso concreto das duas escolas em referência, no próximo ano, quer a Calheta do Nesquim, quer a freguesia da Ribeirinha, terão um universo de 10 ou 11 alunos nos Jardins-de-Infância.

Em suma, queremos deixar o registo das nossas sérias reservas quanto às alterações previstas pela tutela no âmbito da reestruturação da rede escolar no concelho das Lajes, nomeadamente na denominada zona da Ponta da Ilha, pelo menos no que respeita à concentração dos Jardins-de-

Infância e do 1º Ciclo na Freguesia da Piedade, embora concordando totalmente com a implementação do 2º Ciclo naquela escola e abrangendo as freguesias da Ribeirinha e da Calheta do Nesquim.

Por isso, concordamos com a aprovação destas medidas preventivas, concordamos com a ampliação e melhoria da Escola da Piedade para o funcionamento do 2º Ciclo e para uma eventual e futura concentração dos alunos do 1º Ciclo quando algumas daquelas escolas atingirem o número de alunos no 1º Ciclo ou nos Jardins-de-Infância que não justifiquem de todo a manutenção e funcionamento destes níveis de ensino.

Para já e atendendo aos números previstos para o próximo ano lectivo para as escolas da freguesia da Ribeirinha e da Calheta do Nesquim, e atendendo ao prejuízo social que representa para uma comunidade o encerramento de uma instituição basilar na vida comunitária de uma freguesia como é uma escola, defendemos que este não é ainda o momento próprio para se proceder a tão profunda reestruturação, embora tenhamos a consciência que seja necessário acompanhar a evolução da população estudantil bem de perto nestas freguesias e num futuro próximo.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência.

(\*) **Secretário Regional da Educação e Ciência** (*Álamo Meneses*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

Eu gostaria de dizer ao Sr. Deputado que o grande problema das escolas que o Sr. Deputado citou é o funcionamento de uma única turma com 4 anos de escolaridade. Todos os resultados são unânimes em apontar que essa não é a solução.

Repare-se que por melhor que seja o professor, cada ano de escolaridade, na melhor das hipóteses, terá 25% do tempo da sua atenção e na prática não é isso que acontece, porque acontece que nas fases iniciais do ensinar a ler e a escrever, são extremamente absorventes e o professor tem que

dedicar a maior parte do seu tempo aos alunos e obviamente que os mais velhos ficam a assistir.

O que tem acontecido em todas as escolas onde se tem feito a agregação de escolas – e já são muitas na Região, só há 3 anos atrás foram 56 as escolas que fecharam nos Açores – é que todas elas, depois do momento inicial que é sempre desagradável, porque ninguém gosta de perder uma escola, têm acabado por beneficiar e beneficiar muito.

Basta o Sr. Deputado, se assim o entender, ir à página da Internet da Secretaria Regional e verificar os resultados dessas escolas.

De facto, o que nós temos desta altura são enormes ganhos que resultam da agregação.

No caso concreto de São Jorge, o caso das duas freguesias do Topo e de Santo Antão, os ganhos são enormes. Um dos seus companheiros de bancada é dessa zona, conhece bem o processo e sabe os grandes ganhos que se tiveram.

Nesse caso concreto não eram 3 escolas. Se não me engano eram 6, contando com o Jardim-de-Infância que funcionava num lugar separado. Portanto, existiam 6 escolas. Hoje existe apenas uma com resultados que são muito, muito bons.

Não vale a pena penalizar as crianças por causa de uma falsa questão de dizer que a freguesia perde. A freguesia só perde quando os seus filhos, os seus miúdos, têm um sistema educativo que é abaixo do padrão. Aí é que a freguesia perde!

**Secretário Regional da Presidência** (*Vasco Cordeiro*): *Muito bem!*

**O Orador:** A freguesia ganha quando as suas crianças recebem uma educação com qualidade e o que nós queremos é que as freguesias ganhem e não que elas percam.

Posso-lhe dizer, Sr. Deputado, que a experiência, em todos casos, e já são muitos (já deve ter passado da centena) nos últimos anos, em que houve agregação de escola, é que se ganhou. Ganhou-se muito!



Citou um artigo de uma portaria. Podia ter citado outro que diz que uma escola, de lugar único, com 4 anos de escolaridade, só pode funcionar em condições excepcionais e com autorização do Director Regional quando não haja outra solução. O Sr. Deputado podia ter citado essa que creio que se aplicaria muito melhor àquilo que estamos aqui a discutir.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Este processo da escola da Ponta da Ilha, relativamente ao nome, deixe-me que lhe diga que este nome é exactamente para lhe conferir a verdadeira identidade, porque, de facto, a zona que vai da Terra Alta, à Calheta e ao fim dos Foros, é a Ponta da Ilha. Sempre foi e há-de continuar a ser.

O Sr. Deputado é da Ponta da Ilha!

Eu sou da Ponta da Ilha!

Pelo menos no que me diz respeito, eu tenho muito orgulho nisso.

Este foi um processo que começou ainda no final da Legislatura passada.

Eu e o Deputado Hernâni Jorge lançámos esta ideia, em conversa que tivemos com o Sr. Secretário, porque faz parte dos nossos compromissos eleitorais, e, apesar de tudo, o discurso do Deputado Cláudio Lopes não é novidade para mim, porque é evidente que tecnicamente é a solução mais adequada.

Quanto ao argumento dos 15 ou 16 alunos, esquecendo-se de dizer que estamos a falar de médias de 4 alunos por nível e estamos a falar de um professor para os 4 níveis, era o discurso que eu esperava e que eu sabia que ia acontecer. É o discurso de que, “sim senhor, as medidas são as melhores, essa é a solução adequada, mas se houver alguma contestaçãozinha lá estarei eu ao lado dessa constestação e ao lado dos meus presidentes de junta”.

Sr. Deputado, relativamente a isso, não é nenhuma novidade. Eu sabia que era exactamente esse discurso que ia fazer. É o discurso habitual, é o discurso em que a demagogia supera os argumentos técnicos.

Obrigado.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções, vamos votar este Projecto de Decreto Legislativo Regional na generalidade.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Na generalidade, o Projecto de Decreto Legislativo Regional foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos à votação na especialidade.

Não havendo proposta de alteração e se não houver oposição, estão em debate todos os artigos constantes no diploma.

*(Pausa)*

Não havendo intervenções, vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Os artigos anunciados foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Passamos à votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O Projecto de Decreto Legislativo Regional, em votação final global, foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Srs. Deputados, terminam aqui os nossos trabalhos.

Regressamos amanhã às 10 horas com o período de tratamento de assuntos políticos.

Boa noite. Até amanhã.

*Eram 20 horas.*

*Deputados que entraram durante a Sessão:*

*Partido Social Democrata (PSD)*

**Francisco Manuel Coelho** Lopes Cabral

**Osório** Meneses da **Silva**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**Aires** António Fagundes dos **Reis**

**Jorge** Alberto da **Costa Pereira**

*Deputado Independente (Ind.)*

**Paulo** Domingos Alves de **Gusmão**

*Deputados que faltaram à Sessão*

*Partido Socialista (PS)*

**Luís** Paulo de Serpa **Alves**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**Alberto** Abílio Lopes **Pereira**

**Jaime** António da Silveira **Jorge**

**Documentos entrados**

**1 – Diários:**

Estão presentes os Diários da ALRAA n.º 27, 28 e 29.

---

**A Redactora:** Maria da Conceição Fraga Branco